

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM CINEMA

INGRID XAVIER

FANDOM, UNICÓRNIOS E MODOS DE SUBJETIVAÇÃO LGBTQIAPN+:

UM ESTUDO SOBRE OS *EARPERS*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Cinema, Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Cinema e Narrativas Sociais.

Orientadora: Profa. Dra. Claudiene Santos

Co-orientador: Prof. Dr. Marcos Ribeiro de Melo

São Cristóvão

2024

INGRID XAVIER

FANDOM, UNICÓRNIOS E MODOS DE SUBJETIVAÇÃO LGBTQIAPN+:

UM ESTUDO SOBRE OS *EARPERS*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Cinema, Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Cinema e Narrativas Sociais.

Profa. Dra. Claudiene Santos

(Orientadora)

Universidade Federal de Uberlândia

Prof. Dr. Marcos Ribeiro de Melo

(Coorientador)

Universidade Federal de Sergipe

Prof. Dr. Djalma Thürler

Universidade Federal da Bahia

Profa. Dra. Maria Beatriz Colucci

Universidade Federal de Sergipe

São Cristóvão

2024

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

X3f Xavier, Ingrid.
 Fandom unicórnios e modo de subjetivação LGBTQIAPN+ :
um estudo sobre os *Earpers* / Ingrid Xavier; orientadora Claudiene
Santos. - São Cristóvão, SE, 2024.
 242 f.: il.

 Dissertação (mestrado Interdisciplinar em Cinema) –
Universidade Federal de Sergipe, 2024.

 1. Cinema. 2. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 3.
O contemporâneo. 4. Fãs (Pessoas). I. Santos, Claudiene, orient. II.
Título.

CDU 791.31

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer antes de mais nada a todos os fandoms que me fazem. Obrigada pelos universos abertos, pelos conflitos gerados e pelo acolhimento. Obrigado aos Earpers por sua paixão e gentileza. Obrigada a todos que compõem essa banca por sua paciência e maestria. Agradeço especialmente aos meus orientadores brilhantes e generosos. E Clau, muito obrigada por não me deixar desistir das 932 vezes que eu quis. Sou muito grata também aos meus amigos que me ouviram falar da pesquisa por tanto tempo e ainda mais aos meus amigos que me ajudaram com os tecnicismos e burocracias. Vivi, tem um lugar no céu do Tumblr pra você. Obrigada a minha namorada que ouviu tantas crises (antes mesmo de Clau), corrigiu, comentou e me apoiou desde sempre. E obrigada aos meus pais que seguem me achando sabida.

Resumo

O presente trabalho se propõe a investigar o *fandom* (comunidade de fãs) da série de TV *Wyonna Earp* (2016-2021), também conhecida como *Earpers*, na construção da subjetividade LGBTQIAPN+ dos seus participantes. Esse grupo chama a atenção pelo seu tamanho e impacto perante um produto audiovisual economicamente pouco robusto. A partir das formulações de Henry Jenkins acerca da ideia de *fandom*, uma comunidade de fãs ativa e que funciona como espaços de troca e interação, defendemos que essas interações operam como modos de subjetivação que, de acordo com Foucault, trata de uma maneira particular pela qual os indivíduos se tornam sujeitos, como eles constroem suas subjetividades, desenvolvem a compreensão de si mesmos e se posicionam dentro de uma estrutura social. Desenvolvemos a pesquisa norteados, também, pelos conceitos de subjetividade de Félix Guattari. Trabalhamos com dados de uma pesquisa de opinião de acordo com a resolução 510/2016 dos Comitês de Ética em Pesquisa (CEP/CONEP), através de um formulário *on-line*, respondido por 100 participantes. Encontramos nas respostas a esse formulário, aspectos que ligam as vivências de *fandom* e a escrita de si de seus participantes. Pretendemos assim examinar como a interação entre os fãs, a produção de conteúdo e as práticas de apropriação forjam a subjetividade dos participantes LGBTQIAPN+ de um *fandom*. Ao fim, compreendemos que um *fandom* pode ser um modo de subjetivação para os seus participantes e observamos que é possível que pessoas LGBTQIAPN+ encontrem em um grupo de fãs, acolhimento e aceitação e que, no caso dos *Earpers*, esse ambiente permitiu que alguns indivíduos construíssem novas ideias de si e fomentassem uma comunidade mais aberta às diferenças.

Palavras-chave: interdisciplinaridade; cinema e narrativas do contemporâneo; fandom; modos de subjetivação; *Earpers*.

Abstract

This paper aims to investigate the fandom of the TV series *Wynonna Earp* (2016-2021), also known as Earpers, in the construction of the LGBTQIAPN+ subjectivity of its participants. This group is notable for its size and impact on an audiovisual product that is not economically robust. Based on Henry Jenkins' formulations about the idea of fandom, an active fan community that functions as spaces for exchange and interaction, we argue that these interactions operate as modes of subjectivation which, according to Foucault, deals with the particular way in which individuals become subjects, how they construct their subjectivities, develop an understanding of themselves and position themselves within a social structure. The research was also guided by Félix Guattari's concepts of subjectivity. We worked with data from an opinion poll in accordance with Resolution 510/2016 of the Research Ethics Committees (CEP/CONEP), using an online form answered by 100 participants. We found in the responses to this form aspects that link the experiences of fandom and the self-writing of its participants. We wanted to examine how interaction between fans, content production and appropriation practices forge the subjectivity of LGBTQIAPN+ participants in a fandom. In the end, we understood that a fandom can be a mode of subjectivation for its participants and we observed that it is possible for LGBTQIAPN+ people to find welcome and acceptance in a group of fans and that, in the case of the Earpers, this environment has allowed some individuals to construct new ideas of themselves and foster a community that is more open to differences.

Keywords: interdisciplinarity; cinema and contemporary narratives; fandom; modes of subjectivation; earpers.

LISTA DE FIGURAS

	Página
Figura 1 - "Como o X-Men dos anos 90 salvou uma geração de crianças queer"	33
Figura 2 - "Xena é parte fundamental do DNA da minha esposa ..."	33
Figura 3 - "Resposta de um usuário do X (...) sobre Steven Universo"	34
Figura 4 - Resposta ao questionário da presente pesquisa	36
Figura 5 - Postagem com definição dos <i>Earpers</i>	39
Figura 6 - Postagem do usuário Cecil730 no Tv Time	41
Figura 7 - Postagem do usuário Rob no Tv Time	42
Figura 8 - Postagem do usuário VanessaTravels no Tv Time	43
Figura 9 - Postagem do usuário Rebs222 no Tv Time	44
Figura 10 - Postagem no X (antigo Twitter) pedindo ajuda com a tag #EarperSuport	45
Figura 11 - Campanha dos fãs pela renovação da série na avenida Times Square (EUA)	46
Figura 12 - Identificação autodeclarada no questionário quanto ao gênero	53
Figura 13 - Identificação autodeclarada no questionário quanto ao pertencimento à comunidade LGBTQIAPN+	53
Figura 14 - Identificação autodeclarada no questionário quanto à orientação sexual	54
Figura 15 - Faixa etária autodeclarada no questionário.	54
Figura 16 - Participação autodeclarada no questionário em encontros ou eventos (...)	55
Figura 17 - Opiniões autodeclaradas no questionário quanto às experiências dentro do fandom.	55
Figura 18 - Afirmções autodeclaradas no questionário quanto ao entendimento de si enquanto LGBTQIAPN+.	56
Figura 19 - Opiniões autodeclaradas no questionário sobre experiências no fandom e entendimento pessoal.	57
Figura 20 - Nuvem de palavras geradas a partir das respostas ao questionário anônimo.	57

SUMÁRIO

	Página
Lista de Figuras	6
1. Introdução	8
2. Fandom	
2.1. O que é <i>fandom</i>	13
2.2. As séries que vieram antes e seu impacto	17
2.3. Bury your gays	22
3. Subjetividade e modos de subjetivação	
3.1. Homossexualidade e invenção de uma alteridade	27
3.2. Subjetividades, construção da subjetividade e <i>fandom</i>	29
3.3. Seria o <i>fandom</i> um modo de subjetivação?	34
4. Mas por que esse fandom?	
4.1. A série e os Earpers	37
4.2. O estado da arte ou o que outros pesquisadores dizem sobre earpers e subjetivação	46
4.3. O que dizem os Earpers?	52
4.4. Earpers como modo de subjetivação..	59
5. Considerações finais	62
6. Referências Bibliográficas	66
Apêndices	
Apêndice 1 - Questionário <i>On-Line</i>	
Apêndice 1.1 - Questionário em Português	74
Apêndice 1.2 - Questionário em Inglês	84
Apêndice 2 - Respostas ao Questionário	
Apêndice 2.1 Respostas ao Questionário em Português	94
Apêndice 2.2 Respostas ao Questionário em Inglês	101
Apêndice 3 - Glossário	140
Apêndice 4 - Glossário de Séries de Tv	141
Apêndice 5 - Glossário de Filmes	147

1. Introdução

O objetivo desta dissertação é investigar como o *fandom* produz a compreensão do indivíduo sobre si, sua sexualidade e/ou gênero, tema sobre o qual me sinto compelida a me colocar de forma pessoal. O porquê desta pesquisa, tantas vezes questionado, passa pela minha própria experiência quando jovem, enquanto tentava entender minha *queerness*¹. Num momento de descoberta de mundos e questionamento de fronteiras, não foram só os limites do meu bairro que eu pude explorar, mas também o audiovisual, já tão presente nas nossas vidas e sobretudo na *internet*.

Numa idade em que as relações pessoais deixam de ser situacionais e passam a ser por afinidade, foi natural me juntar a outros pré-adolescentes que consumiam os mesmos produtos de cultura *pop* que eu. Acontece que, conforme a compreensão de mim ia se aprofundando, já não era suficiente que meus pares lessem e relessem Harry Potter². Eu precisava conversar com alguém que achasse Hermione Granger³ a pessoa mais incrível que já existiu, alguém que soubesse que o melhor para Marissa Cooper era ter ficado com a Alex⁴, que não precisasse de beijo para saber que Xena e Gabrielle⁵ eram um dos maiores casais que a minha tv de 14 polegadas já me agraciou, quando eu escapava dos olhares suspeitos dos adultos.

Essas coisas a gente certamente não ia querer sair perguntando às amigas na hora do recreio, ou pior, falar naquelas dinâmicas de quebrar o gelo que todo curso de inglês, que professor descolado insistia em fazer. Sendo assim, só me sobrava buscar nas bordas. Uma frase não muito clara para sentir a reação dos amigos, uma busca furtiva na *internet* (numa *lan house*⁶ lotada de meninos jogando CS⁷ e berrando), uma comunidade no Orkut, quando a gente pegava um computador escondido na aula de informática... Só assim, a gente encontrava outros fãs de Christina Aguilera⁸, que tinham certeza que ela era a mulher mais perfeita e perspicaz do mundo.

Ser jovem e se entender lésbica, gay, bissexual, travesti, transexual, *queer*, intersexual, assexual, pansexual, não binário, ou alguma outra forma de diversidade sexual e de gênero dissidente ou simplesmente LGBTQIAPN+, costuma ser uma experiência solitária.

¹ Compreendo aqui o termo como a qualidade de ser *queer*. Sendo *queer* toda identidade e subjetividade que não se inscreva na cis e/ou heteronormatividade.

² Série de livros lançada entre 1998 e 2007, escrita por J.K. Rowling.

³ Personagem da série Harry Potter.

⁴ Personagens da série "O.C.: Um Estranho no Paraíso"(2003-2007)

⁵ Personagens da série "Xena: A Princesa Guerreira" (1995-2001)

⁶ *Lan-Houses* são estabelecimentos que oferecem a locação de uso e acesso à *internet* ou a programas e jogos de computador, interligados, ou não, em rede local ou conectados à *internet*.

⁷ Como era conhecido o jogo "Counter-Strike", popular entre meninos adolescentes no começo dos anos 2000.

⁸ Cantora Pop.

Quando falo de solidão e juventude LGBTQIAPN+ não me refiro especificamente ao *bullying* ou ao medo de rejeição, mas algo antes disso. Passamos por uma escassez de referenciais socioculturais. Não nos vemos representados em muitos lugares e não entendemos o que estamos sentindo. Quase nunca as informações oficiais dão conta de nos explicar quem achamos que somos. Assim, nos voltamos para todas as frestas em busca de identificação. Encontrar um grupo que te acolha em sua diferença, quando se é LGBTQIAPN+, é um trabalho árduo de procurar sem afirmar que está procurando e não tanto encontrar, mas sim, reconhecer nas entrelinhas que você chegou num porto seguro.

Foi com essa vivência e observando as interações de um *fandom* mais recente que os da minha adolescência, que decidi estudar os *Earpers*. Fãs de uma série pequena produzida no Canadá e que misturava fantasia e *western* inundavam o meu Twitter com declarações de como a série era importante para eles, mas, sobretudo, declarações sobre como outros *Earpers* haviam lhes ajudado em momentos de descoberta, como o apoio da comunidade tinha sido importante em saídas do armário e compreensão sobre seu gênero.

Estando nos recôncavos *queer* da *internet* há bastante tempo, também saltava aos olhos como eram positivas as trocas dentro do grupo. Se ao olhar para o meu passado, as trocas furtivas com outros fãs das entrelinhas *queer* da minha série favorita tinham sido tão fundamentais para que eu me entendesse como pessoa *queer*, eu queria saber como foi para essa nova geração essa vivência e validação pelo reconhecimento de outras pessoas.

O conceito de *fandom* tem se tornado uma área de estudo cada vez mais relevante nos campos dos estudos de mídia e cultura. Henry Jenkins, um dos primeiros teóricos dos estudos de fãs, argumentou que os fãs de televisão não são meros consumidores passivos, mas, participantes ativos na criação e disseminação de conteúdos relacionados às suas séries favoritas (Jenkins, 1992). Essa perspectiva desafia a noção tradicional de audiência como receptora passiva de mensagens e enfatiza o papel dos fãs como cocriadoras/es e coautoras/es das narrativas televisivas.

No contexto do *fandom* ativo, os fãs não se limitam a consumir a mídia, mas, se apropriam e a transformam de acordo com suas próprias perspectivas e interesses. Essas práticas de apropriação incluem remixar elementos dos programas, reinterpretar personagens e criar histórias alternativas por meio de *fan fiction* e *fan art*⁹ (Jenkins, 1992). Essa reconfiguração do conteúdo televisivo permite que os fãs se envolvam de forma mais

⁹ *Fan Fiction* pode ser traduzido como Ficção de Fã e *Fan Art* como Arte de Fã. As expressões dizem respeito a trabalhos criativos de fãs relacionados ao objeto cultural que gostam e consomem. Trabalhos literários e de artes visuais, nos casos mencionados.

profunda e ativa com as narrativas, expressando sua criatividade e desenvolvendo uma conexão mais pessoal com as séries e personagens.

Além disso, o envolvimento dos fãs se estende além da produção de conteúdo individual. Eles também se agrupam em comunidades de fãs, que desempenham um papel fundamental na construção de um senso de pertencimento e identidade coletiva. Essas comunidades oferecem aos fãs um espaço de troca, interação e colaboração, permitindo que compartilhem sua paixão com outros que compartilham interesses semelhantes (Jenkins, 1992). Com o advento da *internet* e das mídias sociais, essas comunidades se expandiram e se tornaram mais acessíveis, possibilitando uma maior participação e colaboração entre os fãs, independentemente de sua localização geográfica.

No entanto, o envolvimento dos fãs não ocorre sem desafios. Jenkins destaca a dinâmica de negociação que ocorre entre os produtores de mídia e os fãs. Embora as empresas de entretenimento nem sempre incentivem ou valorizem as práticas de fãs, o autor argumenta que a participação ativa dos fãs pode contribuir para o sucesso de um programa, ao mesmo tempo em que desafia as noções tradicionais de autoria e propriedade intelectual (Jenkins, 1992). Essa dinâmica de negociação entre produtores e fãs têm impactos significativos nas formas como o conteúdo é produzido, distribuído e consumido, e levanta também questões sobre autoria, poder e controle.

Além dos aspectos relacionados à produção e consumo de conteúdo, o envolvimento num *fandom*, seja de um ídolo *pop* ou de um produto para televisão, também desempenha um papel na construção da subjetividade dos participantes. Ser fã de uma série específica ou fazer parte de uma comunidade de fãs, pode oferecer aos indivíduos um senso de pertencimento a uma subcultura específica (Jenkins, 1992). Nesse contexto, é relevante explorar como a participação no *fandom* pode influenciar e contribuir para a construção da subjetividade dos fãs.

Neste trabalho, propomos uma análise do *fandom* na construção da subjetividade dos seus participantes LGBTQIAPN+. Para isso, iremos nos basear nos conceitos de modos de subjetivação, de Foucault (1978; 2013) e subjetividade, de Félix Guattari, a fim de examinar como a interação entre os fãs, a produção de conteúdo e as práticas de apropriação influenciam a formação e a expressão da subjetividade *queer* dos participantes do *fandom*.

No contexto dos estudos das subjetividades, a noção de modos de subjetivação, de Foucault sugere que a subjetividade individual não é uma entidade estável, mas, um processo em constante transformação e negociação. Segundo Foucault,

os homens jamais deixaram de construir a si mesmos, quer dizer, de deslocar, continuamente, sua subjetividade, de se constituírem em uma série infinita e múltipla de subjetividades diferentes, que jamais terão fim e que jamais nos colocarão em face de alguma coisa que seria o homem. Os homens engajam-se perpetuamente em um processo que, construindo objetos, os desloca, ao mesmo tempo que os deforma, os transforma e os transfigura como sujeitos (Foucault, 2013, pp. 325-326).

Os indivíduos não são apenas produtos passivos das estruturas sociais, mas, agentes ativos que participam na construção de suas próprias subjetividades, assim como na cultura e forma de existir das comunidades às quais pertencem.

A construção da subjetividade, então, envolve a adoção de normas, valores e práticas específicas que são internalizadas e incorporadas pelos sujeitos. Esses modos de subjetivação são influenciados por diversos fatores, como o contexto histórico, as estruturas de poder, as instituições sociais e os discursos dominantes.

É nesse sentido que Foucault pôde afirmar que o Ocidente, em seus últimos séculos, não nega a sexualidade, ao contrário, ele “a introduz, ele organiza, a partir dela, todo um dispositivo complexo no qual se trata da constituição da individualidade, da subjetividade” (Foucault, 1978, p.76). No que diz respeito à construção da subjetividade *queer*, a perspectiva dos Modos de Subjetivação de Foucault é particularmente relevante.

Ao considerar a subjetividade LGBTQIAPN+ dentro do contexto do *fandom*, é fundamental analisar como os fãs que fazem parte da sigla se apropriam, reinterpretam e transformam as narrativas televisivas para criar significados alternativos ao expandir as possibilidades de representação, representatividade e identificação. Os fãs podem encontrar nos personagens e histórias do *fandom* um espaço para se identificar e explorar vivências e uma subjetividade não normativa, desafiando as regras heteronormativas¹⁰ e cisnormativas¹¹ presentes na mídia *mainstream*.

Nesse sentido, a participação no *fandom* oferece aos fãs LGBTQIAPN+ a oportunidade de criar e compartilhar narrativas *queer*, forjar com isso outros modos de existir e fissurando assim um processo de subjetivação hegemônico cis-heteronormativo. Esses fãs usariam o *fandom* como um espaço de resistência e afirmação de suas subjetividades, reconfigurando as narrativas televisivas de maneira a refletir suas próprias experiências pessoais e perspectivas de vida. Através de práticas como *fan fiction*, *fan art* e discussões

¹⁰ Heteronormatividade é a perspectiva que considera a heterossexualidade e os relacionamentos entre pessoas de sexo diferente como fundamentais e naturais dentro da sociedade, levando por vezes à marginalização de orientações sexuais diferentes da heterossexual

¹¹ Cisnormatividade é o conceito de que a sociedade é moldada para uma existência cis, valorizando aqueles que se identificam com o gênero que lhes foi designado ao nascer. Assim, tudo aquilo que foge dessa norma não é contemplado por direitos ou pelo respeito daqueles que estão incluídos nela.

on-line, os fãs podem construir uma subcultura *queer* dentro do *fandom*, fortalecendo laços de solidariedade e fomentando um terreno fértil para subjetividades dissidentes.

Em suma, a ideia de modos de subjetivação, de Foucault, destaca que a construção da subjetividade é um processo fluido e socialmente situado, influenciado por relações de poder e práticas discursivas. No contexto do *fandom* e da teoria *queer*, os fãs têm a oportunidade de se apropriar e transformar as narrativas televisivas. A participação no *fandom* oferece aos fãs LGBTQIAPN+ uma outra possibilidade de ser, permitindo-lhes construir uma comunidade e fraturar os modos de ser hegemônicos questionando as normas dominantes de gênero e sexualidade. Essa interação entre o *fandom*, a produção de conteúdo e a construção da subjetividade LGBTQIAPN+ será explorada mais detalhadamente neste estudo.

A escolha de estudar os *Earpers* como um caso de estudo relevante se justifica pela natureza ativa desse *fandom* e pelo seu impacto fora dos moldes tradicionais dos grandes estúdios de entretenimento. Os *Earpers* se destacam como uma comunidade engajada, que alcançou resultados práticos notáveis, como o resgate e renovação da série "Wyonna Earp", e conquistou uma imagem positiva entre os estudiosos do tema, como Jacinta Yanders que, ainda em 2018, investiga as práticas *on-line* do grupo. Ao examinar o envolvimento dos *Earpers* no *fandom*, analisamos os processos de identificação e os impactos na formação de subjetividades LGBTQIAPN+.

Explorando o conceito de *fandom* e sua relação com a construção da subjetividade LGBTQIAPN+, este estudo tenta contribuir para um maior entendimento dos processos de engajamento e empoderamento dos fãs dentro das comunidades de fãs televisivos e seus modos de subjetivação. Através dessa análise, esperamos contribuir para a expansão do conhecimento acadêmico sobre os fãs de televisão e sua participação ativa na criação e negociação de significados dentro do âmbito do *fandom*.

2. *Fandom*

2.1. O que é *fandom*

Quem está “cronicamente *on-line*”¹² já deve ter esbarrado em um *fandom* ou outro. Trekkies e Whovians¹³ estão aí há cerca de sessenta anos. Esses mesmos grupos viram suas imagens passarem de “infantis”, para “nerds perdedores”, para “nerds futuros milionários” e chegam hoje, como só mais uma forma de experienciar a cultura *pop* e objeto de interesse do capital produtor dessas obras. As questões socioeconômicas de cada geração têm um papel importante nessa mudança de ótica, porém, talvez tenha sido a *internet* que permitiu que um número cada vez maior de fãs pudesse se reunir em torno desses produtos e, sobretudo, produzir tanto conteúdo relacionado a eles.

De acordo com Duffett (2013, p. 5), o *fandom* pode ser definido como “um fenômeno sociocultural amplamente associado a sociedades capitalistas modernas, mídia eletrônica, cultura de massa e performance pública”. Embora essa definição nos diga muito pouco sobre o fenômeno, ela especifica a cultura e o contexto de onde o *fandom* geralmente vem. (Paxson, 2022. P. 18)¹⁴

Aqui, entendemos *fandom* como um grupo de espectadores ativos que se reúnem em torno de um mesmo produto da cultura *pop*. O espectador ativo foi quem garantiu que *Doctor Who* não deixasse de ser relevante mesmo com 15 anos de hiato em sua produção. Mas esse exemplo é de um feito extraordinário. Antes, para cruzar o limiar criador – espectador era necessário forjar uma estrutura formal, revistas impressas, gravações em estúdio... e isso demandava um tempo, e recursos econômicos, que nem todos podiam dispor. Além disso, sem uma comunicação oficial, esforços de grupos locais estavam fadados a uma relevância local.

Hoje, os modos de produção estão muito mais acessíveis. O esforço individual pode gerar resultados por todos os continentes e o impacto da interação com os fãs é sentido muito rapidamente pelos criadores e produtores de produtos culturais. Não à toa, o *fandom* virou parte fundamental e lucrativa de um produto.

O maior serviço de *streaming* do mundo, a Netflix, produz eventos internacionais e conteúdos multimídia cujo objetivo é o de gerar engajamento dos fãs de suas produções e associar sua marca de forma ideológica àqueles *fandoms*. É o que a empresa chama de Tudum e é assim que a Netflix define a ação no *site* oficial:

¹² Expressão popular em redes sociais para se referir a indivíduos que tem muito das suas vivências sociais mediadas ou pautadas em meios digitais.

¹³ Nomes dados aos *fandons* dos seriados de tv “Star Trek” e “Doctor Who”, respectivamente.

¹⁴ Tradução da autora. No original: According to Duffett (2013, p.5), fandom can be defined as “a sociocultural phenomenon largely associated with modern capitalist societies, electronic media, mass culture and public performance.” While that definition tells us very little about the phenomenon, it does specify the culture and context from which fandom usually comes from.

Tudum, o *site* oficial da Netflix feito para e dedicado aos fãs. (...) Nossa missão é aumentar seu amor por seus favoritos atuais e ajudá-lo a descobrir suas próximas obsessões. Vamos até os bastidores para fornecer as últimas notícias sobre Stranger Things, Wednesday, Bridgerton e muito mais – além de entrevistas detalhadas, pessoais e engraçadas com todos os astros, roteiristas e diretores dos maiores sucessos e joias ocultas da Netflix. Eles compartilharão como foi filmar uma cena que desafia a morte, explicarão o final tortuoso do filme que você acabou de assistir ou simplesmente praticarão como desabotoar roupas da era georgiana. (Confie em nós nessa última.) (...) Nós também podemos levá-lo a lugares! Tudum é o centro de informações sobre experiências emocionantes e imersivas da Netflix, como o evento anual Tudum Global Fan Event, uma experiência ao vivo do Squid Game e muito, muito mais.¹⁵ (Tudum Staff, 2024, n.p.)

Mas desenvolver um *fandom* não é tão simples como o mercado gostaria. Expressões de fã, bem como toda expressão de cultura popular, nascem de uma necessidade e se desenvolvem com tempo e vivências coletivas. *Fandoms* não existem somente em um lugar, eles são como uma rede extensa que perpassa plataformas, continentes e idiomas.

Mas os fãs também não são donos dos objetos culturais. O mercado que corteja os fãs não deixa que estes barrem seus lucros. Economicamente os fãs são desejáveis e desgastantes, e o mercado deixa claro o limite da influência desses grupos nos produtos que eles consomem.

Ainne Amado em seu texto “Please Come To Brazil: uma análise crítica dos fãs brasileiros como apreciadores de objetos culturais internacionais” afirma que:

Por mais que o gosto do público seja fundamental para o funcionamento dessa lógica, seu poder de influência é significativamente menor que o interesse das indústrias, que, ao direcionar o que se conhece e o que é produzido, subordina também o próprio gosto. No mais, numa sociedade midiaticizada e com o consequente aumento na concorrência entre bens culturais, o engajamento é moeda de troca valiosa entre as indústrias e o Capital e o Estado a quem atendem. É aí que podemos encontrar o local do fã na Indústria Cultural: é ele o responsável pelo interesse dos produtores em criar e manter conteúdos – em troca, ele pode continuar desfrutando dos prazeres que a obra ou o ídolo lhe traz (Amado, 2020, p. 74).

Entende-se que *fandoms* existem dentro de um sistema capitalista e não operam só dentro das regras desse sistema, mas precisa dele para existir como são hoje. Contudo, os *fandoms* acionam mais do que dinheiro e mercado. *Fandom* é também uma economia de afetos e embate de personagens sociais. Por isso, a visão de Mark Duffett, como nos descreve Matt Hills na introdução de “Understanding Fandom”, nos é cara:

¹⁵ Tradução da autora. No original: Tudum, Netflix’s official site made for and dedicated to fans. (...) Our mission is to enhance your love for your current favorites and help you discover your next obsessions. We go behind the streams to provide you with the latest news on Stranger Things, Wednesday, Bridgerton, and more — as well as in-depth, personal, and funny interviews with all the stars, writers, and directors of Netflix’s biggest hits and hidden gems. They’ll share what it was like to film a death-defying scene, explain the twisty ending to the movie you just finished, or just practice unbuttoning Georgian-era clothing. (Trust us on that last one.) (...) We can take you places, too! Tudum is the hub for info on exciting, immersive Netflix experiences, such as the annual Tudum Global Fan Event, a live Squid Game experience, and many, many more.

O argumento de Duffett de que o *fandom* é sempre em parte privado e em parte social-em parte sentido e em parte realizado-capta extremamente bem seu hibridismo. Ao se recusar a ver ou definir o *fandom* como uma coisa só, Duffett desenvolve de forma produtiva a melhor maneira de entendê-lo (Hills, 2013, *apud* Duffett, 2013. p. 9) ¹⁶

São esses afetos e suas construções e impactos que nos interessam. Entender esse organismo híbrido que, em tempos de uma superprodução de produtos culturais, é tão importante para um mercado cada vez mais segmentado e específico, mas que precede essa lógica e teve seu papel intensificado também pelos novos meios de circulação dessas trocas entre fãs.

A *internet* é responsável por muitas mudanças fundamentais em nossa sociedade. Dos idiomas à nossa forma de ler imagens, tudo sofreu influência do meio digital. Pensar *fandom* antes e depois da *internet* talvez origine estudos completamente diferentes. O meio e o conteúdo estão enlaçados de forma que estabelecer uma relação de causalidade entre eles parece impossível. Mas, o olhar lançado aqui sobre o *fandom* está inteiramente relacionado à cibercultura.

Especialmente ao se falar da relação entre *fandom* e indivíduos LGBTQIAPN+, o anonimato e aparente suspensão das fronteiras geográficas, por vezes apontadas como vilãs, exercem aqui um papel de manto protetor para indivíduos que nem sempre estão seguros e confortáveis em expressar sua sexualidade ou compreensão sobre seu gênero fora da internet. Em estudo sobre subjetividade LGBT em trajetórias midiáticas, Bonoto afirma que:

Em certa medida, os espaços comunicacionais digitais constituem um contraponto à socialização quase que exclusivamente heterossexual e cisgênera da sociedade contemporânea. Em totalidade, os/as entrevistados/as não conviviam com outras pessoas LGBT em seu núcleo familiar ou círculo de amizades próximas durante o período de autoaceitação. Além do acesso à informação, a internet se torna um espaço fundamental para a sociabilidade das identidades dissidentes, especialmente para aquelas distantes do circuito LGBT urbanizado. (...) O ambiente on-line permite a criação de comunidades e grupos virtuais constituídos por indivíduos que partilham interesses, sentimentos e experiências em comum, onde não precisam temer olhares que deslegitimam e discriminam. As mídias digitais, segundo Miskolci (2011), tornam possível um acolhimento inicial, mas promissor, de pessoas relegadas a contextos discriminatórios e de expressões individuais que a sociedade tende a recusar ou marginalizar. (...) a mídia é um dos locais onde são produzidas identidades e subjetividades. É, também, um espaço de regulação na medida em que nos apresenta modelos e formas de compreensão do mundo. (Bonoto, 2021. p. 17)

É também a possibilidade de acesso a conteúdos estranhos à sua realidade imediata que permite que alguns indivíduos acessem outras possibilidades de ser. A ideia que uma compreensão mais profunda da subjetividade e idiossincrasias de um indivíduo

¹⁶ Tradução da autora. No original: "Duffett's argument that fandom is always partly private and partly social – partly felt and partly performed – captures its hybridity extremely well. By refusing to view or define fandom as one thing, Duffett productively develops how we might best understand it."

LGBTQIAPN+ possa vir da relação que esse indivíduo tem com um objeto cultural e com pares que compartilham desse objeto parece, de uma forma quase contraditória, corroborar a ideia expressa por Judith Butler (2010. p.47), quando afirma que “a aparência de uma substância permanente ou de um eu com traços de gênero (...) é produzida pela regulação dos atributos segundo linhas de coerência culturalmente estabelecidas”. O universo de referências e produções de uma obra ficcional e seu *fandom* funcionaria, assim, como essa linha de coerência cultural, ainda que num espaço subjetivo restrito.

Outro aspecto fundamental da cibercultura para a constituição de um *fandom* LGBTQIAPN+ é a característica participativa desse meio. De fóruns *on-line* a plataformas de compartilhamento e troca de conteúdo, as ideias e sentimentos desses consumidores engajados encontram eco e ganham força. Experiências individuais se veem espelhadas por dezenas, às vezes milhares, de outras vozes *on-line* e a noção de exclusão e solidão podem ser enfrentadas até dentro das realidades mais hostis.

Não se deve, contudo, entender o *fandom* como um espaço horizontal e democrático onde todos são validados. Como qualquer aspecto da experiência humana hoje, ele é atravessado pela indústria, moldado pelos algoritmos e marcados por ideias e violências de seu tempo. Reconhecer a possibilidade de positividade dos *fandoms*, não deve ser confundido com falta de críticas a ele e definir uma fórmula para um *fandom* sem contradições seria como encontrar a equação para a paz mundial.

O imaginário e as práticas de grupos ativos de fãs mudaram muito ao longo das décadas. A *internet*, as lutas sociais e as formas de consumo contemporâneo tem uma relação direta com o que chamamos de *fandom*. Esses grupos, então, funcionam como espaços de socialização e produção de conteúdo e como um espaço de formação de opiniões sobre o produto midiático. Hoje um *fandom* pode estar nas graças do mercado produtor ou funcionar como questionador deste mercado. Muitas vezes exercem ambas as funções.

E é nessa interseção que os fãs LGBTQIAPN+ costumam se ver. Marcados por uma história traumática de representações midiáticas, se faz necessário compreender esses traumas para pensar os comportamentos e questões levantadas por indivíduos LGBTQIAPN+ dentro das práticas de *fandom*. A seguir vamos tentar lançar um olhar sobre essas representações e seus impactos.

2.2. As séries que vieram antes e seus impactos

Essa pesquisa tentou entender como as relações e trocas dentro de um *fandom* específico colaboram para a construção da subjetividade e de indivíduos LGBTQIAPN+. No entanto, falar disso sem entender o caminho que a representatividade LGBTQIAPN+ trilhou na cultura pop, e em especial, na televisão em nível internacional, seria deixar de lado muitas nuances desse debate.

Sendo assim, escolhemos pensar séries de tv que tiveram impacto internacional e que foram exibidas, ou começaram a ser exibidas, antes de “Wynonna Earp”. Nesse recorte, optamos por analisar obras que retratam personagens LGBTQIAPN+ e não todas as obras que sejam reconhecidas como *queer* por sua espectralidade, por exemplo: As Super Gatas, He-Man e os Defensores do Universo¹⁷ e tantas outras obras tão importantes para o público *queer*, mas que não tem em seu texto personagens LGBTQIAPN+ recorrentes.

As séries citadas a seguir, assim como a série que essa pesquisa analisa tem personagens *queer* importantes para a narrativa, possuem um *fandom* LGBTQIAPN+ significativo e ultrapassaram os limites do local onde foram feitas, seja por terem sido distribuídas mundialmente na tv aberta ou por assinatura ou posteriormente, através de uma plataforma de *streaming*.

Entre 1994 e 2014, encontramos 16 séries de televisão que atendiam a esses critérios. De “Ellen” (1994-1998) a “Os 100” (2014-2020) um longo caminho foi trilhado. Esses produtos têm os mais variados perfis, mas mesmo estes contam uma história dessa representatividade. Ao pensar as sitcoms “Ellen” e “Will & Grace”(1998-2020), ambas com personagens centrais LGBTQIAPN+ e as fantasias “Xena: A Princesa Guerreira” (1995-2001) e “Buffy, a Caça-Vampiros” (1997-2003), percebemos que são direcionadas a uma audiência massiva e majoritariamente heterossexual.

As personagens LGBTQIAPN+ eram ali versões higienizadas, fetichizadas ou trágicas do que seria esse indivíduo LGBTQIAPN+ naquele fim de século XX. Mas mesmo assim, essas primeiras grandes produções causaram um impacto significativo na forma que o público ocidental percebia esses personagens e na forma com que o público LGBTQIAPN+ pensava do seu papel na televisão. Elas também abriram portas para outros gêneros e deram visibilidade a tropos, desfechos e caminhos recorrentes que personagens não-heterossexuais viviam repetindo nas telas como é o caso de “Buffy, a Caça-Vampiros” e a tendência

¹⁷ Ambas séries de televisão fazem parte da cultura *queer*, mas que não tematizam questões *queer* nem trazem personagens recorrentes e relevantes que façam parte da comunidade LGBTQIAPN+.

desproporcional dos roteiros de dar à personagens LGBTQIAPN+ mortes trágicas e, por vezes, sem muito propósito narrativo.

Por volta da virada do século XXI, começamos a ver mais produtos midiáticos com personagens LGBTQIAPN+ e direcionados a este público. É o caso de "Os Assumidos" ("Queer As Folk") (1999-2000) e "The L Word" (2004-2009). A primeira, centrada e direcionada a homens gays, tem duas versões, a original britânica e a norte-americana. A última gira em torno de mulheres lésbicas e seu círculo social, quase inteiramente formado por pessoas LGBTQIAPN+ e é direcionada a mulheres sáficas. Ambas deixaram uma marca cultural e até hoje fazem parte das primeiras experiências de jovens LGBTQIAPN+, com produtos culturais que não giram em torno da heterossexualidade. Esse momento histórico também viu as primeiras séries de prestígio e sucesso com pessoas LGBTQIAPN+. É o caso de "Six Feet Under" (2001-2005) e "Angels in America" (2003).

Pouco depois disso, o volume e diversidade dessas produções aumenta. "Skins" (2007-2013) e "Glee" (2009-2015) falam de adolescências dissidentes, algo que só "Buffy..." havia feito antes. E essas produções ousam retratar não apenas as descobertas e dores de um único personagem que se entende LGBTQIAPN+, mas falam de uma juventude que experimenta muito mais e de várias formas dissidentes de existir. Com "Hora de Aventura" (2010-2018) e "Steven Universo" (2013-2019), a televisão retratou essa diversidade para o público infantil e ironicamente, foi a segunda que trouxe o tema de forma direta e abriu caminhos para que, em 2018, Marceline e a Princesa Jujuba¹⁸ pudessem ficar oficialmente juntas.

O *streaming* permitiu uma segmentação ainda maior do público, mas a despeito do que aconteceu com "Os Assumidos" e "The L Word", foi uma série que girava em torno de mulheres *queers* uma das responsáveis pelo boom da era de ouro dos *streamings*, "Orange is the New Black" (2013-2019) alcança uma enorme repercussão não só por sua temática *queer*, mas por retratar um grupo grande e diverso (etnias, idade, classe social) de mulheres e suas vivências no sistema prisional norte-americano. O seriado traz personagens complexas onde a orientação sexual ou compreensão de gênero são só mais um elemento em sua construção e aborda temas como racismo estrutural e violência de gênero.

Como avaliam Cláudia Regina Lahni, Rafaela Cristiano Dornellas e Daniela Auad,

[...] a série é um marco na representação de diferentes mulheres e suas subjetividades e por abordar importantes temas relativos às vidas das mulheres, mas que ainda assim são silenciados por toda uma sociedade. Orange pode ser considerada não só uma série feminista, como uma série que caminha para o

¹⁸ Personagens da série "Hora de Aventura".

interseccional. Isso, uma vez que a partir do desfecho da quarta temporada, percebemos que apesar de todo o distanciamento ali presente devido às fronteiras sociais, em consequência à morte de Poussey, as personagens passam a não mais pensar “somente” como uma mulher negra ou uma mulher lésbica e, sim, como uma parte de um todo que ali reside e resiste em uma mesma situação, apesar das diferenças. (Lahni, Dornellas e Auad, 2017. p.10)

A produção foi muito aclamada por abordar essas temáticas, mas trouxe também questionamentos sobre o lugar dessa diversidade na televisão estar relegado ao sistema prisional e suas implicações. A interseccionalidade ainda é uma demanda pungente dos fãs. Entendemos o conceito como colocado por Danièle Kergoat onde:

As relações sociais são consubstanciais; elas formam um nó que não pode ser desatado no nível das práticas sociais, mas apenas na perspectiva da análise sociológica; e as relações sociais são coextensivas: ao se desenvolverem, as relações sociais de classe, gênero e “raça” se reproduzem e se co-produzem mutuamente (Kergoat, 2010. p. 94).

Como vamos ver mais adiante, mesmo dentro de grupos minoritários as questões sociais e, sobretudo, de raça não são respeitadas ou são ainda mais sub-representadas, tanto por criadores quanto por fãs.

Depois de "*Orange (...)*", as grandes séries com representatividade LGBTQIAPN+ se voltam para o fantástico e para os super-heróis, seguindo uma tendência do cinema *mainstream*. "*Supergirl*" (2015-2021), "*Lendas do Amanhã*" (2016-2022) e "*Os 100*" (2014-2020) deixam a desejar em termos de interseccionalidade e parecem voltar ao tropo do LGBTQIAPN+ simbólico, mas dessa vez, ao invés de um personagem representar toda a sigla, vemos personagens ou relacionamentos subdesenvolvidos e cujos arcos existem em função do protagonista heterossexual.

Dessas últimas séries, talvez a de maior impacto cultural tenha sido "*Os 100*". O seriado, produzido pela emissora norte-americana CW, conhecida por suas séries de fantasia frívolas voltadas ao público juvenil, ganhou visibilidade ao introduzir um relacionamento entre duas das protagonistas, Clarke e Lexa. A pesquisadora Kira Deshler (2017) em seu trabalho sobre "*Os 100*" e a morte recorrente de personagens *queer* afirma que a série foi abraçada por uma *fanbase* LGBT e passou a direcionar sua publicidade para esse grupo. Num momento em que a rede social Twitter (atualmente, X) fazia as vezes de boca a boca digital, a equipe criativa se volta para essa rede, entre outras direcionadas para conteúdos de fãs, e alimenta uma relação mais direta com o público, chegando a provocar mudanças na narrativa.

Após a introdução de Lexa, uma personagem abertamente queer (e a revelação de que Clarke também era queer), os produtores de *Os 100*, provavelmente cientes do discurso atual sobre diversidade na mídia popular, observaram que havia um público enérgico e dedicado com o qual poderiam capitalizar. Depois que a sexualidade de Lexa foi revelada, *Os 100* intensificou sua presença na mídia social no Twitter, Tumblr e fóruns voltados para a comunidade LGBT para conquistar mais público e

aumentar a conscientização sobre a representação queer positiva que estava sendo trazida à vida em seu programa (Deshler, 2017, p. 36)¹⁹

E foi assim até o último episódio da 3ª temporada, quando perfis da equipe e páginas oficiais da série criaram *buzz* e provocaram os fãs de *Clexa*, o casal Clarke e Lexa, dizendo que o episódio seria importante para esse grupo. E de fato, o episódio se tornou um marco, mas um marco negativo. No *finale* da 3ª temporada, Lexa é baleada e morta sem muito sentido narrativo.

Para tranquilizar novamente os fãs sobre a segurança de Lexa, o criador de *Os 100*, Jason Rothenberg (que logo se tornaria o vilão desta história) convidou os fãs para irem ao set de filmagem em Vancouver, onde estavam filmando o final da terceira temporada. Debnam-Carey²⁰ estava no set de filmagem desse episódio e, além de convidar os fãs para irem ao set Rothenberg divulgou uma série de fotos dos bastidores de Debnam-Carey e Eliza Taylor²¹ parecendo particularmente aconchegantes. Como Rothenberg já havia confirmado que Lexa apareceria no final da temporada, muitos fãs acreditaram (cautelosamente) que Lexa não morreria na 3ª temporada. Eles estavam errados. (Deshler, 2017, p. 37)²²

A morte de Lexa seguiu o tropo "Bury Your Gays"²³, uma convenção narrativa prejudicial na qual os personagens LGBTQIAPN+ são mortos de forma desproporcional, muitas vezes para chocar ou para promover as tramas de personagens não *queer* e sobre o qual vamos discorrer em breve. A morte repentina de um personagem *queer* amado enviou ondas de choque através do *fandom*, levando a um clamor generalizado e a discussões sobre a representação e o tratamento de personagens LGBTQIAPN+ na mídia.

Embora as mulheres homossexuais já tivessem sido mortas em programas de televisão anteriormente (daí a expectativa da morte de Lexa), esse programa produziu uma emoção sem precedentes dos fãs, resultando em consequências tangíveis. Milhares de dólares de dólares foram arrecadados para uma linha direta para homossexuais, outdoors foram erguidos, o showrunner de *The 100* publicou uma carta aberta aos fãs sobre a morte de Lexa. A forte reação a esse evento televisivo pode ter sido devido ao apelo proposital que o programa fez para atrair um público de garotas gays, bem como ao forte apego que muitas jovens queer tinham à personagem Lexa. (Deshler, 2017, p. 18)²⁴

¹⁹ Tradução da Autora. No original: After the introduction of Lexa, an openly queer character (and the revelation that Clarke was also queer), the producers of *The 100*, likely aware of current discourse about diversity in popular media, observed that there was an energetic and dedicated audience they could capitalize on. After Lexa's sexuality was revealed, *The 100* stepped up their social media presence on Twitter, Tumblr, and LGBT-focused forums to gain more of an audience and raise awareness about the positive queer representation that was being brought to life on their show.

²⁰ Atriz que interpretou Lexa em *Os 100*.

²¹ Atriz que interpretou Clark, par romântico de Lexa em *Os 100*.

²² Tradução da autora: No original: In order to again reassure fans about Lexa's safety, *The 100* creator Jason Rothenberg (who would soon become the villain of this story) invited fans to come to the set in Vancouver where they were filming the Season 3 finale. Debnam-Carey was on set filming this episode, and along with inviting fans to the set Rothenberg released a number of behind-the-scenes photos of Debnam-Carey and Eliza Taylor looking particularly cozy. Since Rothenberg had now confirmed that Lexa was going to appear in the season finale, many fans (cautiously) believed that Lexa was not going to die in Season 3. They were wrong.

²³ "Enterrem Seus Gays" em tradução livre.

²⁴ Tradução da autora. No original: Though queer women had been killed off of television shows previously (hence the expectation of Lexa's death), this show produced an unprecedented outpouring of emotion from fans,

As consequências da morte de Lexa não se limitaram apenas ao *fandom* de "Os 100"; ela provocou conversas mais amplas sobre a responsabilidade dos criadores de programas de televisão de estarem atentos ao impacto que suas escolhas narrativas têm sobre as comunidades marginalizadas, especialmente o público LGBTQIAPN+, que historicamente tem sido sub-representado e enfrentado estereótipos prejudiciais na mídia. O "Lexa Pledge" (Compromisso Lexa), inspirado no destino de Lexa, surgiu como um apelo para maior conscientização e sensibilidade em relação à representação de personagens LGBTQIAPN+ na mídia, com o objetivo de promover uma representação autêntica e narrativas positivas para indivíduos *queer*. Esse é um texto de 2016 assinado por roteiristas de vários países se comprometendo com a criação de personagens *queer* multifacetados e com arcos significativos, além de respeitá-los e zelar pela forma que retratam a comunidade (Deshler, 2017).

"Os 100" deixou claro que estamos numa nova era da TV, no sentido mais amplo dessa palavra. Com as consequências mais que reais da morte de uma personagem *queer* ficcional, ficou claro que os limites entre obra, público e criadores nunca esteve tão tênue. A representação LGBTQIAPN+ avançou muito desde que Ellen DeGeneres saiu do armário no episódio "*The Puppy Episode*" (1997) e hoje o *fandom* faz parte de como esses personagens se constituem, além de ser influenciado por eles.

2.3 Bury your gays

O tropo "*Bury your gays*" é uma convenção narrativa perturbadora na mídia que lida com a tendência de matar personagens LGBTQIAPN+ de forma desproporcional e muitas vezes trágica. O termo foi popularizado pela comunidade LGBTQIAPN+ como uma crítica à representação nociva e estereotipada desses personagens na televisão, no cinema e em outras formas de entretenimento.

Historicamente, os personagens LGBTQIAPN+ têm sido sub-representados na mídia ou retratados de forma negativa e socialmente marginalizada. Finalmente, quando são retratados de forma significativa, muitas vezes são vítimas de morte violenta ou trágica, especialmente quando comparados a personagens heterossexuais.

A morte injusta e prematura de personagens LGBTQIAPN+ reflete visões estereotipadas e discriminatórias, perpetuando a ideia de que suas vidas valem menos e não

resulting in tangible consequences. Thousands of dollars were raised for a queer hotline, billboards were erected, The 100 showrunner issued an open letter to fans regarding Lexa's death. The strong reaction to this television event may have been due to the purposeful appeal the show made to attract a queer girl audience, as well as the strong attachment many young queer women had to the character Lexa.

merecem ser felizes. A comunidade LGBTQIAPN+ foi afetada emocionalmente por este tropo, pois vê seus personagens favoritos repetidamente mortos em histórias em que seu gênero ou sexualidade é central para a trama. Isso não apenas reforça a ideia de que pessoas LGBTQIAPN+ estão associadas à tragédia, mas também pode levar a sentimentos de alienação e desespero para os espectadores que pertencem a essa comunidade.

A pesquisadora Haley Hulan (2017), em seu artigo “Bury Your Gays: History, Usage, and Context”, ao fazer um levantamento do tropo desde a literatura, afirma que:

O tropo literário Bury Your Gays tem sido usado continuamente em várias formas de mídia em vários gêneros por aproximadamente 125 anos. Ele se originou como uma ferramenta para autores queer escrevessem narrativas *queer* sem enfrentar as consequências negativas associadas com o “endosso” da homossexualidade. Depois, à medida que o clima social no Ocidente mudou para se tornar mais receptivo às pessoas e identidades LGBTQ+ o Bury Your Gays como refúgio para autores e públicos queer caiu em obsolescência. (...) (2017, p. 24)²⁵

Hulan ainda afirma que:

ao contrário (dos criadores queer), os criadores heterossexuais invocam o tropo para punir simbolicamente o queerness em suas narrativas - *The Children's Hour*, *The Fox* - ou como valor de choque para seu público [heterossexual] - *Siberia*, *Executive Suite*. Autores heterossexuais que usam o tropo como espetáculo geralmente usam o tropo de forma irresponsável. Eles fazem isso alegando ignorância não só da existência do tropo em si, mas também de seus efeitos negativos, como visto em “Os 100”. (2017, p. 24)²⁶

Um artigo publicado em fevereiro de 2023, na revista digital *Autostraddle*, lista 235 personagens lésbicas ou bissexuais mortas na televisão mundial, desde 1976 (Riese, 2023). Em outro artigo, publicado no jornal *The Guardian* em 2013, o jornalista James Rawson aponta que entre 1993 e aquele ano, das 280 representações indicadas ao Oscar, só 4 delas foram por personagens LGBTQIAPN+ que tiveram um final feliz. Em outras palavras, só 1,4%, em 19 anos do maior prêmio da indústria audiovisual do mundo é de LGBTQIAPN+ felizes e vivos.

Os debates em torno do tropo são reacquecidos em 2016, com a morte da personagem Lexa no seriado “Os 100”. A morte da personagem, somada ao alto número de personagens LGBTQIAPN+ mortos naquele ano causou um grande número de postagens e movimentações *on-line* que vieram a ser observados por veículos de mídia tradicional e movimentaram

²⁵ Tradução da autora. No original: the literary trope Bury Your Gays has been in continuous use in various forms of media across various genres for approximately 125 years. It originated as a tool for queer authors to write queer narratives without facing negative consequences associated with the “endorsement” of homosexuality. Then, as social climates in the west changed to become more accepting of LGBTQ+ people and identities, Bury Your Gays as a refuge for queer authors and audiences fell into obsolescence.

²⁶ Tradução da autora. No original: Conversely, straight creators invoke the trope either to symbolically punish queerness in their narratives—*The Children's Hour*, *The Fox*—or as shock value for their [straight] audiences—*Siberia*, *Executive Suite*. Straight authors using the trope as spectacle often use the trope irresponsibly. They do so claiming ignorance to not only the existence of the trope itself but also to its negative effects, as seen with *The 100*.

dinheiro e ações em favor de causas LGBTQIAPN+ e a representatividade desse grupo na televisão.

A primeira ação dos fãs foi a criação de hashtags para afirmar seu ponto de vista. Com a direção de dois sites administrados por fãs (mas altamente organizados), LGBT Fans Deserve Better e We Deserved Better, foi criado um movimento organizado para criar tendências de hashtags específicas. Para causar o maior impacto, foi criado um cronograma em que os usuários de todo o mundo começariam a usar uma hashtag ao mesmo tempo. As hashtags populares incluíam #LGBTFansDeserveBetter, #LexaDeservedBetter, #AlyciaIsOurCommander, #CWStopJasonRothenberg²⁷, entre muitas outras. Esse esforço conjunto foi eficaz, e algumas dessas hashtags foram tuitadas mais de 200.000 vezes. (Deshler, 2017, p. 53-54)²⁸

Essas ações foram coordenadas com um boicote à série que fez com que a audiência do episódio seguinte à morte de Lexa tivesse 12 milhões de espectadores a menos em comparação com a média anterior à sua morte e a quarta temporada estreou com uma audiência 32% menor que na temporada anterior (Patten, 2017). Enquanto isso, os fãs iniciaram uma campanha para arrecadar fundos para o *Trevor Project*, uma organização de prevenção ao suicídio de jovens LGBTQIAPN+. A campanha ainda está no ar e até o momento já arrecadou cerca de 178.000 dólares, segundo o site do projeto, acessado em 28 de maio 2024.

Outra consequência advinda da morte de Lexa em "Os 100" foi o Lexa Pledge, um documento escrito por roteiristas e ativistas LGBTQIAPN+ e assinado por produtores e roteiristas que previa um compromisso com os personagens LGBTQIAPN+:

1. Garantiremos que todos os personagens LGBTQ significativos ou recorrentes que introduzirmos em uma série nova ou pré-existente tenham histórias significativas com arcos significativos.
2. Ao criar arcos para esses personagens significativos ou recorrentes, consultaremos fontes dentro da comunidade LGBTQ, como escritores ou produtores queer na equipe, ou membros de grupos de defesa queer como GLAAD, The Trevor Project, It Gets Better, Egale, The 519, etc.
3. Reconhecemos que a comunidade LGBTQ é sub-representada na televisão e, portanto, que a morte de personagens gays tem ramificações psicossociais profundas.
4. Recusamo-nos a matar um personagem queer apenas para promover a trama de um personagem heterossexual.
5. Reconhecemos que o tropo Bury Your Gays é prejudicial à comunidade LGBTQ em geral, especialmente aos jovens gays. Dessa forma, evitaremos fazer escolhas de histórias que perpetuem esse tropo tóxico.

²⁷ #FãsLGBTsMerecemMais, #LexaMereciaMais, #AlyciaÉNossaComandante, #CWPareJasonRothenber respectivamente em tradução livre.

²⁸ Tradução da autora. No original: The first action fans took was the creation of hashtags to assert their point of view. With the direction of two fan-run (but highly organized) websites, LGBT Fans Deserve Better and We Deserved Better, an organized movement to trend specific hashtags was put into place. In order to have the biggest impact, a schedule was created wherein users around the world would begin trending a hashtag at the exact same time. Popular hashtags included #LGBTFansDeserveBetter, #LexaDeservedBetter, #AlyciaIsOurCommander, #CWStopJasonRothenberg, among many others. This concerted effort was effective, and some of these hashtags were tweeted upwards of 200,000 times.

6. Prometemos nunca atrair ou enganar os fãs por meio da mídia social ou de qualquer outro meio.
 7. Sabemos que há um longo caminho à nossa frente para garantir que a comunidade queer seja representada de forma adequada e justa na TV. Comprometemo-nos a iniciar essa jornada hoje.
- (Deshler, 2017, p. 58-59)²⁹

As críticas ao tropo "*Bury Your Gays*" se devem à importância da representação positiva e honesta de personagens LGBTQIAPN+ na mídia. Essa representação inclusiva e diversificada permite que as pessoas LGBTQIAPN+ se vejam refletidas com mais precisão nas histórias, o que pode impactar positivamente na autoestima e aceitação. Além disso, desafiar esse tropo também pode ajudar a quebrar estereótipos nocivos e promover maior compreensão e aceitação na sociedade. Embora haja sinais de melhora na representação de personagens LGBTQIAPN+ na mídia, é importante que roteiristas, produtores e criadores continuem atentos a como retratam esses personagens. Em vez de perpetuar histórias prejudiciais, é essencial criar histórias que celebrem a diversidade e permitam que personagens LGBTQIAPN+ tenham arcos narrativos complexos, como qualquer outro personagem.

Ao ouvir o público que consome esses produtos culturais, fica explícito como o descarte de personagens LGBTQIAPN+ sem critério quebra um pacto tácito de confiança entre criadores e consumidores e como o engajamento desse público está relacionado a esse retrato complexo de vivências não normativas.

Em nossa pesquisa, fizemos um questionário anônimo *on-line* para entender como os fãs se relacionam não só com o *fandom*, mas também com a obra de que são fãs. Mais adiante discutiremos esse processo, mas aqui podemos ver uma das respostas que toca nessa relação de confiança:

Isso me fez perceber que eu estava disposta a me envolver em um *fandom*. Eu tinha desistido da apresentação LGBTQIA+ na mídia convencional depois que muitas personagens lésbicas foram mortas em programas em 2016/2017. Quando Wynonna Earp fez com que sua personagem lésbica usasse um colete à prova de balas, comecei a criar

²⁹ Tradução da autora. No original: 1. We will ensure that any significant or recurring LGBTQ characters we introduce, to a new or pre-existing series, will have significant storylines with meaningful arcs. 2. When creating arcs for these significant or recurring characters we will consult with sources within the LGBTQ community, like queer writers or producers on staff, or members of queer advocacy groups like GLAAD, The Trevor Project, It Gets Better, Egale, The 519, etc. 3. We recognize that the LGBTQ community is underrepresented on television and, as such, that the deaths of queer characters have deep psychosocial ramifications. 4. We refuse to kill a queer character solely to further the plot of a straight one. 5. We acknowledge that the Bury Your Gays trope is harmful to the greater LGBTQ community, especially to queer youth. As such, we will avoid making story choices that perpetuate that toxic trope. 6. We promise never to bait or mislead fans via social media or any other outlet. 7. We know there is a long road ahead of us to ensure that the queer community is properly and fairly represented on TV. We pledge to begin that journey today.

conteúdo. Passei a ouvir podcasts. Tornei-me ativa no Twitter para pedir à Syfy que renovasse a série.³⁰

À medida que a mídia avança, a conscientização sobre o tropo "Bury Your Gays" continua a crescer, e é esperado que as discussões críticas e o ativismo da comunidade LGBTQIAPN+ resultem em mudanças significativas na forma como esses personagens são retratados, oferecendo histórias mais inclusivas, respeitadas e autênticas para todas as audiências.

É importante aqui colocar que não se trata de não fazer os personagens *queer* sofrer. Quando os fãs criticam o tropo é por ele representar uma desproporção no sofrimento LGBTQIAPN+, perpetuando uma ideia de um destino condenado à dor meramente em razão da orientação sexual ou gênero. A questão da representatividade na atualidade é baseada na importância que as representações midiáticas têm para a construção da subjetividade dos indivíduos.

As formas de subjetivação das diferenças individuais têm muito a ver com os modelos dominantes de subjetividade social assim como a constituição social dos protagonistas. Essa subjetividade individual, que passa por diferentes contextos sociais de subjetivação, se constitui dentro deles e, simultaneamente, atua como um elemento diferenciado do desenvolvimento dessa subjetividade social, que pode converter-se em um elemento de tensão e ruptura, que conduz ao desenvolvimento da própria subjetividade social (González-Rey, 2003. p. 205)

A questão em torno das mortes desmedidas de personagens *queer* na cultura *pop* diz respeito, portanto, não só a uma questão de subjetividade individual, mas, (e sobretudo) de uma subjetividade social que se impõe na lógica ocidental em torno de pessoas que não atendem as normas cis-heterossexuais. Afinal, segundo González-Rey (2003, p. 209) "Cada configuração subjetiva de um espaço social está constituída por elementos de sentidos procedentes de outros espaços sociais, assim como de elementos que caracterizam esse próprio espaço em momentos históricos anteriores".

A dolorosa reiteração do tropo *Bury Your Gays* e a subsequente internalização de seu significado pelos fãs produziu uma subjetividade feminina *queer* específica entre os consumidores *queer* de televisão, dando a esses fãs uma perspectiva e uma reação únicas a esses textos. Para muitos fãs, essa subjetividade é caracterizada por um senso de vulnerabilidade e vigilância e, para algumas garotas *gays*, essa resposta afetiva é transferida para suas vidas "*off-line*". (Deshler, 2017, p. 45)³¹

³⁰ Resposta ao questionário anônimo utilizado na pesquisa. Tradução da autora. No original: "It made me realise that I was willing to get involved in a fandom. I had given up on LGBTQIA+ presentation in mainstream media after a lot of lesbian characters were killed in shows in 2016/2017. When Wynonna Earp had their lesbian character wear a bullet proof vest, I started creating content. I listened to podcasts. I became active on twitter in order to ask Syfy to get the show renewed".

³¹ Tradução da autora. No original: The painful reiteration of the Bury Your Gays trope and fans' subsequent internalization of its meaning has produced a particular *queer* girl subjectivity among *queer* consumers of television, giving these fans a unique perspective and reaction to these texts. For many fans this subjectivity is

Discutir produtos audiovisuais da indústria cultural contemporânea hoje talvez seja pensar mais sobre quanto da experiência ao redor da obra marca a própria obra. Não me refiro a questões como assistir uma obra numa sala de cinema Vs. assisti-la na sala de casa. Mas me refiro às trocas entre espectadores também; as trocas entre estes e quem cria o conteúdo e como esse conteúdo se relaciona com as experiências desses agentes com outras obras.

Numa sociedade tão pautada por imagens como a nossa, onde o conteúdo audiovisual preenche quase todo espaço vazio do nosso dia, não é de se estranhar que a relação das pessoas com esse conteúdo tenha um papel tão marcante na subjetividade desses indivíduos. Mas talvez hoje mais do que nunca, exista uma ideia de horizontalidade entre esse conteúdo e seu público. É uma troca constante entre querer se ver traduzido na tela e querer ser o que a tela nos mostra mediado por um suposto diálogo com os responsáveis por contar essas histórias e movido pela quantidade de dólares e views.

Não há ilusão de que essa relação público-criador possa subverter a lógica do capital, mas é importante observar o que surge das brechas que essa relação abre. Essa é a relação entre fãs *queer*, obras, criadores e capital. Se por um lado somos mais uma tendência do mercado, por outro, nos construímos ao nos ver representados. Se por um lado somos postos desfocados no plano de fundo, por outro, nos tornamos fator essencial para a relevância cultural de um produto.

Não se pode negar as facetas tóxicas de grupos de fãs ao longo da história recente. São *fandoms* que movimentam boicotes quando uma obra acena para a diversidade de representação, são *fandoms* que lincham digitalmente atores e jornalistas. Mas também são grupos de fãs, que movimentam jovens politicamente, são fãs que constroem redes de apoio internacional, são fãs que movimentam dinheiro e visibilidade na tentativa de resgatar uma obra que o mercado julgou descartável, mas que faz diferença para esses fãs e suas vivências.

characterized by a sense of vulnerability and vigilance, and for some queer girls this affective response carries over into their “offline” lives.

3. Subjetividade e modos de subjetivação

3.1 Homossexualidade e invenção de uma alteridade

Para pensar numa construção de subjetividade LGBTQIAPN+ é preciso pensar antes nessa ideia de outro, um *outro* definido, frequentemente, mas não só, por suas práticas sexuais ou expressões de gênero.

A ideia de homossexualidade, assim como uma de heterossexualidade, nasce, no ocidente, no século XIX. É quando a medicina, a psicanálise, o direito, entre outros campos do conhecimento, começam a nomear indivíduos e patologizar comportamentos. Era preciso ordenar as pessoas, regular suas práticas e assim garantir um controle sobre a produção industrial e as metrópoles emergentes, afinal,

[...] a categoria psicológica, psiquiátrica e médica da homossexualidade constituiu-se no dia em que foi caracterizada - o famoso artigo de Westphal em 1870, sobre as "sensações sexuais contrárias" pode servir de data natalícia - menos como um tipo de relações sexuais do que como uma certa qualidade da sensibilidade sexual, uma certa maneira de interverter, em si mesmo, o masculino e o feminino. A homossexualidade apareceu como uma das figuras da sexualidade quando foi transferida, da prática da sodomia, para uma espécie de androgenia interior, um hermafroditismo da alma. O sodomita era um reincidente, agora o homossexual é uma espécie. (Foucault, 1988. p. 43-44)

É nesse momento que surge o personagem homossexual, como nomeia Foucault. É uma ideia pré-determinada de indivíduos e práticas que tinham bem definido seu lugar na *mise en scene* social: a margem. A marginalização reguladora, o desejo e o poder que faziam nascer e condenavam essa persona como parte necessária do exercício do poder.

Esta nova caça às sexualidades periféricas provoca a incorporação das perversões e nova especificação dos indivíduos. A sodomia dos antigos direitos civil ou canônico-era um tipo de ato interdito e o autor não passava de seu sujeito jurídico. O homossexual do século XIX torna-se uma personagem: um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida; também é morfologia, com uma anatomia indiscreta, talvez, uma fisiologia misteriosa. Nada daquilo que ele é, no fim das contas, escapa à sua sexualidade. Ela está presente nele todo: subjacente a todas as suas condutas, já que ela é o princípio insidioso e infinitamente ativo das mesmas; inscrita sem pudor na sua face e no seu corpo já que é um segredo que se trai sempre. É-lhe consubstancial, não tanto como pecado habitual, porém como natureza singular." (Foucault, 1988. p.43)

Entretanto, a margem sempre fez parte do todo e era, e ainda é, dele que partem suas referências culturais e modos de socialização. Sejam estes uma mimese ou um antagonismo às vivências normativas.

Foucault fala em Dispositivo da Sexualidade:

Através deste termo [dispositivo] tento demarcar [...] um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes termos (FOUCAULT, 1996, p. 244).

Ao que Madlener e Dinis afirmam:

Este dispositivo, com suas verdades e valores morais, dita aquilo que deve ser praticado, interfere nas subjetividades e nas construções individuais referentes aos prazeres e o corpo. Esta influência se dá em todos aqueles indivíduos que não se desprendem deste dispositivo, sejam eles heterossexuais ou homossexuais. (MADLENER e DINIS, 2007, p.50)

Sendo assim, é possível traçar, em geral, uma relação entre cultura e grupos marginais, especialmente a partir do momento que falamos em cultura de massa. Correndo o risco de usar conceitos contemporâneos para falar de vivências do passado, podemos há muito tempo observar grupos de homens gays que se reúnem em torno de divas do teatro e do cinema. Conhecemos inúmeras histórias de travestis que adotavam trejeitos e elementos dessas divas não só nos seus números, mas também no dia a dia.

Do *polari* ao *padê*, uma sociabilidade *queer* existe desde que se separa o homossexual do resto dos humanos. E esses indivíduos produziam e consumiam cultura a despeito das normas que os excluía. Esse consumo é feito às margens e baseado na ressignificação ou codificação de expressões dominantes. O *polari* era um código utilizado por homens gays no Reino Unido na primeira metade do séc xx, que não só ajudava essas pessoas a se proteger, mas que até hoje deixa marcas no idioma e na cultura. Os amigos de Dorothy, em referência à personagem do longa "*O Mágico de Oz*", se reuniam em bares secretos para fugir da perseguição nos Estados Unidos dos anos 40 e 50 e encontravam em subtextos e entrelinhas da cultura vigente significados que os acolhessem.

Sobre o *polari* Paul Becker diz que:

(...) anti-linguagem pareceu mais útil para descrever a função do Polari em relação a seus usuários. As antilinguagens podem fornecer itens lexicais (múltiplos) para conceitos considerados importantes para uma determinada "antissociedade" - elas permitem que a antissociedade permaneça oculta, a linguagem compartilhada atua como um mecanismo de ligação e um meio de identificação e, o mais importante, a antilinguagem permite que seus usuários construam uma realidade social alternativa e identidades alternativas para si mesmos. (BECKER, 2002, p.154)³²

³² Tradução da autora. No original: anti-language appeared most useful in describing Polari's function in relation to its users. Anti-languages can provide (multiple) lexical items for concepts considered important to a particular 'anti-society' – they allow the anti-society to remain hidden, the shared language acts as a bonding mechanism and means of identification, and, most importantly, the antilanguage allows its users to construct an alternative social reality and alternative identities for themselves.

No mesmo período, mulheres lésbicas escreviam e consumiam romances baratos, escritos supostamente para homens, com personagens estereotipadas e fadadas pela lei e a moral, à finais trágicos ou corretivos. Ainda hoje, quando expressões como “mona”, “racha” ou “padê” entram na cultura dominante, em novelas e propagandas, é fácil enxergar uma divisão, enxergar a alteridade entre héteros e pessoas LGBTQIAPN+.

Ora, o aparecimento, no século XIX, na psiquiatria, na jurisprudência e na própria literatura, de toda uma série de discursos sobre as espécies e subespécies de homossexualidade, inversão, pedcrastia e "hermafroditismo psíquico" permitiu, certamente, um avanço bem marcado dos controles sociais nessa região de "perversidade"; mas, também, possibilitou a constituição de um discurso "de reação": a homossexualidade pôs-se a falar por si mesmo, a reivindicar sua legitimidade ou sua "naturalidade" e muitas vezes dentro do vocabulário e com as categorias pelas quais era desqualificada do ponto de vista médico. Não existe um discurso do poder de um lado e, em face dele, um outro contraposto. Os discursos são elementos ou blocos táticos no campo das correlações de força. (Foucault, 1988, p. 96-97)

Essa segregação é em si reguladora e motivadora. Ela cria uma margem e alimenta o desejo pela mesma. Sexo e homossexualidade versus a sociedade "normal". O *pink money*, como se chamam os lucros advindos da mercantilização de uma causa LGBTQIAPN+, não deixa de ser *money*.

O poder funciona como um mecanismo de apelação, atrai, extrai essas estranhezas pelas quais se desvela. O prazer se difunde através do poder cerceador a este fixa o prazer que acaba de desvendar. O exame médico, a investigação psiquiátrica, o relatório pedagógico e os controles familiares podem, muito bem, ter como objetivo global aparente dizendo a todas as sexualidades errantes ou improdutivas, mas, na realidade, funcionam como mecanismos de dupla incitação: prazer poder. Prazer em exercer um poder que questiona, fiscaliza, espreita, espia, investiga, apalpa, revela; por outro lado, prazer que se abrasa por ter que escapar a esse poder, fugir-lhe, enganá-lo ou travesti-lo. Poder que se deixa invadir pelo prazer que persegue, diante dele, poder que só afirma no prazer de mostrar-se, de escandalizar ou de resistir. Captação e sedução; confronto e reforço recíprocos: pais e filhos, adulto e adolescente, educador e alunos, médico e doente, psiquiatra com sua histórica e seus perversos, não cessaram de desempenhar esse papel desde o século XIX. Tais apelos, esquivas, incitações circulares não organizam, em torno dos sexos e dos corpos, fronteiras a não serem ultrapassadas, e sim, as perpétuas espirais de poder e prazer.” (Foucault, 1988. p.45)

Talvez seja possível olhar para essa relação de apropriação de indivíduos LGBTQIAPN+ sobre a cultura de massa ao longo da história como expressões de fã, e percebê-los como fraturas no poder regulador. Espaços ou comunidades que existiam em torno de produtos da indústria cultural, mas que permitiam que seus participantes se reafirmassem em suas diferenças e construíssem uma forma de ser que lhes era particular.

Esses grupos sempre funcionaram como espaço de troca e de construção da subjetividade desses indivíduos LGBTQIAPN+, ainda que de forma não estruturada. Mas para existir essas subjetividades foi necessária a não sujeição a uma cis-heteronormatividade.

3.2 Subjetividades, construção da subjetividade e *Fandom*

“Quais são essas forças que compõem o homem? Salienta Foucault: “(. . .) força de imaginar, de recordar, de conceber, de querer” (Deleuze, 1988, p. 132)”. A busca de observar o impacto de produtos midiáticos em grandes grupos de pessoas e a dimensão das vivências de um *fandom* nos fazem pensar como essas vivências impactam o modo de existência e a ideia de si desses indivíduos, como a subjetividade dessas pessoas é moldada pelas trocas dentro desses grupos. Mas afinal, o que é subjetividade? Conseguiremos unir todos os elementos semânticos para defini-la de uma maneira clara, de valor único e definitiva?

Guattari define subjetividade como “O conjunto das condições que torna possível que instâncias individuais e/ou coletivas estejam em posição de emergir como *território existencial* auto referencial, em adjacência ou em relação de delimitação com a alteridade ela mesma subjetiva” (Guattari, 2006, p. 19).

É certo que esse conceito não é definitivo, mas a partir dele podemos entender como relações individuais e coletivas atuam para constituição de uma forma de entender a si e a um grupo. O termo subjetividade abarca uma noção ampla e de complexa compreensão, sendo assim, vamos trabalhar aqui com pistas conceituais, reflexões que nos permitem um olhar mais amplo sobre o tema e que nos ajudam a compreender melhor o objetivo da pesquisa. A ideia aqui é apontar convergências e tensionamentos que ocorrem nos universos políticos, éticos, estéticos e até clínicos.

Mansano (2009, p.116) afirma que a ideia que atravessa a obra, tanto de Guattari quanto de Foucault, que vamos nos ater mais adiante, é a ideia da "produção viva de si no encontro com o outro". Ela afirma que "essa produção incessante atualiza a potência coletiva para transformar a realidade social". É a ideia de que em sendo, nós influenciemos e somos influenciados pelo meio. Meio esse que é social, físico, econômico e quanto mais instâncias houver.

Essa transformação de uma realidade social, seja ela em instâncias humanas intersubjetivas (manifestadas pela linguagem) e instâncias sugestivas (que diz respeito a interações institucionais de diferentes naturezas), não se dá sem a transformação do mesmo indivíduo que a alterou. A realidade é indissociável do indivíduo e é em si delimitada por subjetividades. Mas é preciso também apontar que a subjetividade não é estanque. A “Noção de subjetividade concebida por Foucault, não como um conjunto conceitual de fenômenos que se assemelham ou se opõem, mas como práticas que se efetuam e se atualizam constantemente em um dado momento da história” (Takeiti, 2011, p. 64).

O sujeito não pode então ser concebido como uma entidade pronta, "ele se constitui à medida que é capaz de entrar em contato com essas forças e com as diferenças que elas

encarnam, sofrer suas ações e, em alguma medida, atribuir-lhes um sentido singularizado.” (Mansano, 2009, p.115)

Já Guattari e Rolnik (1996, p. 31) entendem que a “subjetividade não implica uma posse, mas uma produção incessante que acontece a partir dos encontros que vivemos com o outro”. Os autores analisam que a produção do sujeito remete a uma aventura que é recorrentemente colocada nessa constituição de si e nas variações produzidas pelos encontros intensivos com o outro. (Mansano, 2009). A partir disso, entendemos a subjetividade como algo em eterna mudança, marcada por aspectos históricos, econômicos, sociais, clínicos... Aspectos esses que estão também a todo tempo sendo alterados por essa subjetividade. É possível afirmar então, que os múltiplos componentes de subjetividade se difundem como linhas que costuram o social, dando-lhe movimento. E essas subjetividades são constituídas de matérias variáveis e localizadas em seu momento histórico.

É ainda preciso pontuar que essa subjetividade não existe como um ente interior que pode ser separado das ações do sujeito. A subjetividade se constitui no dado. Ou seja, só existiria sujeito prático, demarcado e demarcador do meio e em relação com este. O que somos só é a partir do encontro, seja com o outro seja com a máquina. A subjetividade vem a ser nesse encontro, ou embate. Foucault relaciona a subjetivação com as “práticas de si”, do pensamento grego. Em “A aventura de contar-se”, Margareth Rago, sintetiza bem o que seria essa ideia:

Os gregos e romanos desenvolveram técnicas de constituição de si baseadas em práticas da liberdade que envolviam a conquista da temperança, isto é, do equilíbrio entre o lado racional e o emocional do indivíduo por um meticuloso trabalho cotidiano de autotransformação. Ser belo significava ser temperante e ser capaz de agir com autonomia, sem ser governado pelo outro e sem submissão aos próprios instintos e paixões; portanto, diferencia-se radicalmente da “cultura do narcisismo” do mundo contemporâneo, em que o indivíduo se torna incapaz de sair de dentro de si mesmo e de ter distância em relação ao mundo, tamanho o grau de projeção e identificação que estabelece com o mundo exterior (Rago, 2013, p. 35-36).

Existe, contudo, uma distinção entre subjetivação e sujeição. A última, associada a uma ideia de liberdade irrestrita, que serviria ao poder permitindo que ele atue de fato. Já a primeira, segundo Foucault, estaria relacionada às “práticas para o si” ou mesmo a uma ideia de temperança:

Não existe ação moral particular que não se refira à unidade de uma conduta moral; nem conduta moral que não implique a constituição de si mesmo como sujeito moral; nem tampouco constituição do sujeito moral sem “modos de subjetivação”, sem uma “ascética” ou sem “práticas de si” que as apoiem. A ação moral é indissociável dessas formas de atividades sobre si, formas essas que não são menos diferentes de uma moral a outra do que os sistemas de valores, de regras e de interdições (Foucault, 1984. p 28-29).

Em “A aventura de contar-se”, Margareth Rago entende por “modos de subjetivação”:

os processos pelos quais se obtém a constituição de uma subjetividade, ao contrário dos “modos de sujeição”, que supõem obediência e submissão aos códigos normativos, como ocorre desde a ascensão do cristianismo e com a emergência da sociedade disciplinar, na Modernidade (Rago, 2013. p.34)

É justamente o equilíbrio entre o não ser governado pelo outro e nem a submissão aos próprios instintos que entendemos como modo de subjetivação. Sem a subjetivação não existiria contraponto ao poder, mas também sem essa oposição, o poder não poderia existir. Um modo de subjetivação tensiona e molda o poder, criando com ele novas formas de existir dentro de uma lógica pré-existente.

A constatação da existência de modos diferenciados de formação do indivíduo, tanto na relação com os códigos morais quanto na relação consigo mesmo, ao longo da história, permite problematizar e desnaturalizar as práticas modernas de produção de si, evidenciando sua dimensão normativa, despotencializadora e sedentarizante. Assim, como observa A. Alves, contra a produção de uma subjetividade submetida aos imperativos do trabalho e do lucro, moralizada e edipianizada no dispositivo familiar, pode-se perceber a emergência de “formas experimentais de relação consigo mesmo e com os outros, que podem ser entendidas como modalidades distintas de ‘estética da existência’ (A. Alves, 2009, p. 21 *apud* Rago, 2013).

Guattari e Rolnik nos apresentam a ideia de "processos de singularização" que, assim como o modo de subjetivação, de Foucault é constitutivo da dimensão política da ideia de subjetividade.

O que chamo de processos de singularização é algo que frustra esses mecanismos de interiorização dos valores capitalísticos, algo que pode conduzir à afirmação de valores num registro particular, independentemente das escalas de valor que nos cercam e espreitam por todos os lados (Guattari; Rolnik, 1996, p. 47).

Como a ideia de *Fandom* se relacionaria com isso tudo?

Não é difícil pensar em um grupo de fãs que reforça e segue as correntes de poder de uma indústria cultural massiva e poderosa, mas cada vez mais, esses grupos se reconfiguram e com isso se reconfiguram, também, suas ações. Num momento onde a indústria cultural busca e valoriza cada vez mais os fãs, num momento histórico pós feminismo e movimentos antirracistas e pró-LGBTQIAPN+, o movimento dos fãs assume outros relevos. Já não é exceção um grupo de fãs que força os limites do capital e que cria sobre um objeto cultural algo que transcende as significações do mesmo.

Como diz Nelly Richard (2002, p. 143), referindo-se à questão do gênero, [...] o modo como cada sujeito concebe e pratica seu gênero está mediado por todo um sistema de representações que articula o processo de subjetividade através de formas culturais. Os signos “homem” e “mulher” são construções discursivas que a linguagem da cultura projeta e inscreve na superfície anatômica dos corpos, disfarçando sua condição de signos atrás de uma falsa aparência de verdades naturais, a-históricas. (Rago, 2013. p. 24)

Assim também podemos pensar a constituição de uma noção de sexualidade e possibilidades de gênero. Seriam necessárias não só representações, mas construções

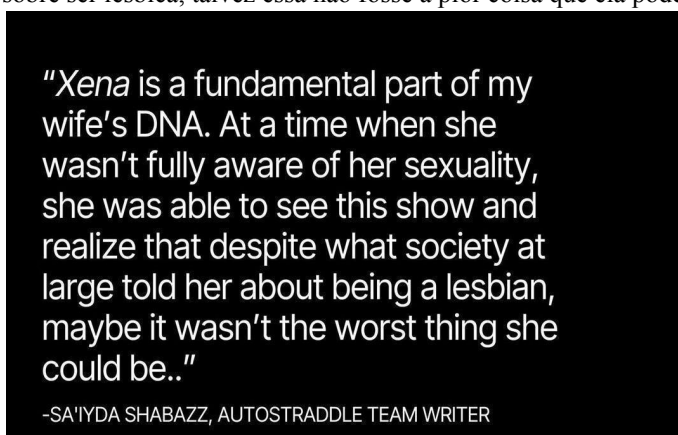
discursivas e vivências sociais que expandem e elaboram conceitos antes tidos como estanques. Não é raro encontrar declarações de fãs que dizem que a possibilidade de ser quem se é foi construída na fruição de um objeto cultural, como nos exemplos a seguir (fig.1,2 e3):

Figura 1 - "Como o X-Men dos anos 90 salvou uma geração de crianças queer"



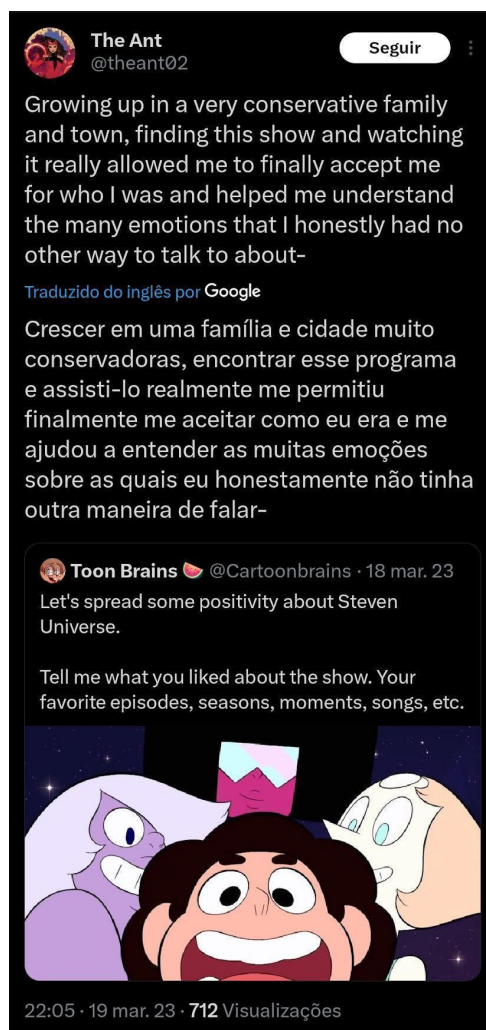
Fonte: Indiewire

Figura 2 - *Xena* é parte fundamental do DNA da minha esposa. Num momento em que ela não estava completamente consciente de sua sexualidade, ela pode ver essa série e perceber que apesar do que a maior parte da sociedade dizia a ela sobre ser lésbica, talvez essa não fosse a pior coisa que ela poderia ser.."



Fonte: Autostraddle via Instagram

Figura 3 - Resposta de um usuário do X (antigo Twitter) a uma postagem perguntando o que as pessoas gostavam na série "Steven Universo".



Fonte: X (rede social)

Ao voltarmos à citação que abre esse tópico, se a força de imaginar, de recordar, de conceber e de querer são forças que compõem o sujeito e se pensarmos as práticas de fãs como um eterno imaginar e preconceber universos correlacionando-os com seus quereres, salta aos olhos a relação entre essas ideias. As próprias práticas de fãs, como a escrita de *fanfictions* ou *posts*, onde esses indivíduos entrelaçam suas vivências e anseios às ideias do produto que consomem, produzem novas subjetividades e as relações entre fãs e obra permite que os primeiros possam explorar os limites de suas existências.

3.3 Seria o *Fandom* um modo de subjetivação?

Sendo a subjetividade algo que é essencialmente fabricada e modelada no registro do social e os modos de subjetivação aspectos de tensionamento de um poder sobre o sujeito e a forma com que esse sujeito se relaciona com esse poder, seria então possível afirmar que o *fandom* pode funcionar como um modo de subjetivação?

Os modos de subjetivação podem tomar as mais diferentes configurações, e “estas cooperam para produzir formas de vida e formas de organização social distintas e, cabe insistir, mutantes” (Mansano, 2009). Numa escala menor, pensamos o *fandom* como um modo de subjetivação assim como Rago pensa os feminismos como tal:

Pode-se dizer, portanto, que os feminismos criaram modos específicos de existência mais integrados e humanizados, desfazendo as oposições binárias que hierarquizam razão e emoção, público e privado, masculino e feminino, heterossexualidade e homossexualidade. Inventaram eticamente, ao defenderem outros lugares sociais para as mulheres e sua cultura, e operaram no sentido de renovar o imaginário político e cultural de nossa época, principalmente em relação aos feminismos do século XIX e do início do século XX (Rago, 2013, p. 21-22).

Rago (2013) nos apresenta ainda a ideia de "cartografar a própria subjetividade" e traz o conceito foucaultiano de "escrita de si" para o viés feminista. Se Foucault fala da escrita como uma forma de “se mostrar”, de se expor e de se delimitar em face do outro (2012), Rago aplica essa ideia à produção de outras ideias de si e da realidade através do ato de escrever. É o escrever-se que dá forma a uma realidade. É essa interpretação de Rago (2013) do conceito que trazemos para essa análise.

Escrever como forma de resistência. Mas não só isso, produzir conteúdo que derrame as “verdades” do indivíduo sobre produtos midiáticos. Interagir e criar elos mediados por esse universo construído pela indústria, mas também por grupos que tomaram posse deles. Fazer-se existir publicamente e deixar o anonimato que marcou a condição feminina e LGBTQIAPN+ ao longo da história. Se considerarmos que o *fandom* possibilita novos modos de subjetivação precisamos considerar como ele faz isso, por que meios isso acontece.

Entender as produções de fãs como objetos de uma escrita de si nos parece natural. Ainda que mediados pelo produto preexistente, as produções de fãs permitem que esses indivíduos se coloquem publicamente, se questionem e se entendam, isso tudo enquanto agem sobre o universo cultural dos outros membros e sobre a subjetividades destes. O ato de interpretar um produto midiático em postagens de redes sociais ou fóruns *on-line*, o ato de reimaginar um universo ficcional na escrita de uma *fanfic* permite que esse indivíduo se coloque muito mais do que coloca a obra. São nesses atos que percebemos os sujeitos que fazem o *fandom* se escrevendo e moldando a realidade e os tensionamentos sociais e, por vezes, econômicos.

Para além disso, subculturas, códigos e entrelinhas não cis, não heteronormativas podem ser rastreadas há séculos atrás e é provável que essas interações também tenham funcionado como modo de subjetivação para as pessoas naqueles grupos. Ao pensarmos o dialeto *polari*, no século XIX e códigos de vestimenta usados por indivíduos *queer* para se

identificar, sem se expor em sociedades onde orientações sexuais dissidentes eram criminalizadas, é possível pensar que os próprios modos de existir desses indivíduos tenham sido impactados por essas trocas às margens da cultura dominante e aceita.

Reconhecer o *fandom* como uma dessas possibilidades de modo de subjetivação e entender as particularidades de uma vivência LGBTQIAPN+ dentro de um *fandom* na contemporaneidade, com o impacto que esses grupos têm no conteúdo e na indústria, é acrescentar mais uma camada de complexidade nessa relação.

Ainda em "A aventura de contar-se" Rago afirma que:

todas registram uma experiência de incômodo e inadaptação diante dos modelos tradicionais de feminilidade, um sentimento de estrangeiridade vivido desde cedo em suas vidas. Todas, então, tiveram de construir novos espaços subjetivos, sociais e de gênero, e o feminismo foi a grande porta de entrada para seus deslocamentos e reinvenções. (2013, p.29)

Isso nos remete às respostas do nosso questionário com fãs, o qual detalharemos na seção 4.3. Como essas pessoas, por não se sentirem confortáveis com os papéis que a sociedade estabeleceu para elas, foram buscar na ficção, na projeção e numa reimaginação de si uma nova forma de existir? E a resposta a estas questões foi que por ver suas experiências espelhadas em outros fãs, aceitaram novas “verdades” sobre si.

Outro conceito que nos foi trazido por Rago (2013) foi a ideia de uma “Desterritorialização Subjetiva”. Uma ideia que nos remete às ideias de Guattari (1994), em "Micropolítica do Desejo", quando este fala de “singularização”. Enquanto o conceito de Guattari versa sobre uma forma contemporânea dos sujeitos construírem subjetividade, não mais tão atrelada às normas sociais e distinguindo-se entre o individual e o coletivo, a ideia de Rago nos faz pensar num indivíduo que, em não podendo se ver no coletivo em que está inserido, se vê obrigado a fabricar novas ideias de si e, com isso, reescreve as realidades e as possibilidades de existência.

Mais uma vez, esses conceitos parecem falar diretamente sobre a experiência LGBTQIAPN+. Se para sermos, é necessária uma troca social e na ausência dessas trocas buscamos nossos referenciais longe da cultura em que estamos inseridos, se os territórios subjetivos que nos são apresentados não nos cabem, então, é preciso inventar uma nova subjetividade que bem pode ser movida por um produto cultural ressignificado e compartilhado. Como nos foi dito no questionário anônimo que fizemos para essa pesquisa (Figura 4).

Figura 4 - Resposta ao questionário da presente pesquisa³³.

Earpers have taught me to celebrate my queer identity and have shown me the importance and power of authenticity and acceptance. I don't think I would be so comfortable or confident in my identities if it weren't for their kindness and support, and I certainly wouldn't have been able to take the step to start testosterone if it weren't for them; they give me strength and a found family that I sorely needed.

1 resposta

Fonte: Elaboração da autora.

É sempre bom ressaltar que essa “produção de subjetividades, da qual o sujeito é um efeito provisório, mantém-se em aberto uma vez que cada um, ao mesmo tempo em que acolhe os componentes de subjetivação em circulação, também os emite, fazendo dessas trocas uma construção coletiva viva” (Mansano, 2009, p.111). Colocado nesses termos, é curioso observar que o *fandom* não só funciona como modo de subjetivação, mas tem em seu *ethos* algo que em muito se assemelha a esse conceito. O *fandom* também existe na troca e são essas trocas que moldam as pessoas, as produções de fãs e, muitas vezes, o produto, que se é fã.

³³ Em tradução: “Os Earpers me ensinaram a celebrar minha identidade queer e me mostraram a importância e o poder da autenticidade e da aceitação. Acho que não me sentiria tão confortável ou confiante em minhas identidades se não fosse por sua bondade e apoio, e certamente não teria sido capaz de dar o passo para começar a tomar testosterona se não fosse por eles; eles me deram força e encontraram uma família de que eu tanto precisava” (tradução nossa).

4. Mas porque esse *fandom*?

4.1. A série e os *earpers*

"Você é lésbica, não um unicórnio, certo?". Essa foi a frase que me fez pensar que talvez, dessa vez, finalmente, um produto *pop* não fosse levar temporadas a fio para reconhecer e dar espaço para um romance *queer*. E a julgar pela quantidade de *fanart* e *fanmerch* de unicórnios, esse deve ter sido o sentimento de muitas pessoas. Isso, e um colete à prova de balas no *finale* da primeira temporada.

A série “Wynonna Earp” é uma série de 4 temporadas exibida entre 2016 e 2021, pelo canal a cabo, norte americano, Syfy. Classificado como um faroeste sobrenatural, o seriado é direcionado ao público jovem adulto e desde o início foi vendido como uma série feminista de uma heroína incomum, pois conta a história de Wynonna, descendente do lendário xerife do velho oeste norte-americano, que herda sua arma e com ela o dom secreto da família de matar demônios.

Produzida por um canal relativamente pequeno e com um orçamento proporcional ao canal, a série esteve em risco de cancelamento entre todas as suas temporadas. Sendo a campanha pela renovação da série para uma quarta temporada a mais marcante com os fãs financiando *outdoors* na Times Square e região e a campanha por uma quinta temporada que influenciou a conclusão da série com um longa-metragem que estreou em 2024, três anos depois do fim da série.

Mesmo quem não é fã provavelmente se lembrará da campanha #FightforWynonna, que virou manchete em 2019, com o seriado sendo trending no Twitter por semanas e com *outdoors* financiados por fãs na Times Square como uma demonstração de apoio à série. (Nakamura, 2021)³⁴

Em “Wynonna Earp” o grande casal LGBTQIAPN+ é formado pela irmã da protagonista e a policial da pequena cidade onde se passa a série. Waverly Earp e Nicolle Haught, *WayHaught* para os fãs, têm uma relação que se desenvolve desde os primeiros episódios da série e que serve de veículo para temas como bissexualidade, heterossexualidade compulsória e homofobia. Elas também viraram uma das *hashtags* que levavam a série semanalmente ao topo das menções em redes sociais como Twitter e Tumblr. Assim como tinha acontecido com *Clexa* (casal sáfico de “Os 100”) e como depois veio a acontecer com *AvaTrice* (Casal de mulheres da série “Warrior Nun”) os números *on-line* apontavam que a base de fãs da série eram não só pessoas jovens, mas também pessoas LGBTQIAPN+. Isso

³⁴ Tradução da autora. No original: Even a non-fan will likely remember the headline-making #FightforWynonna campaign in 2019, which had the show trending on Twitter for weeks and saw fan-funded billboards go up in Times Square as a show of support for the series.

parecia empolgar na mesma medida em que preocupava um público já cansado de ter seus afetos capitalizados e depois descartados.

A experiência do espectador *queer* de hoje é marcada, consciente ou inconscientemente, por toda a história dessa espetatorialidade *queer mainstream* sobre a qual discurremos anteriormente. As expectativas, as discussões na *internet*, os discursos promocionais, o imaginário em torno desses produtos refletem essa história conturbada. Com *Wynonna Earp* não é diferente, a série sabe o caminho que a precede. A diferença aqui talvez seja o modo explícito como a série se afirma consciente dessa história ou disposta a ouvir esses fãs LGBTQIAPN+.

O objeto dessa pesquisa me ocorreu ao observar a *internet* e veículos tradicionais de imprensa se espantando com a positividade de um dos meus *fandons* favoritos. Os *Earpers* se apoiavam, defendiam o que queriam e acreditavam e faziam muito barulho por uma série menor que quase ninguém fora do grupo conhecia. Mas eles faziam isso com muito respeito e sem as costumeiras rixas entre *shippers*³⁵.

A série estreou pouco tempo depois da morte de Lexa em “Os 100” e era direcionada a um público semelhante. Ambas séries de fantasia, voltadas para um público jovem, ambas inicialmente com pouco orçamento para o gênero e menos ainda para publicidade. Entretanto, talvez hoje seja possível chamar “Wynonna ...” de um produto midiático *queer* e o mesmo não pode ser dito de “Os 100”.

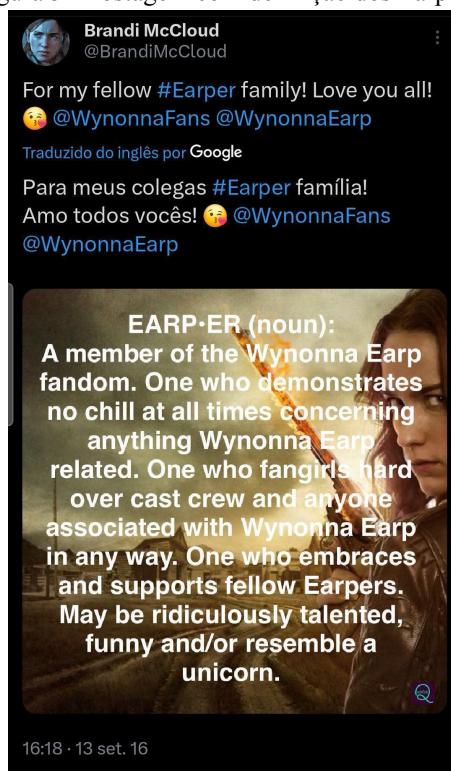
Beshoff e Griffin (2006), por exemplo, elegem algumas formas não excludentes (e tampouco fixas) de qualificar o que é um filme *queer*. Segundo os autores, para entender o filme como *queer* é preciso levar em consideração o gênero narrativo, o aparato cinematográfico, a autoria da obra, a presença de personagens *queer* e a sua espetatorialidade. (Silva; Marconi; Tomazetti, 2017, p.186)

É essa espetatorialidade *queer* que foi cultivada, por lucro ou ideologia, que marca a diferença nesse produto midiático. Uma série fantasiosa, com elementos de sobrenatural, advinda de um quadrinho, com uma protagonista feminina e jovem que herda um super-poder e luta com monstros é uma premissa já bem explorada. “Buffy - a caça vampiros” fez isso ainda nos anos 90 e a ela se seguiram muitas outras. A grande diferença de “Wynonna” talvez esteja justamente nos seus fãs e como a equipe criativa soube construir uma relação saudável e respeitosa e, assim, cultivar uma base de fãs tão marcante.

³⁵ *Shipper* é a pessoa que *shipa* e *shipar* é torcer por um casal ficcional, gerar conteúdo em torno dele e defendê-lo. Seja ele canônico ou não.

No seu artigo “Interactions, Emotions, and Earpers: Wynonna Earp, the Best Fandom Ever”³⁶ a pesquisadora Jacinta Yanders traz uma definição do que é *Earper* feita por uma fã da série, Brandi McCloud (@BrandiMcCloud), no *Twitter* (Figura 5).

Figura 5 - Postagem com definição dos Earpers³⁷



Fonte: Twitter

Essa definição menciona qualidades associadas aos fãs de “Wynonna Earp” que ajudaram a estabelecer os *Earpers* como uma comunidade particular.

Conforme descrito aqui, muitos Earpers ativos nas mídias sociais demonstram um interesse constante em qualquer coisa tangencialmente relacionada ao programa. Além disso, a noção de que o *fandom* é baseado na amizade é frequentemente repetida nas postagens. Embora esteja claro que os Earpers são fãs do programa, a definição também está nitidamente sintonizada com comportamentos e emoções específicos não relacionados à visualização. Essa definição é notavelmente representativa de um compromisso afetivo, que Robert V. Kozinets descreve como um “elemento altamente comprometido e evangélico do *fandom*, da experiência do fã, que atraiu profissionais de marketing, consultores de negócios e gerentes de negócios para abraçar de todo o coração a identidade do consumidor como fã” (2014, 164). Embora a definição de Earper tenha sido elaborada por um fã, e não

³⁶ “Interações, Emoções e Earpers: Wynonna Earp, o melhor *fandom* de todos os tempos” em tradução livre da autora.

³⁷ Em tradução: “Um membro do fandom de Wynonna Earp. Uma pessoa que não demonstra nenhuma frieza em todos os momentos em relação a qualquer coisa relacionada a Wynonna Earp. Uma pessoa que é muito fã da equipe, do elenco e de qualquer pessoa associada à Wynonna Earp de alguma forma. Uma pessoa que abraça e apoia outros Earpers. Pode ser ridiculamente talentoso, engraçado e/ou se parecer com um unicórnio.” (tradução nossa).

pela rede Syfy e/ou pelos criadores do programa, sua existência sugere que a conexão emocional desejada está em vigor. (Yanders, 2018, n.p.)³⁸

Os *Earpers* são engajados desde o início da exibição. Talvez pelo recorte etário ou talvez pela recente crise de Clexa, o público muito rápido se posicionou em relação à série. A equipe criativa parece ter entendido rápido o clamor por representatividade de qualidade e ainda na primeira temporada reconheceram a existência do tropo negativo e se comprometeram com o respeito a essa representatividade. Isso foi muito bem traduzido com uma cena no *finale* da primeira temporada onde a personagem lésbica Nicole Haught é baleada pela vilã. Discorreremos sobre a cena e sua subversão do tropo mais adiante no texto.

Acredito que essa relação positiva entre produtores e fãs, entre a obra e as pessoas *queer* que a consumiam, foi o que cultivou a reação positiva dentro do *fandom*. E apesar de ver muitos momentos onde a série reconhece questões discutidas por seus criadores e fãs em redes sociais, talvez seja a cena do tiro que melhor sintetize esse acordo frutífero.

Como em todo último episódio da temporada de uma série desse tipo, “*I Walk the Line*” foi cheio de ação, reviravoltas e violência. As dinâmicas internas entre os personagens são chacoalhadas, em geral, devido a uma tragédia que acontece nessa altura na narrativa. E foi nesse contexto que Nicolle Haught, protagonista lésbica, leva um tiro. Marcada por tantos outros tiros que eliminaram personagens *queer*, eu só pude me resignar num sentimento não raro de enganação. A cena foi construída como muitas na história recente da TV, um momento de revelação, meigo e que serviria bem para justificar as atitudes da protagonista contra o vilão ou para justificar a revolta de um par romântico.

Mas essa narrativa é subvertida. Depois de alguns instantes a personagem baleada revela que evidentemente está usando um colete à prova de balas. Ela estava numa situação hostil e não faria sentido não estar pronta para isso. O comentário a seguir, retirado do questionário anônimo *on-line* que fiz para esta pesquisa de mestrado, deixa claro que eu não fui a única surpreendida ali. O desfecho quebrava um ciclo de mortes de personagens *queer* que ninguém mais suportava. Ele funcionou como um acordo entre criadores e público de que aquele espaço era seguro para seus fãs LGBTQIAPN+. Uma resposta ao nosso questionário

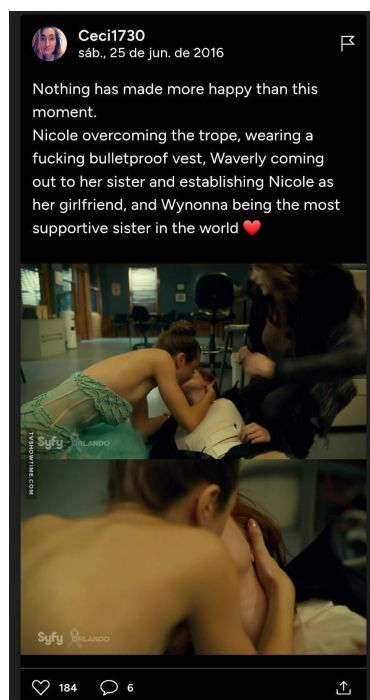
³⁸ Tradução da Autora. No original: As described here, many Earpers active on social media display a consistent interest in anything tangentially related to the show. Furthermore, the notion that the fandom is grounded in friendship is often echoed in posts. While it's clear that Earpers are fans of the show, the definition is also distinctly attuned to particular non-viewing-related behaviors and emotions. This definition is notably representative of an affective commitment, which Robert V. Kozinets describes as a "highly committed and evangelical element of fandom, of the fan experience, that has drawn marketers, business consultants, and business managers to embrace wholeheartedly the identity of consumer-as-fan" (2014, 164). Though the Earper definition was crafted by a fan, rather than the Syfy network and/or creators of the show, its existence suggests that the desired emotional connection is in effect.

afirma: "A representação de Wayhaught - especialmente porque Nicole não foi morta no final da primeira temporada depois que Lexa tinha acabado de ser morta em Os 100. Era um seriado que parecia estar realmente do nosso lado."

Por todas as redes sociais choveram comentários e reações a essa cena. É um detalhe muito pequeno no roteiro. A mera opção de não utilizar um tropo tão comum teve um impacto sem medidas nos sentimentos de um grupo de pessoas, ainda marcado pelo preconceito e pela violência. No YouTube, encontramos muitos criadores de conteúdo reagindo ao episódio³⁹ e a cena do colete causa quase sempre, uma reação muito semelhante de frustração, mágoa seguida de alívio e conforto.

Abaixo temos também alguns comentários retirados da rede social direcionada a séries, TV Time:

Figura 6 - Postagem do usuário Ceci1730 no *Tv Time*



Fonte: Tv Time

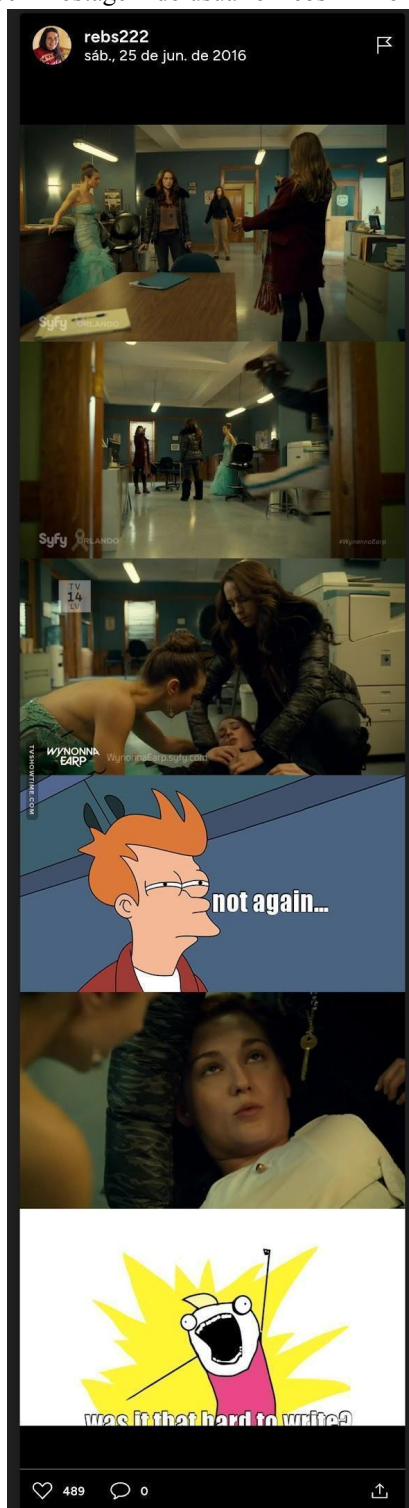
Na Figura 6, o texto da imagem diz: “Nada me fez mais feliz que esse momento. Nicole superando o tropo, usando a merda de um colete à prova de balas, Waverly saindo do armário para a irmã e estabelecendo Nicole como sua namorada, e Wynonna sendo a irmã mais solidária do mundo”⁴⁰. Já na Figura 7, o texto diz: “Me desculpem de antemão. Eu me importo

³⁹ Link para um desses vídeos: <https://youtu.be/PTJ49dYl-T0?si=eS2iwqbjMKHOuWUK&t=148> (se preciso, ativar legendas automaticas em português)

⁴⁰ Tradução da autora para o texto da imagem.

Na Figura 9, vemos uma postagem com *stills* da cena em que a personagem é baleada e o meme diz “de novo não...”. Depois de podemos ver um *still* onde o público e as personagens na cena percebem que Nicole estava com o colete, o meme pergunta “foi difícil escrever isso?”

Figura 9 - Postagem do usuário Rebs222 no Tv Time



Fonte: Tv Time

Esse talvez tenha sido um dos momentos mais marcantes da série, além de uma construção pensada para validar as experiências de espectadores LGBTQIAPN+ em sua relação com produtos midiáticos. O *fandom* respondeu com uma devoção quase religiosa, que podia ser acompanhada semanalmente nas redes sociais. Todos os episódios eram acompanhados em tempo real por milhares de pessoas pelo Twitter, e faziam as métricas da série se destacarem na antiga rede social através da hashtag "#WynonnaWatchParty".

Porém, as ações coletivas do *fandom* que mais impactam ao pensarmos organização social foram as renovações da série, que movimentaram não só as redes sociais, mas campanhas em espaços públicos de destaque como a Avenida Times Square em Nova Iorque - EUA (figura 11), e a hashtag "#EarperSupport"⁴¹ que ainda hoje conecta fãs da série que precisam de ajuda e aqueles dispostos a ajudar (figura 10). Abaixo podemos ver alguns exemplos dessas ações.

Os Earpers que precisam de ajuda com qualquer coisa, incluindo testes de matemática, óculos roubados, cirurgias e luto, enviam pedidos via Twitter com a tag #EarperSupport, e cerca de 30 voluntários em diferentes fusos horários em todo o mundo gerenciam o endereço @EarperSupport para oferecer ajuda 24 horas por dia. Os fãs até mesmo ofereceram lugares uns aos outros para se hospedarem - não apenas quartos de hotel, mas também para pessoas que estão se mudando, pessoas em trânsito devido a voos cancelados ou até mesmo vítimas afetadas por furacões. Eles se referem a esse espírito como "Earp It Forward". Em homenagem à terceira temporada, que estreou na última sexta-feira, os fãs iniciaram uma campanha para arrecadar fundos para o National Women's Law Center, nos EUA, e para o Women's Legal Education and Action Fund, no Canadá. No mês passado, um grupo de artistas fãs respondeu às políticas de imigração dos EUA doando seu trabalho para arrecadar fundos para a RAICES, uma organização sem fins lucrativos do Texas que oferece serviços jurídicos de imigração, com foco em crianças imigrantes, famílias e refugiados. E no ano passado, eles arrecadaram mais de US\$ 12.000 para a organização de defesa da mídia LGBTQ GLAAD⁴². (Yu, 2018, n.p.)

⁴¹ #ApoioEarper em tradução livre.

⁴² Tradução da autora. No original: *Earpers who need help with anything, including math tests, stolen glasses, surgery, and grief, tweet out requests tagged with #EarperSupport, and roughly 30 volunteers in different time zones around the world manage the @EarperSupport handle to offer round-the-clock aid. Fans have even offered each other places to stay — not just hotel rooms, but for people who are moving, those in transit due to cancelled flights, or even victims affected by hurricanes. They refer to this spirit as “Earp It Forward.” In honor of the third season, which premiered last Friday, fans started a campaign to fundraise for the National Women’s Law Center in the U.S. and the Women’s Legal Education and Action Fund in Canada. Last month, a group of fan artists responded to U.S. immigration policies by donating their work to raise money for RAICES, a Texas nonprofit that provides immigration legal services, focusing on immigrant children, families, and refugees. And last year, they raised more than \$12,000 for the LGBTQ media-advocacy organization GLAAD.*

Figura 10 - Postagem no X (antigo Twitter) pedindo ajuda com a tag #EarperSuport



Fonte: X (antigo Twitter)

Figura 11 - Campanha dos fãs pela renovação da série na avenida Times Square (EUA)



Fonte: Google Imagens

“Wynonna Earp” foi uma série que estreou num momento de tensão entre criadores e fãs *queer*. A série precisou ouvir seu público com atenção e construir uma relação de confiança com ele. A subversão do tropo *Bury Your Gays* e a comunicação digital da equipe criativa fomentou um *fandom* que enxerga nos outros membros uma família estendida e uma rede de apoio, criando assim uma interação particular ao grupo e que impactou a construção da subjetividade desses indivíduos. No próximo tópico podemos ver um pouco mais sobre o que outras/os pesquisadoras/es concluíram sobre a série e os *Earpers*.

4.2. O estado da arte ou o que outros pesquisadores dizem sobre Earpers e subjetivação

Antes de seguirmos para as informações que nosso questionário *on-line* nos trouxe, gostaríamos de lançar o olhar sobre o que outras/os acadêmicas/os estão pesquisando não só sobre a série “Wynonna Earp” e os *Earpers*, mas também sobre a relação entre *fandom* e subjetividade. Nessa busca, procuramos publicações no Portal de Periódicos da CAPES, no Google Acadêmico e na pesquisa ampla do Google. As buscas foram feitas entre março de 2023 e abril de 2024, foram levados em consideração resultados em português, inglês, francês e espanhol e alcançaram os seguintes resultados:

Termo Pesquisado	Portal Capes	Google Acadêmico
<i>Wynonna Earp</i>	6 ocorrências	141 ocorrências
<i>fandom</i> + subjetividade	9 ocorrências	274 ocorrências

Fora essas pesquisas dirigidas, outros textos foram considerados nesse levantamento, textos esses encontrados em pesquisas relacionadas.

Das buscas com o termo “Wynonna Earp”, 16 falam da série em si e a representação textual de pessoas não-heterossexuais ou sobre a representação feminina e feminista no seriado. Os 11 restantes abordam temas relacionados aos fãs e sua subjetividade. Desses, os que mais chamaram atenção foram *"Interactions, Emotions, and Earpers: Wynonna Earp, the Best Fandom Ever"* de Jacinta Yanders (2018), *"Les réponses des fans aux représentations lesbiennes fictionnelles: le cas de The 100 et Wynonna Earp"* de Mélanie Bourdaa (2020), *"And then they boned: an analysis of fanfiction and its influence on sexual development"* de Lindsay M. Mixer (2018) e *"We Deserve Better': Sapphic Grief with Media Loss"* de Sb Paxson (2022).

Os textos destacados lançam olhares sobre como fãs, *Earpers* ou não, respondem a representações LGBTQIAPN+ na televisão, como as *fanfictions* contribuem para o desenvolvimento e compreensão sexual desses indivíduos e como o tropo *Bury Your Gays* impacta espectadoras sáficas. Mas talvez devamos primeiro nos voltar para o primeiro texto destacado (e já citado neste trabalho), onde Yanders analisa especificamente os *Earpers* e as interações entre esse *fandom* e os realizadores da série. A autora levanta a hipótese de que essa base de fãs teria sido construída ou intensificada através da postura da equipe que desenvolveu a série e suas estratégias de divulgação. Uma convergência entre tema e sensibilidade nas interações nas redes sociais e em eventos seria a razão para um *fandom* especialmente acolhedor em suas práticas. Ao que a autora conclui:

De acordo com Sarah Banet-Weiser, "Queremos acreditar - na verdade, defendo que precisamos acreditar - que há espaços em nossas vidas movidos por afeto e emoções genuínos, algo fora da mera cultura de consumo, algo acima da redutibilidade das margens de lucro, da crueza da troca de capital" (2012, 5). Isso fica evidente em cada ato e escolha feitos com relação à interação com os fãs. E, especialmente em um contexto cultural contemporâneo em que as notícias de todos os dias parecem trazer algum novo horror, faria sentido que os fãs gravitassem em torno de um espaço que transmitisse cuidado, compreensão e uma sensação geral de paz. (...) Resta saber se Wynonna Earp conseguirá manter a atual conexão emocional. Mas,

por enquanto, assim como um aplicativo de previsão do tempo que nos diz - independentemente da temperatura real - o que podemos esperar sentir quando saímos de casa, o que mais importa é o que os Earpers sentem. E, neste momento? A sensação é real.⁴³ (Yanders, 2018)

Partimos então de um entendimento de que as relações do *fandom* com os realizadores da obra nascem de um lugar de compreensão e respeito e ainda que nascido e mediado por um mercado, as vivências desses fãs são respeitadas e validadas.

Quando Mélanie Bourdaa (2020) analisa a resposta dos fãs à representação lésbica em “Wynonna Earp”, ela nos traz reflexões sobre como essas comunidades permitem aos fãs uma reescrita de si.

Essa identidade digital incentiva as pessoas a reescreverem a si mesmas e suas biografias. Mas, acima de tudo, a apresentação do eu on-line é baseada em vários aspectos que combinam biografia clássica ou fantasiada e conteúdo digital. A projeção de identidade que marca um elemento da identidade afetiva do fã é marcada pela escolha do nome. O conteúdo digital, por sua vez, dá corpo e reforça a identidade digital que o fã construiu.⁴⁴ (Bourdaa, 2020, n.p.)

A autora traz “Wynonna Earp” como o caso positivo de representação sáfica, em oposição à série “Os 100”, e por conseguinte um caso positivo de mediação das compreensões de si e posturas políticas de seus fãs.

No questionário on-line que enviamos aos fãs da série, fizemos uma pergunta sobre a representação que aparece na série. O objetivo era entender a importância da série no contexto do ressurgimento do tropo “Bury Your Gays” na televisão americana, mas também no contexto político e social norte-americano. Todas as respostas que recebemos destacaram a representação positiva das minorias sexuais LGBTQ+ na série. As respostas dos fãs mostram que eles estão cientes do contexto cultural da representação de personagens LGBTQ em séries e que provavelmente já foram vítimas de queerbaiting por uma equipe de outra série. O entrevistado 64 confirmou: “A série destaca aspectos que são sub-representados, mas que são importantes,

⁴³ Tradução da Autora. No original: Sarah Banet-Weiser argues that authenticity is intently sought in contemporary culture, saying we seek “anything that feels authentic, just as we lament more and more that it is a world of inauthenticity, that we are governed by superficiality” and we’re pressed with “the looming sense that we are not real enough, that our world is becoming more and more inauthentic” (2012, 3). Applied to the relationship between Earpers, the cast, and the crew, one can begin to see how the projection of authenticity, especially contrasted against the distant sterile ways in which some other shows interact digitally, would stand out. Thus, rather than arguing whether Wynonna Earp’s fan engagement choices are truly authentic, I argue that they are constructed in such a way—rooted in emotional connection—that they’re perceived to be authentic. That perception is then reciprocated with significant fan labor (which is also then reciprocated with additional labor from the show side). To be clear, I am not arguing that these actions are inauthentic. Aside from being incredibly difficult to prove authenticity in any concrete fashion, I am a fan of the show myself, and I acknowledge that this likely colors my own perception to some degree. Furthermore, I believe that the veracity of this authenticity is ultimately beside the point. Instead, what matters most, and what might be instructive for other industry creators as they craft their own relationships with fans, is that these interactions are perceived to be authentic, genuine, and real.

⁴⁴ Tradução da Autora. No original: Cette identité numérique favorise une réécriture de soi, et une réécriture de sa biographie. Mais surtout, la présentation de soi en ligne repose sur plusieurs aspects qui croisent biographie classique ou fantasmée ici et contenus numériques. La projection identitaire qui marque un élément de l’identité affective du fan est marquée par le choix du nom. Le contenu numérique permet quant à lui d’édifier, de renforcer l’identité numérique que se construit le fan.

especialmente para a comunidade LGBTQ. Ao não matar Nicole, a série prova que o tropo BYG não é mais relevante"⁴⁵ (Bourdaa, 2020, n.p.).

Bourdaa traz ainda a fala de uma fã de 15 anos de idade que dizia que estava planejando se assumir para os pais por conta da personagem de “Waverly Earp”, irmã da protagonista da série que se entende bissexual ainda no começo da narrativa. Assim, a autora conclui afirmando que:

As representações e imagens fictícias transmitidas pelas séries de televisão funcionam como alavancas de engajamento para os fãs (...) Os fãs usam imagens ou as transformam para tornar visível seu compromisso, mas também para tornar visíveis as representações que estão faltando ou são sub-representadas. Assim, as imagens e os recursos visuais tornam-se instrumentos de agência dos fãs em termos de representação ficcional, seu impacto na sociedade e sua relação com as identidades sexuais⁴⁶ (Bourdaa, 2020, n.p.).

É possível explorar aspectos como a relevância da equipe criativa para a construção de um *fandom* e a forma como esses fãs se apropriam do produto cultural. Com a dissertação de Lindsay M. Mixer pudemos olhar também a relação entre a leitura de *fanfictions*, que é somente uma das muitas práticas de um *fandom*, e o desenvolvimento sexual dos participantes desses *fandoms*. A autora afirma que:

O *fandom*, e os fanworks⁴⁷ em particular, oferecem uma visão particular de como nós, humanos, nos unimos para construir comunidades. As formas como os participantes do *fandom* se envolvem na formação da identidade em torno não apenas dos *fandoms* específicos de que gostam, mas também dos personagens que acompanham e dos métodos que usam para participar, sugerem que há muito a ser aprendido sobre o desempenho e a construção da identidade⁴⁸ (Mixer, 2018. p. 60).

Na sua pesquisa, Mixer não aborda especificamente os *Earpers*, mas ao olhar para a construção da sexualidade dos indivíduos através de práticas de fã, a autora dialoga com a

⁴⁵ Tradução da Autora. No original: Dans le questionnaire en ligne que nous avons proposé aux fans de la série, nous avons posé une question sur la représentation qui se donne à voir dans la série. L'objectif était de comprendre l'importance de la série dans le contexte de résurgence du trope « bury your gays » à la télévision américaine mais également dans le contexte politique et social nord-américain. La totalité des réponses que nous avons reçues mettent en avant la représentation positive des minorités sexuelles LGBTQ+ dans la série. Les fans montrent dans leurs réponses qu'elles connaissent le contexte culturel de la représentation des personnages LGBTQ dans les séries et qu'elles ont probablement été victimes d'un queerbaiting de la part d'une équipe d'une autre série. La répondante 64 confirme : « La série souligne des aspects qui sont sous-représentés mais qui sont importants, particulièrement pour la communauté LGBTQ. En ne tuant pas Nicole par balle, la série prouve que le Trope BYG n'a plus lieu d'être »

⁴⁶ Tradução da autora. No original: Les représentations fictionnelles et les images véhiculées par les séries télévisées agissent comme des leviers d'engagement pour les fans (...) Les fans utilisent les images ou les transforment pour rendre visible leur engagement mais également pour rendre visibles des représentations qui font défaut ou qui ne sont pas assez nombreuses. L'image et le visuel deviennent alors des instruments de l'agentivité des fans en matière de représentation fictionnelle, de leur impact dans la société et de leur rapport aux identités sexuelles.

⁴⁷ "Trabalhos de fã", em tradução livre.

⁴⁸ Tradução da autora. No original: Fandom, and fanworks in particular, gives a particular insight into how we as humans come together to build communities. The ways fandom participants engage in identity formation around not just the particular fandoms they enjoy, but the characters they ship and the methods they use to participate, suggests that there is much to be learned about identity performance and construction.

presente pesquisa, especialmente, quando expressa a importância das *fanfictions* para se escapar de construções sociais cis-heteronormativas.

Como mostrei, isso é particularmente verdadeiro para aqueles que lutam para se reconhecer na mídia convencional. Embora a televisão, os filmes e os livros tenham evoluído muito desde Star Trek, não há como escapar do fato de que a maioria dos personagens são heterossexuais, cisgêneros e aderem a noções heteronormativas do que é ser homem ou mulher. A utilidade da fanfiction como um meio de escapar dessas construções - de construir realidades menos limitadas do que as suas não pode ser ignorada. Os entrevistados desta pesquisa mostraram que a fanfiction não é apenas para mulheres cis heterossexuais, mas atrai pessoas de um amplo espectro de identidades de gênero e orientações sexuais.⁴⁹ (Mixer, 2018. p.60)

Por fim, o outro trabalho que chama atenção sobre o tema é a tese de Sb Paxson (2022) sobre luto sáfico. O texto traz informações que contradizem a visão de Jacinta Yanders sobre a visão dos realizadores da série sobre representatividade, uma vez que a *showrunner* se recusou a assinar o *Clexa Pledge*, ou “Compromisso Clexa”. Esse foi um documento onde criadores se comprometeram a não matar seus personagens LGBTQIAPN+ por puro choque, se envolver em histórias *queer* com respeito e tratar os personagens *queer* como tratariam um personagem heterossexual.

Outro ponto sensível levantado no trabalho é a falta de interseccionalidade das pautas dos *fandoms* LGBTQIAPN+. O texto trata do questionamento dos grupos LGBTs negros quanto às escolhas e a dedicação dos fãs que migraram massivamente da tragédia da morte de Lexa em “Os 100” para “Wynonna Earp” sem considerar o racismo em ambas as obras e ignorando obras com personagens sáficas não brancas, como é o caso de “The Bold Type”. Nesse aspecto, é possível dizer que os produtores da série parecem ter ouvido mais as demandas por diversidade que a grande massa do *fandom*. Nas temporadas seguintes, o roteiro apresenta mais alguns personagens não brancos e lhes confere personalidade para além do “negro simbólico”, que é quando um objeto de mídia coloca um unico personagem não branco para cumprir uma cota de diversidade sem necessária mente desenvolver uma personalidade para ele.

Mas as reflexões mais interessantes para nós do texto de Paxson são quando a autora articula o conceito de um além-parassocialidade trazido por Kira M. Deshler em seu texto. “Affective Investments, Queer Archives, and Lesbian Breakups on YouTube” (2020) e a ideia

⁴⁹ Tradução da autora. No original: As I have shown, this is particularly true for those who struggle to find themselves in mainstream media. Though television, movies, and books have come a long way since Star Trek, there is no escaping the fact that the majority of characters are straight, cisgender, and adhere to the heteronormative understandings of what it is to be a man or a woman. The usefulness of fanfiction as a means of escaping these constructions—of building realities less limited than their own, as Hillier and Harrison (2007) put it—cannot be overlooked. The respondents to this survey have shown that fanfiction is not solely for straight cis women but draws in people across a wide spectrum of gender identities and sexual orientations.

de que, justamente por isso, as relações de fãs *queer* com produtos de mídia tem impacto na construção de si desses indivíduos.

Se no artigo de 1956, “*Mass Communication and Para-Social Interaction: Observations on Intimacy at a Distance*”, Donald Horton e R. Richard Wohl definem relações parassociais como unilaterais e estabelecidas entre indivíduos, pessoas presentes em produtos de entretenimento e sua audiência, e onde essa audiência teria uma falsa sensação de proximidade em relação a essa figura midiática, Paxson trabalha com um novo olhar para essas relações:

Com a desintegração da fronteira entre o mediado e o não mediado, como vimos nesse fandom, o relacionamento com essa personagem (e com outras personagens do mesmo cânone que ela) foi mais do que uma conexão casual - foi um compromisso com o eu, com a estranheza e com a autenticidade de ser visível. Esse relacionamento específico é um tipo de conexão que representa a importância de existir e ser visto como queer; era um relacionamento homocêntrico, do qual Lexa é apenas um exemplo.⁵⁰ (2022, p. 266)

É o peso dessa sociabilidade que dá dimensão às perdas que as mulheres sáficas vivem na mídia hegemônica. Daí o luto no título da tese.

Quando nossos eus simbólicos são constantemente assolados pela morte e pela violência após se envolverem em momentos de intimidade sáfica, como isso é refletido em nossas vidas? Quando nossos momentos íntimos são recebidos com tanto desdém e violência, como devemos organizar nossas vidas? Arriscamos a morte para não sentir que somos fantasmas que estão simplesmente sobrevivendo? Continuamos a amar sabendo que nossos corações se despedirão no momento em que nosso amor nos deixar (porque sabemos que isso acontecerá)? Qual é o efeito dessas cicatrizes que nunca têm a chance de cicatrizar?⁵¹ (Paxson, 2022. p. 334)

Mas a ideia também nos dá uma melhor dimensão da relação fã e obra, e da importância dessa obra no espaço de sociabilidade entre indivíduos LGBTQIAPN+ que é o *fandom*. Como afirma Aianne Amado:

Sendo o fã um consumidor atrelado a processos interativos e transformativos e o fandom um ambiente social com práticas e convenções próprias, a sociabilidade se torna um processo intrínseco a essa forma de consumo – talvez um dos mais importantes para o fã. (Amado, 2020. p. 87)

⁵⁰ Tradução da autora. No original: With the disintegration of the boundary between mediated and unmediated, as we have seen with this fandom, the relationship to this character (and other characters in the same canon as her) was more than a casual connection—it was a commitment to the self, to queerness, and to the authenticity of being visible. This particular relationship is a kind of connection that represents the importance of existing and being seen as queer; it was a homocentric relationship, of which Lexa is only one example.

⁵¹ Tradução da autora. No original: When our symbolic selves are constantly beset with death and violence after engaging in moments of sapphic intimacy, how is that refracted in our lives? When our intimate moments are met with such disdain and violence how are we to organize our lives? Do we risk death to not feel like we are ghosts simply going through the motions to survive? Do we continue to love knowing that our hearts will shatter the moment our love leaves us (because we know they will)? What affect do these scars that never get the chance to heal have?

Se falamos então que a sociabilidade é um dos aspectos mais importantes para o fã, é possível então afirmar que essas trocas são tão ou mais importantes para fãs LGBTQIAPN+. E que o espaço do *fandom* pode funcionar como um refúgio de sociabilidade onde esses indivíduos não são postos como “o outro”, mas sim como parte ativa, integral e fundamental à vivência.

1.3. O que dizem os Earpers?

Ao buscar entender a construção da subjetividade que se dá nas trocas dentro de um *fandom* é preciso ouvir o que esses fãs têm a dizer. Para isso, fizemos uma pesquisa de opinião sem identificação, de acordo com a resolução 510/2016 dos Comitês de Ética em Pesquisa (CEP/CONEP) através de um formulário *on-line* (apêndice). Nela, questionamos as pessoas que gostam da série, que consomem os produtos do *fandom* e participam de suas vivências, como essas trocas colaboraram para seu entendimento de si e de sua *queerness*.

Foram feitas perguntas relativas ao gênero, idade, localidade, se a pessoa se entende como parte do *fandom* e mais extensivamente sobre se e como as vivências dentro desse *fandom* lhes ajudaram a entender algo sobre si e qual a opinião desses indivíduos sobre a importância do *fandom* para a experiência como espectador.⁵²

Entre julho e dezembro de 2023 compartilhamos o formulário em redes sociais (Twitter, Tumblr, Reddit, Telegram...), em português e inglês, a grande maioria das respostas foram em língua estrangeira. Tivemos a participação de 93 fãs no formulário em inglês, 7 em português. As mudanças no Twitter, no momento da coleta⁵³, tiveram um peso negativo no alcance do formulário, pois ao pedirmos o apoio de páginas de fãs e da equipe da série nos compartilhamentos, detectamos que muitas pessoas na ocasião do formulário já haviam deixado a plataforma ou as novas diretrizes não permitiam o contato por mensagens diretas.

Abaixo é possível ter uma noção de quem são essas pessoas e como elas entendem suas vivências como pessoas LGBTQIAPN+ dentro do *fandom*.

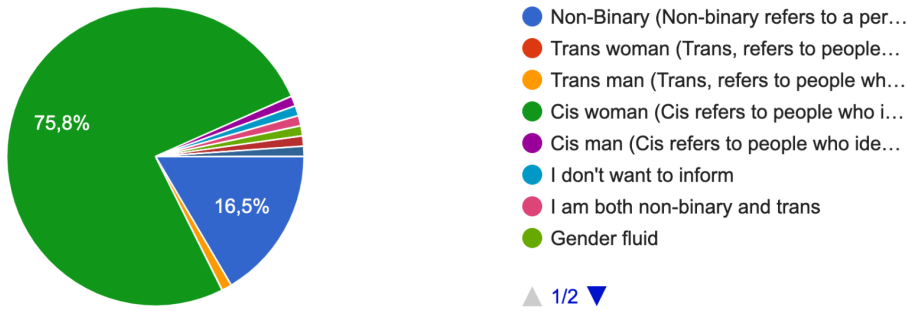
⁵² O formulário completo pode ser encontrado no Apêndice 1 e as respostas no Apêndice 2.

⁵³ Em outubro de 2022, Elon Musk comprou o então Twitter por US\$ 44 bilhões (R\$ 235 bilhões) com 425 milhões de usuários (Fonte: Forbes.com.br/forbes-tech/2023/08/o-fim-do-x-twitter-e-inevitavel/). Desde então a rede social passou por mudanças de interface, regras de uso, limite de leitura, recursos pagos, ocultação de dados, demissões em massa da equipe, uso de inteligência artificial, grandes volumes fake news e bots, conteúdo de ódio, funcionamento da plataforma, troca dos padrões métricos e informações excluídas. O Twitter foi rebatizado como X em julho de 2023, o rebranding provocou uma evasão ainda maior dos usuários.

Figura 12. Identificação autodeclarada no questionário quanto ao gênero

What's your gender?

91 respostas

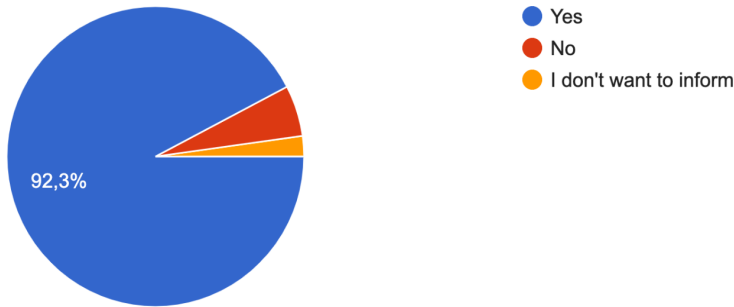


Fonte: Elaboração da autora (2024)

Figura 13. Identificação autodeclarada no questionário quanto ao pertencimento à comunidade LGBTQIAPN+

Do you understand yourself as LGBTQIAPN+?

91 respostas

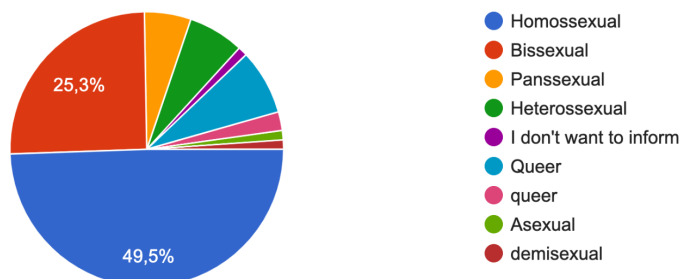


Fonte: Elaboração da autora (2024)

Figura 14⁵⁴. Identificação autodeclarada no questionário quanto à orientação sexual

What's your sexual orientation?

91 respostas

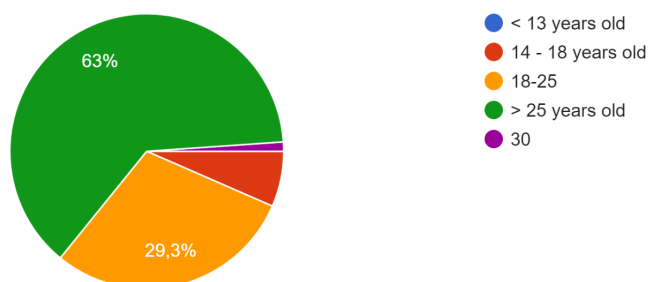


Fonte: Elaboração da autora (2024)

Figura 15. Faixa etária autodeclarada no questionário

How old were you when you started being part of the fandom?

92 respostas



Fonte: Elaboração da autora (2024)

Nos gráficos aqui postos podemos entender melhor sobre esses fãs. Mulheres Cis (figura 12), LGBTQIAPN+ (Figura 13), em sua maioria homossexuais ou bissexuais (Figura 14) e que começaram a acompanhar a série com mais de 18 anos de idade (Figura 15). Talvez seja meramente a protagonista feminina que tenha estabelecido tão facilmente o recorte da *fan base*. Mas é possível também, que a própria relação dentro do *fandom* tenha permitido que esse recorte demográfico se sentisse seguro para participar e assumir o protagonismo nessas relações. Essa noção de aceitação vai ficar mais evidente nas respostas mais adiante.

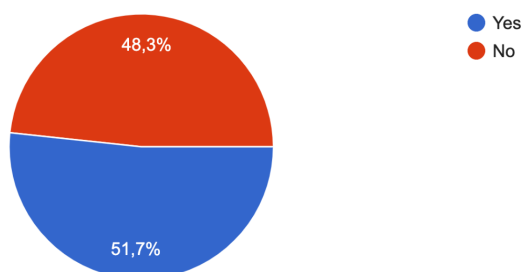
Na sequência, temos alguns dados bem objetivos quanto à natureza dessas trocas entre fãs. 51% das pessoas disseram já ter ido para encontros ou eventos presenciais com outros

⁵⁴ Esse gráfico foi composto por respostas pré-determinadas no questionário e por respostas preenchidas pelos participantes. Por isso a diferenciação entre "queer" e "Queer".

Earpers (Figura 16). Isso é significativo, pois deixa claro que essas trocas, mediadas por um produto midiático, iniciadas na maioria das vezes através da *internet*, assumem uma função real e importante na vivência e socialização de seus fãs, o que corrobora a ideia de *fandom* como espaço de homossocialização. Mais ainda se olharmos para os números sobre como foram essas experiências. Ainda que "só" metade das pessoas tenham extrapolado o ambiente virtual nas suas trocas com outros fãs, mais de 91% dessas pessoas dizem ter tido uma experiência positiva dentro do *fandom* (Figura 17).

Figura 16. Participação autodeclarada no questionário em encontros ou eventos presenciais.

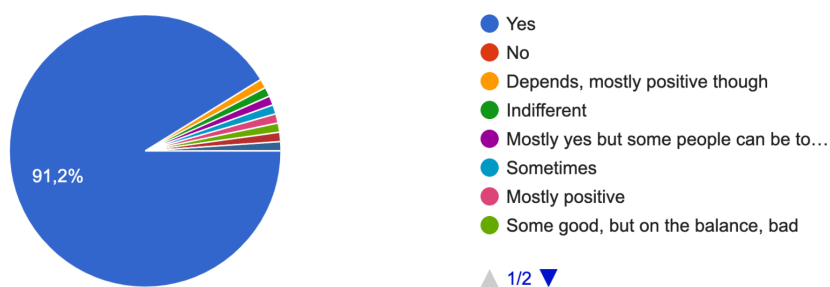
Have you gone for in-person meetings or events with other Earpers?
89 respostas



Fonte: Elaboração da autora (2024)

Figura 17. opiniões autodeclaradas no questionário quanto às experiências dentro do *fandom*.

Were your experiences with this fandom positive?
91 respostas



Fonte: Elaboração da autora (2024)

De forma empírica e passível de análise futura, percebemos que não costuma ser a realidade dentro da maioria dos *fandoms* ter-se uma avaliação tão positiva da relação do indivíduo com esses grupos. As tensões sociais tendem a ser exacerbadas nas trocas virtuais

anônimas. Como afirma Adriana Corrêa Silva Porto em sua pesquisa “O culto no universo fandom: dinâmicas afetivas e sociais em comunidades de fãs no ciberespaço”:

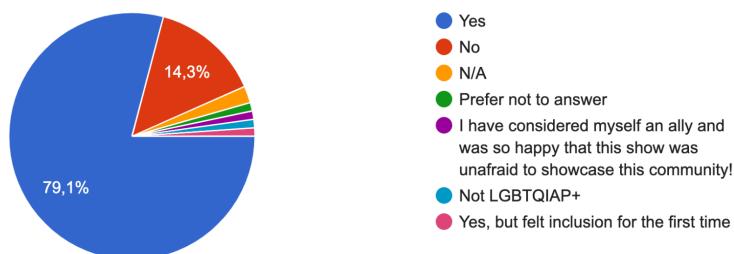
frequentemente, essas manifestações vêm revestidas de disputas por reputação, hierarquia e capital subcultural”. Mesmo *fanbases* menores ou de séries protagonizadas por mulheres, como é o caso de “Supergirl”, são óbvias as fissuras dentro do grupo. Na pesquisa de Acácia Pierre dos Santos Medeiros, “Batman vs Superman - a origem da justiça: as práticas dos fãs em rede” (2017), a autora aponta que 46,7% do seu corpus afirmou já ter se indisposto “com algum participante do tópico por causa de divergência de opiniões. (PORTO, 2014, p.93)

As figuras 18 e 19 contam um pouco mais sobre essa audiência LGBTQIAPN+. Nos surpreendemos com a faixa etária, pois como a série é endereçada ao público jovem adulto com mais de 18 anos, não esperávamos que 79% dos participantes da pesquisa já se entendessem LGBTQIAPN+ antes de fazerem parte do *fandom* (Figura 18). Por outro lado, 46% dos participantes disseram que as vivências no *fandom* os ajudaram a entender algo sobre si e outros 24% acham que talvez essas trocas tenham lhes ajudado (Figura 19).

Figura 18. Afirmações auto declaradas no questionário quanto ao entendimento de si enquanto LGBTQIAPN+

If you are LGBTQIAPN+, did you already understand yourself as part of the community before you met the Earpers?

91 respostas

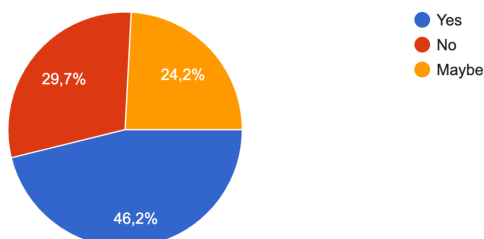


Fonte: Elaboração da autora (2024)

Figura 19. Opiniões autodeclaradas no questionário sobre experiências no *fandom* e entendimento pessoal.

Did any of the experiences within the fandom help you understand anything about yourself?

91 respostas



Fonte: Elaboração da autora (2024)

Podemos observar também o imenso papel de Nicole e Wayverly, casal sáfico mais representativo da série. O nome dessas personagens aparece nas respostas em maior número que o da personagem título. Assim como a ideia de “representação” ou “representatividade” (representation), “aceitação” (acceptance) e, claro, “amor” (love). “Feliz” (happy) e “confiança” (confident) são mais algumas das recorrências que nos ajudam a compor uma ideia de como os membros desse grupo se enxergam e como enxergam o papel do *fandom* nas suas vivências.

Essas palavras foram tiradas das respostas para as seguintes perguntas: “Alguma das vivências dentro do *fandom* te ajudou a entender algo sobre você? Pode nos contar um pouco mais? Que vivência foi essa? O que ela te ajudou a entender e como?”, “Algum elemento ou personagem da série te marcou? Você pode nos contar um pouquinho sobre isso?” e “Você vê a troca entre fãs como algo importante na sua experiência como espectador?”

Esse senso de aceitação e pertencimento nos remete à ideia de Foucault de que o indivíduo se produz no encontro com o outro e, como aponta Mansano (2009, p. 116), “Essa produção incessante atualiza a potência coletiva para transformar a realidade social”. Transforma a realidade social pois permite que os indivíduos, acolhidos e representados pelo grupo tenham confiança para expressar seus modos de existir. Richard (2002) afirma que os modos dos sujeitos conceberem e performarem seus gêneros estão mediados por um sistema de representações que relaciona os processos de subjetividades através de formas culturais. Enquanto Butler afirma:

Assim, como uma estratégia de sobrevivência, o gênero é uma performance que envolve consequências claramente punitivas. [...] As possibilidades históricas materializadas em vários estilos de corpo nada mais são do que essas ficções culturais reguladas por punições, alternadamente corporificadas e disfarçadas sob coerção. (Butler, 2018, p.6)

Também podemos dizer isso sobre a sexualidade. Uma vez que ela é, na maioria das vezes articulada em relação ao gênero e que mesmo as fissuras nessa lógica acontecem numa prática opositiva. A articulação de si e o entendimento do indivíduo sobre sua sexualidade passa pelas práticas culturais, pelos encontros e choques com o outro. Podemos observar pelos números do questionário, figura 18 e 19, que ainda que esses indivíduos já se entendessem LGBTQIAPN+ antes de fazer parte do *fandom*, 79%, as trocas dentro do grupo colaboraram para que eles entendessem um pouco mais sobre si, segundo 46,2% dos participantes. Ou mesmo que pudessem articular certas noções de gênero, como vamos ver nas respostas por extenso mais adiante.

As relações entre fãs e as relações desses indivíduos com os produtos culturais que consomem tão avidamente, não pode ser chamada de orgânica ou mesmo de revolucionária, no sentido fundamental da palavra, uma vez que sua existência é necessária e mediada por um poder político e econômico dominante. Mas, ler as declarações dos indivíduos sobre suas vivências, deixa claro o potencial transformador e mesmo subversivo que pode advir do que foi em outro momento uma mera relação de consumo.

4.4 *Earpers* como modo de subjetivação

É justamente quando discorrem sobre como essas experiências lhes marcaram que a hipótese dessa pesquisa ganha força. A ideia de uma subjetividade rizomática, múltipla e processual que se constitui na troca é inegável se pensarmos afirmações como:

"Eu já era queer, mas ganhei uma compreensão da não binaridade/fluidez de gênero e sinto que me poderia identificar como tal se quisesse. Antes do *Earping*⁵⁶, não conhecia/compreendia os termos e não sabia como se podiam aplicar a mim."⁵⁷

"Os *Earpers* me ensinaram a celebrar minha identidade queer e me mostraram a importância e o poder da autenticidade e da aceitação. Acho que não me sentiria tão confortável ou confiante em minhas identidades se não fosse pela gentileza e apoio deles, e certamente não teria sido capaz de dar o passo para começar a tomar testosterona se não fosse por eles; eles me deram força e a *found family*⁵⁸ de que eu tanto precisava."⁵⁹

Nessas respostas fica evidente que a compreensão de si foi afetada pelas vivências dessas pessoas dentro do *fandom*. A própria noção de gênero foi desafiada e questionada na vivência desses participantes. Aqui entendemos gênero segundo a definição de Judith Butler em seu texto "Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista:

O gênero não é passivamente inscrito no corpo nem determinado pela natureza, a língua, o domínio simbólico ou a assoberbante história do patriarcado. O gênero é

⁵⁶ Tipo de neologismo comum em língua inglesa, ao transformar o substantivo *Earper* em verbo pode-se falar de atuar nesse grupo ou antes de fazer parte dele.

⁵⁷ Resposta ao questionário da pesquisa. Tradução da autora. No original: "I was already queer, but gained an understanding of non binary / gender fluidity, and feel I could identify as such if I chose to. Prior to Earping, I did not know/understand the terms, and did not know how they could apply to me."

⁵⁸ Pode ser traduzido como Família Escolhida. É uma expressão que diz respeito ao sentimento de encontrar conforto e identificação em relações fora dos laços consanguíneos.

⁵⁹ Resposta ao questionário da pesquisa. Tradução da autora. No original: "Earpers have taught me to celebrate my queer identity and have shown me the importance and power of authenticity and acceptance. I don't think I would be so comfortable or confident in my identities if it weren't for their kindness and support, and I certainly wouldn't have been able to take the step to start testosterone if it weren't for them; they give me strength and a found family that I sorely needed."

aquilo que se supõe, invariavelmente, sob coerção, diária e incessantemente, com angústia e prazer. (Butler, 2018. p. 16).

Quando o participante afirma que foi no convívio com o grupo que se entendeu como indivíduo não binário ou quando o outro coloca que foi a *found family* (família escolhida) que lhe deu forças para começar um processo de transição que ele já queria, percebemos o impacto desses encontros dentro do *fandom*. Mesmo em face de uma sociedade cis-heteronormativa, esse indivíduos foram capazes de ressignificar sua existência e se sentiram acolhidos ao fazê-lo. Esse senso de grupo e de unidade passa por uma noção de Identificação. Para Hall (2012):

[...] Na linguagem do senso comum, a identificação é construída a partir do reconhecimento de alguma origem comum, ou de características que são partilhadas com outros grupos ou pessoas, ou ainda a partir de um mesmo ideal. É em cima dessa fundação que ocorre o natural fechamento que forma a base da solidariedade e da fidelidade do grupo em questão. Em contraste com o "naturalismo" dessa definição, a abordagem discursiva vê a identificação como uma construção, como um processo nunca completado - como algo sempre "em processo". Ela não é, nunca, completamente determinada - no sentido de que se pode, sempre, "ganhá-la" ou "perdê-la"; no sentido de que ela pode ser, sempre, sustentada ou abandonada. [...] A identificação é, pois, um processo de articulação, uma suturação, uma sobredeterminação, e não uma subsunção. Há sempre "demasiado" ou "muito pouco" - uma sobredeterminação ou uma falta, mas nunca um ajuste completo, uma totalidade (Hall, 2012, p.106).

Uma ideia que aparece em grande parte das respostas é a de acolhimento. Um acolhimento que permitia que esses fãs se sentissem bem com suas vivências e seus corpos. Pois, como afirmam Soares e Miranda (2009) ao tecer comentários sobre a ideia de subjetividade de Guattari que: “Não existe uma subjetividade do tipo “recipiente” em que se colocariam coisas essencialmente exteriores, as quais seriam “interiorizadas”. As tais “coisas” são elementos que intervêm na própria sintagmática da subjetivação inconsciente” (Soares; Miranda, 2009. p. 414).

Essas pessoas não estão meramente sendo levadas a uma nova ideia de si ao se depararem com novas formas de existir. Elas estão percebendo em si novas verdades após terem confrontado essas verdades em seus pares.

Esse eterno diálogo entre o íntimo, o conhecido e o outro que constitui subjetividades singulares também confere o senso de pertencimento. É no encontro com o outro que nos constituímos.

“Finalmente pude sentir o que é ser "normal". Pela primeira vez em minha vida, eu me encaixava... Eu estava no início dos meus 60 anos.”⁶⁰

⁶⁰ Resposta ao questionário da pesquisa. Tradução da autora. No original: I finally got to feel what "normal" felt like. For once in my life, I fit in... I was in my early 60's.

A frase acima é de uma das pessoas que responderam nosso questionário online. É provável que ao longo dos 60 anos de vida dessa participante ela tenha conhecido outras pessoas LGBTQIAPN+. Mas podemos aqui supor que esse senso de pertencimento e a ideia de normalidade, trazida por sua resposta, tenha mais a ver com a postura do *fandom* e mesmo do produto cultural do que com a simples existência de indivíduos não heterossexuais.

Não podemos esquecer que grande parte desses 60 anos foram vividos numa realidade inundada pelo tropo “*Bury Your Gays*”. A existência de personagens LGBTQIAPN+ era descartável e isso se refletia na maneira como as pessoas se relacionavam com sua sexualidade ou gênero. Existir nas frestas do modo dominante de representação era o *modus operandi* dos indivíduos *queer* e é recente a ideia que a presença de pessoas LGBTQIAPN+ não é um favor que a cis-heteronormatividade nos faz. Essa forma de se ver permeava também as formas de existir de indivíduos e mesmo de *fandoms*.

Pela própria natureza dos *fandoms*, da série aqui discutida e mesmo das descobertas pessoais acerca de gênero e sexualidade, discorremos até agora sobre indivíduos jovens, suas primeiras descobertas ou novas realizações sobre si. Entretanto, as trocas num *fandom* podem simplesmente oferecer um senso de pertencimento (referido pela participante como “normalidade”) a seus participantes. Na declaração acima, a maturidade da participante e suas palavras evidenciam sua longa busca por um senso de pertencimento. Isso faz pensar sobre a importância desses espaços.

Se como afirma Mansano (2009) os modos de subjetivação podem tomar as mais diferentes configurações e cooperam para produzir formas de vida e formas de organização social distintas, podemos pensar que os *earpers* compõem espaços que propiciam modos de subjetivação para esses indivíduos que ouvimos. Não podemos dizer que todas as vivências dentro de *fandoms* podem ser consideradas modos de subjetivar-se. A construção da subjetividade não tem uma cartografia e os sujeitos não se constituem de uma coleção de *souvenirs*. Mas sem dúvidas, os *earpers* causaram fraturas em sistemas de dominância e colaboraram para a escrita de si de muitos dos participantes dessa fanbase.

“Eu havia percebido que não era heterossexual quase um ano antes de assistir ao programa. Eu me odiava por isso e não conseguia falar com ninguém. O programa e os Earpers me deixaram confortável com minha sexualidade e me ajudaram a lidar com minhas inseguranças. Os Earpers são pessoas realmente ótimas e, embora eu nunca os tenha conhecido pessoalmente e provavelmente nunca os conhecerei, estou muito feliz por fazer parte deles.”

Esse tipo de resposta ao questionário⁶¹ onde vemos o sujeito que foi influenciado e influenciou a realidade ressalta a significância dessas interações. Participar e influenciar dentro de um *fandom* constituído no ciberespaço pode estar associado às ações mais simples como *likes* e compartilhamentos ou a atitudes políticas e econômicas como arrecadar fundos e publicidade em favor do objeto cultural que lhe move ou se organizar por uma representatividade real na indústria do entretenimento.

⁶¹ Resposta ao questionário anônimo no qual a pesquisa se baseia. Tradução da autora. No original: "O had realised that I wasn't straight almost a year before I watched the show. I hated myself for it and couldn't talk to anyone. The show and Earpers made me comfortable with my sexuality and helped me with my insecurities. Earpers are genuinely great people and although I've never met them irl and most probably never will, im so glad to be a part."

5. Considerações finais

Pensar a intersecção entre *fandom* e subjetivação é um exercício que nos permite olhar para um novo ângulo da constituição da nossa sociedade. É olhar para essa manifestação não só como um fenômeno da economia da cultura ou dos estudos culturais de forma ampla. É olhar para essas manifestações como algo cada vez mais importante na construção dos indivíduos. É olhar para essas vivências como um dos filtros que moldam como vemos e vivemos nossa realidade.

Observar a relação que os *earpers* construíram nos permitiu entender como o *fandom* colaborou para que esses jovens entendessem mais sobre si, seus sentimentos, vivências e como eles se relacionam com a sociedade. As trocas, o espelhamento, a ressignificação de um produto cultural permitiu que essas pessoas pudessem se escrever entre *fanarts* e comentários. Palavras como "acolhimento" e "identificação" foram recorrentes nos relatos bem como a ideia de descoberta e aceitação.

A mediação de um produto cultural e a magnitude que ele alcança também tem um papel importante nessas trocas. Não se trata só de encontrar pessoas cuja sexualidade e/ou gênero dialoguem com o seu, mas de ter essas vivências validadas e representadas em obras que dialogam com seus valores e anseios. É a dualidade do poder e suas rupturas necessárias. A ideia de *fandom*, existe dentro de uma lógica capitalista e apesar dos *earpers* cobrarem diversidade e representatividade, eles esperam isso do poder que os coloca à margem e o fazem através de ferramentas (re)conhecidas e validadas por esse poder.

Pensar o *fandom* como um fenômeno contemporâneo, completamente atrelado à forma de capitalismo em que vivemos (Amado, 2020) e perceber esses fãs LGBTQIAPN+ não só como sujeitos que se constituem nesse regime de poder, mas também que trazem um histórico de traumas simbólicos e anseios de representatividade e pertencimento, nos permite entender melhor a dimensão que as trocas dentro de um *fandom* assumem para essas pessoas. Fãs que tem com seus personagens e produtos culturais uma relação íntima que suplanta a parassocialidade (Paxson, 2022) e que encontram no grupo mecanismos para existir e resistir.

Ao levantar a hipótese dessa pesquisa, acreditávamos que os fãs de “Wynonna Earp” eram um grupo coeso, positivo em relação às diferenças e receptivo. Desses aspectos, a coesão talvez seja o menos provável. Afinal, *earpers* compartilham referências e pontos de vista como qualquer outro *fandom*, proporcionalmente. E essa sincronia não é algo que tenha se destacado no nosso questionário.

Já a positividade e a receptividade, são sim aspectos associados pelos participantes da pesquisa ao *fandom* de “Wynonna Earp”. Entretanto, o porquê dessas características não foi alcançado por essa pesquisa. A hipótese de que uma equação bem balanceada entre conteúdo da obra, equipe consciente e acessível e uma base de fãs jovens, não se provou verdadeira. Encontramos ao longo da revisão de literatura para esse trabalho relatos de experiências de *fandoms* semelhantes, mas com resultados bem distintos. Ou seja, representatividade, equipe consciente dos conflitos sociais do seu público alvo e a juventude desse público, parecem ter tido um impacto positivo no grupo analisado, mas não são uma receita precisa.

Pretendíamos examinar como a interação entre os fãs, a produção de conteúdo e as práticas de apropriação forjam a subjetividade dos participantes LGBTQIAPN+ do *fandom*. Encontramos indivíduos que se escrevem ao produzir conteúdos de fã, no sentido colocado por Foucault e por Rago de Escrita de Si, e observamos que foram as relações extra sociais com a série mediada pelas trocas sociais com outros indivíduos que trouxeram a alguns participantes uma nova dimensão de si mesmos. Pudemos observar como a forma desses participantes olharem para si e para o mundo foi marcada por esse encontro com um grupo que os acolheu.

Se o *fandom* é um fenômeno social relativamente recente, as subculturas dissidentes não o são. As leituras *queer* de obras que não tematizam diretamente essas vivências, os códigos sociais exclusivos, a busca por iguais, tudo isso existe desde que a homossexualidade foi criada e este foi posto como o outro. Mesmo os fãs e admiradores ávidos, precedem a ideia de *fandom*. O que confere ao *fandom* a atenção que tem hoje talvez seja a nova forma do mercado entendê-lo. Mas é justamente essa parcial tolerância do mercado que potencializa os *fandoms* LGBTQIAPN+.

Os fãs sabem que têm algum poder na cadeia produtiva, entendem que as pautas da diversidade vendem e é nessa rachadura que se constroem formas distintas de ser. O mercado ainda mata seus gays, mas entendemos que chamar a atenção para o problema e investir em obras que nos tratam com respeito pode ter algum impacto. Os sujeitos *queer* dentro de um *fandom* e a forma como eles se constituem está atravessada por esses conflitos e pelos meios onde esses conflitos acontecem.

Esses conflitos e negociações ganham ares utópicos quando os esforços dos fãs em favor de sua série parecem surtir efeitos. A pequena série, “Wynonna Earp”, cancelada tantas vezes e reerguida por seus fãs, vai ganhar um desfecho apropriado três anos depois de seu cancelamento definitivo.

Enquanto esse texto é escrito, o filme que encerra a saga da herdeira de Wyatt Earp está sendo promovido, com estreia para esse ano de 2024. Não é difícil encontrar nas redes sociais, fãs afirmando que o *streaming* que financiou o projeto seria mais afinado com as causas LGBTQIAPN+ por essa atitude. Não é difícil ver postagens que falam de um sentimento de justiça ou acolhimento. As linhas entre subjetivação e sujeição parecem se anuviar quando a ideia de si dos *earpers* está tão imbricada com o produto cultural e também com a comunidade que o circunda.

Ao observar as pesquisas desenvolvidas academicamente, percebemos que a questão da subjetividade do fã é um tema de interesse. Mas, em geral, essa construção é analisada na relação com a obra e não necessariamente com o *fandom*. Entendemos o desafio de aprofundar no estudo de relações sociais tão volúveis e específicas como as relações dentro de um *fandom*. Apesar disso, ou talvez até por isso, entendemos que o *fandom* como um modo de subjetivação é um assunto que merece ainda mais estudos e observações.

Ler as respostas dos *earpers* e ver os números num questionário *on-line* nos permitiu um breve olhar sobre os sentimentos e trocas que atravessam um *fandom*. Isso nos faz crer que um contato mais extenso com grupos focais, pesquisa em eventos de fãs e entrevistas pessoais, nos permitiria compreender ainda mais o impacto que essas relações têm sobre esses sujeitos.

A trajetória dessa pesquisa também nos trouxe novas perguntas. Estamos construindo uma nova forma de nos relacionar com a realidade e com sociedade? O que faz com que alguém construa uma relação intensa com produtos culturais e outros fãs? É possível analisar as intenções dos produtores dessa obra para entender se a resposta dos fãs é de fato orgânica ou calculada? Esses questionamentos podem enriquecer ainda mais o debate.

Por fim, podemos dizer que um *fandom* é parte importante dos modos de subjetivação de indivíduos LGBTQIAPN+, pois permite que estes confrontem os modos de existir e descubram um desenho de si junto e concomitantemente aos outros indivíduos desse grupo enquanto são, ao mesmo tempo, influenciados e influenciadores dessa realidade.

Reconhecemos os limites da pesquisa, incluída a própria dificuldade em apreender as subjetividades forjadas em relações distantes, muitas vezes num espaço digital e mediada por um produto audiovisual e seus produtores. Para além disso, a pesquisa sofreu muito pelas mudanças na plataforma X, anteriormente conhecida como *Twitter*. Por questões estruturais e ideológicas, muitas pessoas deixaram a plataforma ou ficaram inacessíveis através dela. Sendo esta rede social a nossa principal janela com os *Earpers*, sentimos que parte do

potencial da pesquisa se perdeu, seja pelo alcance do questionário ou seja por uma mudança no modo como o *fandom* passou a se comportar.

6. Referências

- BECKER, Paul. *Polari: the lost language of gay men*. Londres: Routledge, 2002.
- BESHOFF, Harry M.; GRIFFIN, Sean (Ed.). *Queer images: A history of gay and lesbian film in America*. Oxford: Rowman & Littlefield Publishers, 2006.
- BONOTO, Carolina. “AQUI TEM GENTE COMO EU”: subjetividade lgbt em trajetórias midiáticas. *Tropos: Comunicação, Sociedade e Cultura*, Rio Branco, v. 10, n. 1, p. 1-24, jul. 2021.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- BUTLER, Judith. Os atos performativos e a constituição do gênero:: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. *Caderno de Leituras*, Belo Horizonte, v. 78, n. -, p. 01-16, jun. 2018. Mensal. Disponível em: https://chaodafeira.com/wp-content/uploads/2018/06/caderno_de_leituras_n.78-final.pdf. Acesso em: 25 jul. 24.
- BOURDAA, Mélanie. “Les réponses des fans aux représentations lesbiennes fictionnelles: le cas de The 100 et Wynonna Earp”, *Études de communication* [En ligne], 54 | 2020, on-line desde 02 de janeiro de 2022, Disponível em: <http://journals.openedition.org/edc/10116>. Acesso em: 24 mai. 2024.
- COSTA, Aianne Amado Nunes. *PLEASE COME TO BRAZIL: uma análise crítica dos fãs brasileiros como apreciadores de objetos culturais internacionais*. 2020. 219 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Comunicação, Departamento de Comunicação Social, Universidade Federal de Sergipe, São Cristovão, 2020.
- DELEUZE, G. *Foucault* (C. S. Martins, trad.). São Paulo: Brasiliense, 1988.
- DESHLER, Kira. *Not Another Dead Lesbian: the bury your gays trope, queer grief, and the 100*. 2017. 89 f. Monografia (Especialização) - Curso de Gender Studies, Whitman College,

Washinton (Eua), 2017. Disponível em:

<https://arminda.whitman.edu/flysystem/fedora/2021-10/Not_another_dead_lesbian_the_Bury_Your_Gays_trope_queer_grief_and_The_100.pdf>. Acesso em: 28 maio 2024.

Deshler, Kira M. “Affective Investments, Queer Archives, and Lesbian Breakups on YouTube.” *Transformative Works and Cultures* 34, 2020. Acesso em: 28 junho 2024.

DUFFETT, M. Understanding fandom: an introduction to the study of media fan culture. New York: Bloomsbury, 2013.

FOUCAULT, Michel. Ditos e escritos V. Ética, sexualidade, política. MOTTA, Manoel Barros da (Org.). Tradução de Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2012.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 1996.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade II: O uso dos prazeres*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro, Graal, 1984.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: Vontade de Saber*. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GONZÁLEZ-REY, Fernando. *Sujeito e Subjetividade: uma aproximação histórico cultural*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

GUATTARI, Felix. *Caosmose: um novo paradigma estático*. São Paulo: Editora 34, 2012.

GUATTARI, F. e ROLNIK, S. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1996.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (ORG). *Identidade e diferença – a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2012.

HORTON, D. ;RICHARD WOHL, R. *Mass Communication and Para-Social Interaction: Observations on Intimacy at a Distance. Psychiatry*, 19(3), 215–229, 1956. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/00332747.1956.11023049>>. Acesso em: 15 jul. 2024.

HULAN, Haley. *Bury Your Gays: history, usage, and context. McNair Scholars Journal*, Allendale (Eua), v. 21, n. 1, p. 17-27, 2017. Disponível em: <<https://scholarworks.gvsu.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1579&context=mcnair>>. Acesso em: 15 jul. 2023.

JENKINS, H. *Textual Poachers: Television Fans & Participatory Culture*. New York: Routledge, 1992.

KELLAWAY, Mitch. Wouldn't You Like to Know?: reading queer theory in pop tv. Zeteo: *The Journal of Interdisciplinary Writing*, Nova Iorque, v. -, n. -, p. 1-18, nov. 2013. Disponível em: <https://zeteojournal.com/wp-content/uploads/2013/11/bb8b7-kellaway_xena_final-zeteo_ar1.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2023.

KERGOAT, Danièle. Dinâmica e consubstancialidade das relações sociais. *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 93-103, mar. 2010. Tradução de Antonia Malta Campos.. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/nec/a/hVNnxSrszcVLQGfHFsf85kk/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 28 maio 2024.

LAHNI, Cláudia Regina; DORNELLAS, Rafaela Cristiano; AUAD, Daniela. Lésbicas, Bissexuais, Transexuais E Negras Na Prisão: direito à comunicação e feminismo interseccional, em uma análise de orange is the new black: *Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress*, 11., 2017, Florianópolis. Anais Eletrônicos. Florianópolis:2017. p.1-12. Disponível em: <https://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499472274_ARQUIVO_FazendoGenero-textocompleto-Lahni,Dornellas,Auad.pdf>. Acesso em: 28 maio 2024.

LEAL, Wellthon Rafael Aguiar. *A construção das identidades dos homossexuais masculinos a partir do consumo das divas pop*. 2017.

MANSANO, S. R. V. Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na contemporaneidade. *Revista de Psicologia da UNESP*, v. 8, n. 2, 2009. Disponível em: <<https://seer.assis.unesp.br/index.php/psicologia/article/view/946>>. Acesso em: 3 julho. 2023.

MASON, Jessica. *Twenty Years Later, a Look at How Xena: Warrior Princess Changed Television*. 2015. Disponível em: <<https://www.themarysue.com/twenty-years-later-a-look-at-how-xena-warrior-princess-changed-television/>>. Acesso em: 13 jul. 2023.

MEDEIROS, Acácia Pierre dos Santos. *Batman vs Superman - a origem da justiça: as práticas dos fãs em rede*. 2017. 109f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Mídia) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/23597?mode=full>>. Acesso em: 20 julho. 2024

MADLENER, Francis; DINIS, Nilson Fernandes. *A Homossexualidade e a Perspectiva Foucaultiana*. Revista do Departamento de Psicologia - Uff, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 49-60, jan./jun 2007.

MENEZES, Tayana Dias. Identidade e subjetividade: uma reflexão sobre o que é ser mulher. *Revista Letra Capital*, v. 1, n. 1, jan./jun. 2016.

MIXER, Lindsay M., *And then they boned: an analysis of fanfiction and its influence on sexual development* (2018). Cal Poly Humboldt theses and projects. 131. Disponível em: <<https://digitalcommons.humboldt.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1170&context=etd>>. Acesso em: 3 maio. 2023.

NAKAMURA, Reid. *#BringWynonnaHome: inside the long-shot campaign to save 'wynonna earp' (again)*. Inside the Long-Shot Campaign to Save 'Wynonna Earp' (Again). 2021. Disponível em: <<https://www.yahoo.com/entertainment/bringwynonnahome-inside-long-shot-campaign-174848919.html>>. Acesso em: 13 ago. 2024.

PAIS, Joyce. “*Bury your gays*”: porque nós, pessoas lgbtqia+, (também) precisamos de finais felizes? 2020. Disponível em:

<<https://cinemascope.com.br/colunas/extras/bury-your-gays-porque-nos-pessoas-lgbtqia-tamb-em-precisamos-de-finais-felizes/>>. Acesso em: 14 jul. 2023.

PATTEN, Dominic. “*The 100’ Ratings Hit Season-Debut Low, ‘Star’ Rises, CBS Wins Night.*” Deadline. Penske Business Media, LLC, 02 Feb. 2017. Web. 18 Feb. 2017.

Disponível em:

<<https://deadline.com/2017/02/the-100-ratings-season-debut-low-star-hunted-arrow-cbs-1201900917/>>. Acesso em 28 mai 2024

PAXSON, Sb. “*We Deserve Better*”:sapphic grief with media loss. 2022. 400 f. Tese (Doutorado) - Curso de Philosophy, University Of Florida, Florida, Eua, 2022. Disponível em:

<<https://www.proquest.com/openview/162b48ad7fa2da0f3c9e5c1d8bfdab75/1?pq-origsite=gscholar&cbl=18750&diss=y>>. Acesso em: 20 abr. 2024.

PORTO, Adriana Corrêa Silva. *O culto no universo fandom: dinâmicas afetivas e sociais em comunidades de fãs no ciberespaço*. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em:

<<https://www.bdttd.uerj.br:8443/handle/1/8960#preview-link0>>. Acesso em: 20 jul. 2024.

RAWSON, James. *Why are gay characters at the top of Hollywood's kill list?* 2013.

Disponível em:

<<https://www.theguardian.com/film/filmblog/2013/jun/11/gay-characters-hollywood-films>>.

Acesso em: 15 jul. 2023.

RICHARD, N. *Intervenções críticas. Arte, cultura, gênero e política*. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2002.

RIESE. *All 235 Dead Lesbian and Bisexual Characters On TV, And How They Died*. 2023.

Disponível em:

<<https://www.autostraddle.com/all-65-dead-lesbian-and-bisexual-characters-on-tv-and-how-they-died-312315/>>. Acesso em: 15 jul. 2023.

SILVA, Márcia Veiga da; MARCONI, Dieison; TOMAZETTI, Tainan. Notas Sobre Espectatorialidade Queer. *Contemporanea: comunicação e cultura*, Salvador, v. 16, n. 1, p. 183-206, jan. 2018.

SOARES, Leonardo Barros; MIRANDA, Luciana Lobo. *Produzir subjetividades: o que significa?* Estud. pesqui. psicol. Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, set. 2009. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812009000200010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 set. 2023.

TAKEITI, BA. Juventude(s), modos de subjetivação e violência: um diálogo com aportes de Michel Foucault. In: SPINK, MJP., FIGUEIREDO, P., and BRASILINO, J., orgs. *Psicologia social e personalidade*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais; ABRAPSO. 2011.

TREVOR PROJECT. *LGBT Fans Deserve Better*. Disponível em: <<https://give.thetrevorproject.org/fundraiser/625415>>. Acesso em: 28 maio 2024.

TUDUM STAFF. *Welcome to Tudum: netflix created this site for you • the fans!*. Netflix created this site for you — the fans!. 2024. Disponível em: <<https://www.netflix.com/tudum/articles/about-tudum>>. Acesso em: 08 ago. 2024.

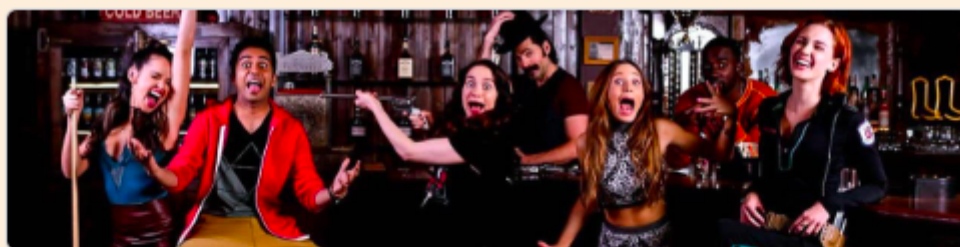
YANDERS, Jacinta. *Earpers, Interactions, and Emotions: Wynonna Earp, ‘the Best Fandom Ever.’* In “Social TV Fandom and the Media Industries,” edited by Myles McNutt, special issue, *Transformative Works and Cultures*, no. 26. .2018. Disponível em: <<https://journal.transformativeworks.org/index.php/twc/article/view/1129/1624>>. Acesso em: 11 maio. 2023

YU, Alan. *How Wynonna Earp Built the World’s Nicest TV Fandom*. 2018. Disponível em: <https://www.vulture.com/2018/07/wynonna-earp-fandom-earpers.html>. Acesso em: 13 ago. 2024.

Apêndices

Apêndice 1 - Questionário On-Line

Apêndice 1.1 - Questionário em Português



FANDOM, UNICÓRNIOS E RECONHECIMENTO QUEER – UM QUESTIONÁRIO SOBRE “EARPERS”

Este questionário é parte de uma pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Cinema da Universidade Federal de Sergipe (PPGCINE), conduzida pela mestranda Ingrid Xavier, sob orientação da Professora Claudiene Santos. O objetivo dela é conhecer sua opinião sobre a experiência dos participantes de fandoms de cultura pop, mais especificamente da Série Wynonna Earp. Essa pesquisa busca entender a relação entre as vivências dentro do fandom e a construção da subjetividade de seus participantes LGBTQIAP+.

ingridxgsantos@gmail.com [Mudar de conta](#)



 Não compartilhado

* Indica uma pergunta obrigatória

Essa é uma pesquisa de opinião de acordo com a resolução 510-2016 dos Comitês de Ética em Pesquisa (CEP/CONEP) e respondê-la não vai lhe conferir ônus ou bônus. Você é livre para parar a qualquer momento e nenhum dado pessoal está sendo coletado. Ao marcar 'Sim' você concorda que suas respostas sejam usadas para compor a pesquisa e o trabalho final resultante dela. Vamos Continuar? *

☒ Sim

☐ Não

[Próxima](#)



Página 1 de 5

[Limpar formulário](#)

Pra gente saber um pouquinho de você

Aqui você vai encontrar algumas perguntas sobre você. O objetivo é entender o perfil do grupo que respondeu e não identificar você.

Qual seu gênero? *

- ☐ Não Binário (Não binário refere-se a uma pessoa que não se identifica com nenhum gênero específico)
- ☐ Mulher Trans (Trans, refere-se a pessoas que se identificam com um gênero diferente do que lhe foi assinalado ao nascer.)
- ☐ Homem Trans (Trans, refere-se a pessoas que se identificam com um gênero diferente do que lhe foi assinalado ao nascer.)
- ☒ Mulher Cis (Cis refere-se a pessoas que se identificam com o mesmo gênero que lhe foi assinalado ao nascer.)
- ☐ Homem Cis (Cis refere-se a pessoas que se identificam com o mesmo gênero que lhe foi assinalado ao nascer.)
- ☐ Não quero informar
- ☐ Outro: _____

Você se entende como LGBTQIAP+? *

- ☒ Sim
- ☐ Não
- ☐ Não quero informar

Qual sua orientação sexual? *

☐ Homossexual

☐ Bissexual

☒ Panssexual

☐ Heterossexual

☐ Não quero informar

☐ Outro: _____

Qual a sua escolaridade?

☐ Ensino Médio

☐ Graduação

☐ Pós-graduação

☐ Outro: _____

Qual sua nacionalidade?

Sua resposta

[Voltar](#)

[Próxima](#)



Página 2 de 5 [Limpar formulário](#)

Para o demônio não te levar

Nessa sessão você vai encontrar perguntas focadas na série Wynonna Earp e seu fandom*, os Earpers.

*Fandom é um grupo de espectadores ativos que se reúnem em torno de uma série, filme, artista, etc... Dá pra fazer parte de vários fandoms ao mesmo tempo, tá?

Você conhece a série Wynonna Earp? *

- ☒ Sim
- ☐ Não
- ☐ Acho que já ouvi falar

Você acompanhou a série na época de sua exibição, entre 2016 e 2021?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Talvez

De que país você assistiu?

Sua resposta

Já ouviu a expressão Earper para se referir a alguém que é fã da série?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Talvez

Você se considera Earper? *

- ☒ Sim
- ☐ Não
- ☐ Gosto da Série, mas não é pra tanto.
- ☐ Não gosto da série.

Você já interagiu, on-line ou não, com outros Earpers? *

- ☒ Sim
- ☐ Não
- ☐ Talvez

Em quais plataformas online você costuma interagir com outros Earpers? Pode marcar mais de uma opção.

☐ Twitter

☐ Tumblr

☐ Tiktok

☐ Instagram

☐ Reddit

☐ Outro: _____

Você já foi para encontros presenciais com outros Earpers?

☐ Sim

☐ Não

Sua experiências com o fandom foram positivas? *

☒ Sim

☐ Não

☐ Outro: _____

Quantos anos você tinha quando começou a fazer parte do fandom? *

☐ < 13 anos

☐ 14 - 18

☒ 18-25

☐ > 25

☐ Outro: _____

Você ainda se considera Earper?

☐ Sim

☐ Não

Se você é LGBTQIAP+, você já se entendia como parte da comunidade antes de conhecer os Earpers? *

☒ Sim

☐ Não

☐ Outro: _____

Alguma das vivências dentro do fandom te ajudou a entender algo sobre você? *

- ☒ Sim
- ☐ Não
- ☐ Talvez

Se você respondeu a pergunta anterior afirmativamente, pode nos contar um pouco mais? Que vivência foi essa? O que ela te ajudou a entender e como?

Sua resposta

Algum elemento ou personagem da série te marcou? Você pode nos contar um pouquinho sobre isso?

Sua resposta

[Voltar](#)

[Próxima](#)



Página 3 de 5 [Limpar formulário](#)

E os outros fandoms, como andam?

Para você nos contar do que mais você gosta.

Caso faça parte, ou tenha feito parte, de outro fandom, você pode afirmar que eles te ajudaram a entender mais sobre sua sexualidade e/ou identidade de gênero?

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Outro: _____

Quais fandoms foram esses?

Sua resposta _____

Você vê a troca entre fãs como algo importante na sua experiência como espectador?

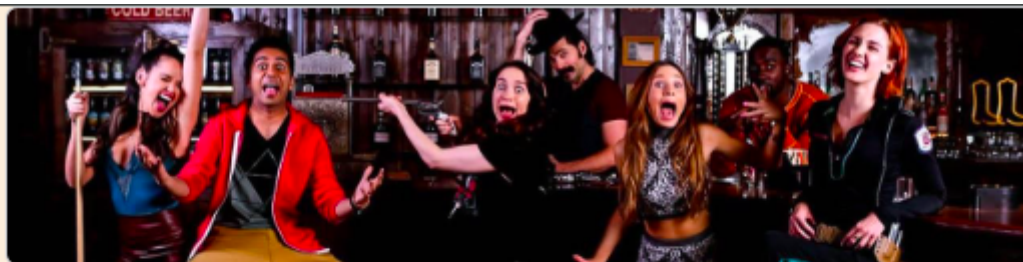
Sua resposta _____

[Voltar](#)

[Próxima](#)



Página 4 de 5 [Limpar formulário](#)



FANDOM, UNICÓRNIOS E RECONHECIMENTO QUEER – UM QUESTIONÁRIO SOBRE “EARPERS”

ingridxgsantos@gmail.com [Mudar de conta](#)



✉ Não compartilhado

Agora é só clicar no botão 'enviar' abaixo. Muito obrigado pela sua participação and make your peace! 🌈🦄



[Voltar](#)

[Enviar](#)

Página 5 de 5

[Limpar formulário](#)

Apêndice 1.2 - Questionário em Inglês



FANDOM, UNICORNS AND QUEER RECOGNITION - A QUESTIONNAIRE ON "EARPERS"

This questionnaire is part of a research of the Postgraduate Program in Cinema of the Federal University of Sergipe (PPGCINE), conducted by master's student Ingrid Xavier, under the guidance of Professor Claudiene Santos. Her objective is to know her opinion about the experience of participants in pop culture fandoms, more specifically the Wynonna Earp Series. This research seeks to understand the relationship between the experiences within the fandom and the construction of the subjectivity of its LGBTQIAP+ participants.

ingridxgsantos@gmail.com [Mudar de conta](#)

📧 Não compartilhado

* Indica uma pergunta obrigatória

This is an opinion survey in accordance with Resolution 510-2016 of the Research Ethics Committees (CEP/CONEP) and answering it will not confer on you any burden or bonus. You are free to stop at any time and no personal data is being collected. By checking 'Yes' you agree that your answers will be used to compose the research and the final work resulting from it. Shall we continue? *

☐ Yes

☐ No

[Próxima](#) [Limpar formulário](#)

Página 1 de 5

So we can get to know a little bit about you

Here you will find some questions about yourself. The aim is to understand the profile of the group that answered and not to identify you.

What's your gender? *

- ☐ Non-Binary (Non-binary refers to a person who does not identify with any specific gender)
- ☐ Trans woman (Trans, refers to people who identify with a different gender than the one they were assigned at birth).
- ☐ Trans man (Trans, refers to people who identify with a gender other than the one they were assigned at birth).
- ☐ Cis woman (Cis refers to people who identify with the same gender they were assigned at birth).
- ☐ Cis man (Cis refers to people who identify with the same gender they were assigned at birth).
- ☐ I don't want to inform
- ☐ Outro: _____

Do you understand yourself as LGBTQIAP+? *

- ☐ Yes
- ☐ No
- ☐ I don't want to inform

What's your sexual orientation? *

- ☐ Homossexual
- ☐ Bissexual
- ☐ Panssexual
- ☐ Heterossexual
- ☐ I don't want to inform
- ☐ Outro: _____

What is your education level?

- ☐ Secondary Education (High School)
- ☐ Undergraduate
- ☐ Postgraduate
- ☐ Outro: _____

Where are you from?

Sua resposta

[Voltar](#)

[Próxima](#)



Página 2 de 5 [Limpar formulário](#)

So the devil won't take you back

In this session you will find questions focused on the Wynonna Earp series and its fandom*, the Earpers.

*Fandom is a group of active viewers who gather around a series, movie, artist, etc... You can be part of several fandoms at the same time, okay?

Are you familiar with the TV show "Wynonna Earp"? *

- ☐ Yes
- ☐ No
- ☐ I think I've heard of it

Did you follow the series at the time of its airing, between 2016 and 2021?

- ☐ Yes
- ☐ No
- ☐ Maybe

From which country did you watch it?

Sua resposta _____

Have you ever heard the expression Earper to refer to someone who is a fan of the show?

- ☐ Yes
- ☐ No
- ☐ Maybe

Do you consider yourself an Earper? *

- ☐ Yes
- ☐ No
- ☐ I like the series, but not that much.
- ☐ I don't like the series.

Have you ever interacted, online or offline, with other Earpers? *

- ☐ Yes
- ☐ No
- ☐ Maybe

On which online platforms do you usually interact with other Earpers? You can check more than one option.

☐ Twitter

☐ Tumblr

☐ Tiktok

☐ Instagram

☐ Reddit

☐ Outro: _____

Have you gone for in-person meetings or events with other Earpers?

☐ Yes

☐ No

Were your experiences with this fandom positive? *

☐ Yes

☐ No

☐ Outro: _____

How old were you when you started being part of the fandom? *

☐ < 13 years old

☐ 14 - 18 years old

☐ 18-25

☐ > 25 years old

☐ Outro: _____

Do you still consider yourself an Earper?

☐ Yes

☐ No

If you are LGBTQIAP+, did you already understand yourself as part of the community before you met the Earpers? *

☐ Yes

☐ No

☐ Outro: _____

Did any of the experiences within the fandom help you understand anything about **★** yourself?

- ☐ Yes
- ☐ No
- ☐ Maybe

If you answered yes to the previous question, can you tell us a bit more? What was this experience? What did it help you understand and how?

Sua resposta

Did any element or character from the series leave a mark on you? Can you tell us a little bit about it?

Sua resposta

[Voltar](#)

[Próxima](#)



Página 3 de 5 [Limpar formulário](#)

And the other fandoms, how are they doing?

For you to tell us what else you like.

If you are or have been part of another fandom, can you say that they have helped you understand more about your sexuality and/or gender identity?

☐ Yes

☐ No

☐ Outro: _____

Which fandoms were these?

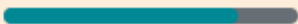
Sua resposta _____

Do you see the exchange between fans as something important in your experience as a spectator?

Sua resposta _____

[Voltar](#)

[Próxima](#)

 Página 4 de 5 [Limpar formulário](#)



FANDOM, UNICORNS AND QUEER RECOGNITION - A QUESTIONNAIRE ON "EARPERS"

ingridxgsantos@gmail.com [Mudar de conta](#)



✉ Não compartilhado

Hit the 'Send' button below and thank you very much for your participation. Make your peace! 🌈



[Voltar](#)

[Enviar](#)

Página 5 de 5

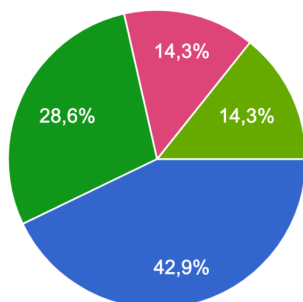
[Limpar formulário](#)

Apêndice 2 - Respostas ao Questionário

Apêndice 2.1 Respostas ao Questionário em Português

Qual seu gênero?

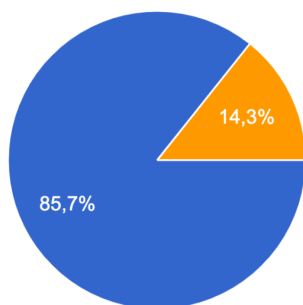
7 respostas



- Não Binário (Não binário refere-se a uma pessoa que não se identifica co...
- Mulher Trans (Trans, refere-se a pessoas que se identificam com um g...
- Homem Trans (Trans, refere-se a pes...
- Mulher Cis (Cis refere-se a pessoas q...
- Homem Cis (Cis refere-se a pessoas...
- Não quero informar
- Mulher Cis
- Não Binario

Você se entende como LGBTQIAP+?

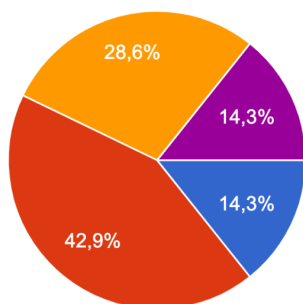
7 respostas



- Sim
- Não
- Não quero informar

Qual sua orientação sexual?

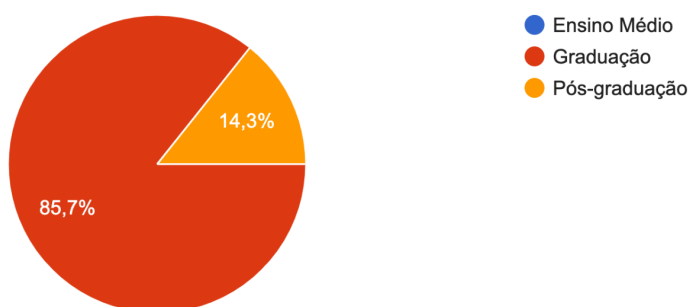
7 respostas



- Homossexual
- Bissexual
- Panssexual
- Heterossexual
- Não quero informar

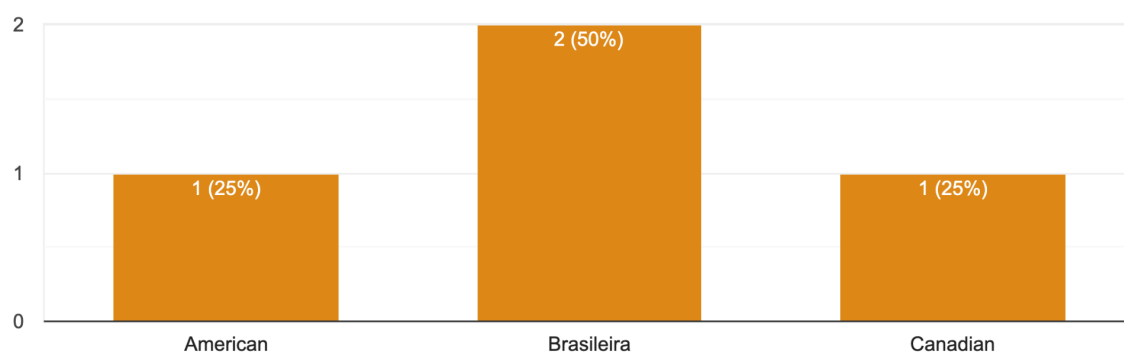
Qual a sua escolaridade?

7 respostas



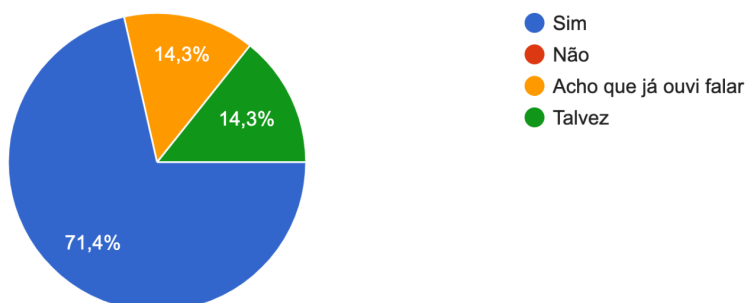
Qual sua nacionalidade?

4 respostas



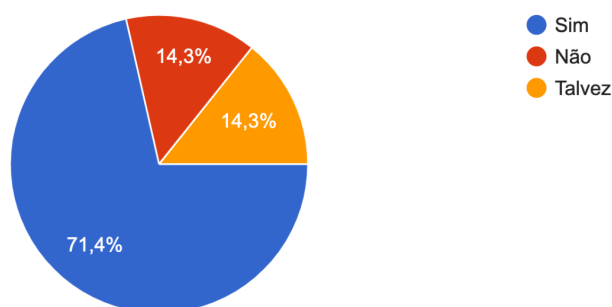
Você conhece a série Wynonna Earp?

7 respostas



Você acompanhou a série na época de sua exibição, entre 2016 e 2021?

7 respostas



De que país você assistiu?

4 respostas

Brasil

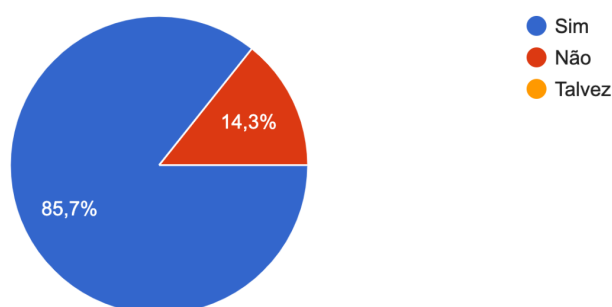
nenhum

Canada

Estados Unidos

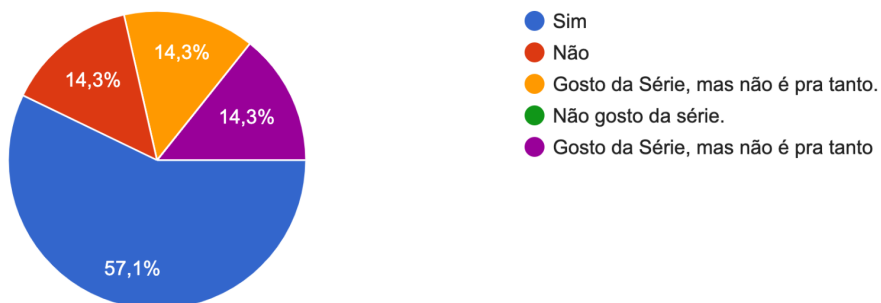
Já ouviu a expressão Earper para se referir a alguém que é fã da série?

7 respostas



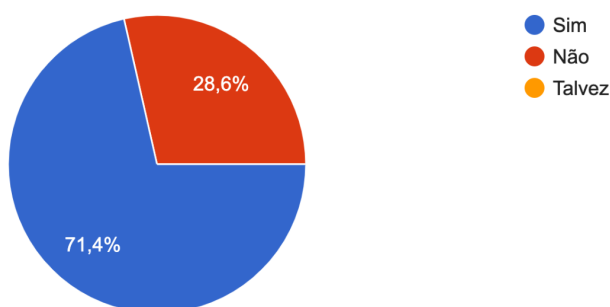
Você se considera Earper?

7 respostas



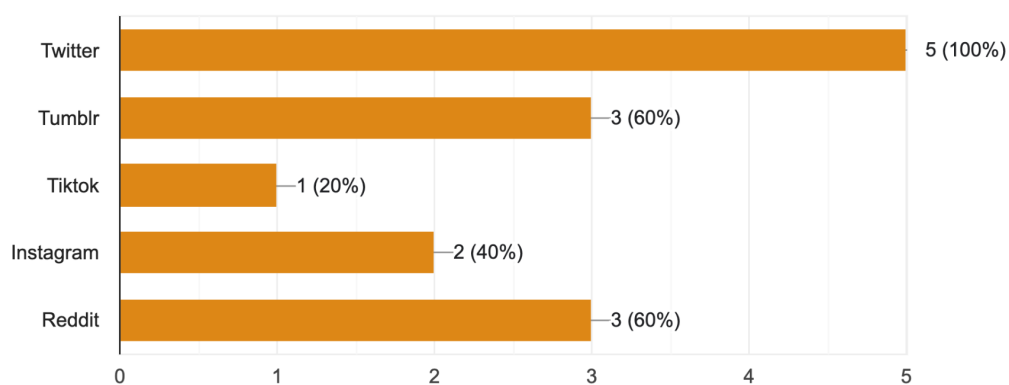
Você já interagiu, on-line ou não, com outros Earpers?

7 respostas



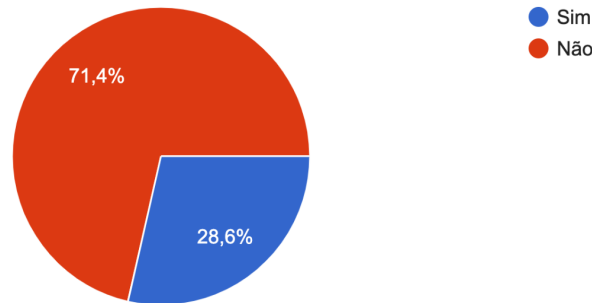
Em quais plataformas online você costuma interagir com outros Earpers? Pode marcar mais de uma opção.

5 respostas



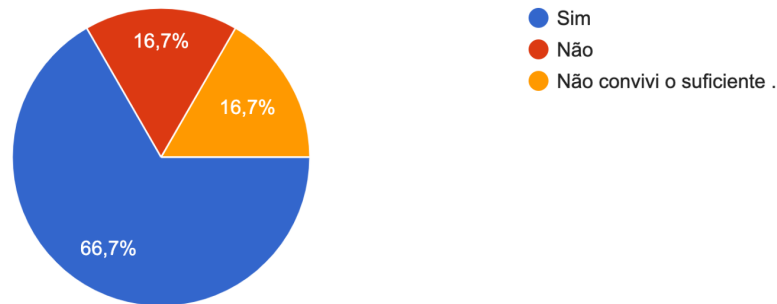
Você já foi para encontros presenciais com outros Earpers?

7 respostas



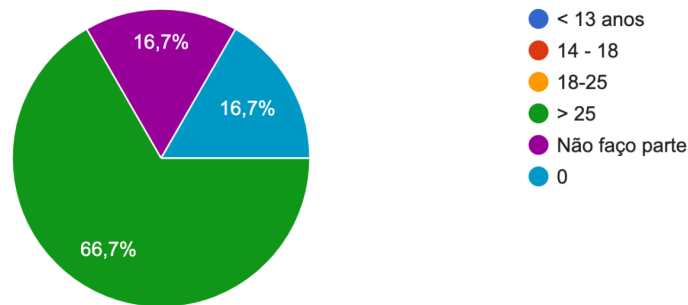
Sua experiências com o fandom foram positivas?

6 respostas



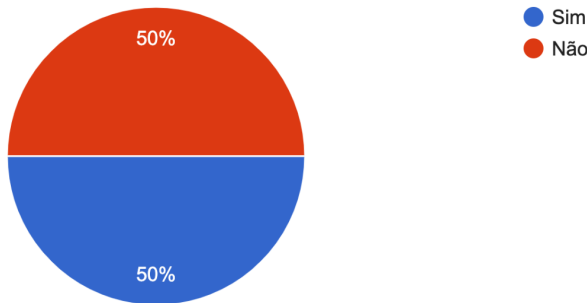
Quantos anos você tinha quando começou a fazer parte do fandom?

6 respostas



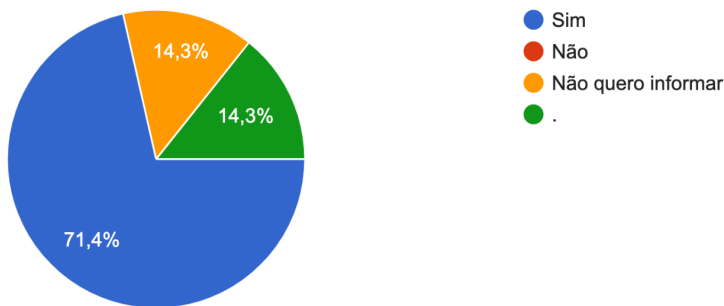
Você ainda se considera Earper?

6 respostas



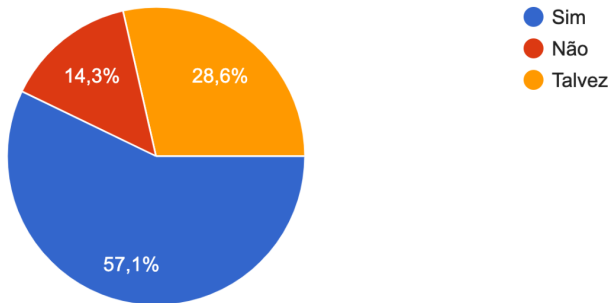
Se você é LGBTQIAP+, você já se entendia como parte da comunidade antes de conhecer os Earpers?

7 respostas



Alguma das vivências dentro do fandom te ajudou a entender algo sobre você?

7 respostas



Se você respondeu a pergunta anterior afirmativamente, pode nos contar um pouco mais? Que vivência foi essa? O que ela te ajudou a entender e como?

4 respostas

Team saficas

Aceitação, representatividade

a relação das pessoas com a série e com a criadora

How important it felt to see my self represented on screen by an actual non-binary

Algun elemento ou personagem da série te marcou? Você pode nos contar um pouquinho sobre isso?

3 respostas

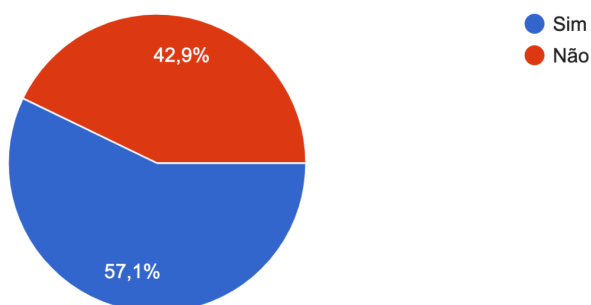
A naturalidade das relações

colocar personagens femininas badass, adorei!

Dominique

Caso faça parte, ou tenha feito parte, de outro fandom, você pode afirmar que eles te ajudaram a entender mais sobre sua sexualidade e/ou identidade de gênero?

7 respostas



Quais fandoms foram esses?

4 respostas

A03 lovers

Xenites, Scoobies/Slayerettes, etc

Cartinelli S2

Station 19, warrior nun, gap the series, fort salem, xena warrior princess, lost girl

Você vê a troca entre fãs como algo importante na sua experiência como espectador?

3 respostas

"Venha ser também" 🤔

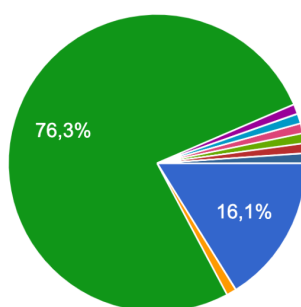
Sim

Sim! Gosto dos fandoms e vou defendê-los.

Apêndice 2.2 Respostas ao Questionário em Inglês

What's your gender?

93 respostas

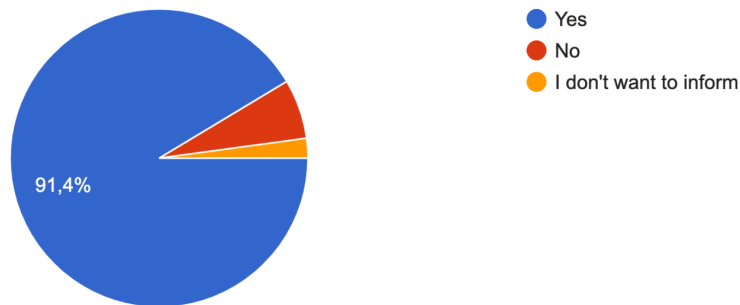


- Non-Binary (Non-binary refers to a per...
- Trans woman (Trans, refers to people...
- Trans man (Trans, refers to people wh...
- Cis woman (Cis refers to people who i...
- Cis man (Cis refers to people who ide...
- I don't want to inform
- I am both non-binary and trans
- Gender fluid

▲ 1/2 ▼

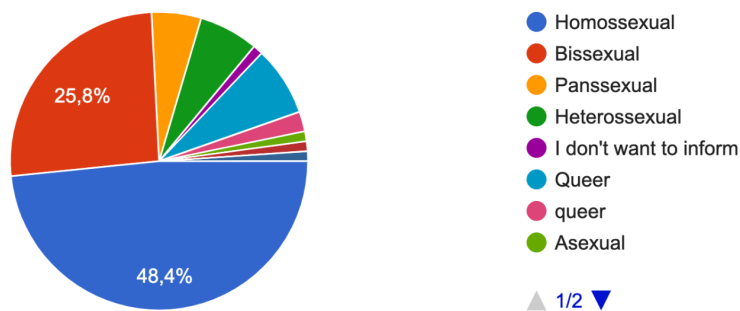
Do you understand yourself as LGBTQIAP+?

93 respostas



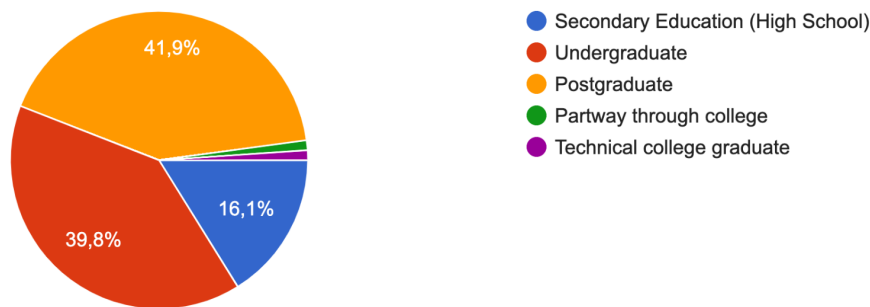
What's your sexual orientation?

93 respostas



What is your education level?

93 respostas



Perguntas **Respostas** 93 Configurações

Where are you from?

USA

6 respostas

United States

6 respostas

3 respostas

Australia

3 respostas

Germany

3 respostas

France

2 respostas

England

2 respostas

Illinois, USA

2 respostas

Canada

2 respostas

Chicago, IL

2 respostas

India

2 respostas

Michigan, United States
2 respostas
singapore
1 resposta
Montana, Untied States
1 resposta
Alberta, Canada
1 resposta
Illinois, United States
1 resposta
US
1 resposta

Missouri

[1 risposta](#)

Michigan USA

[1 risposta](#)

Guadeloupe island

[1 risposta](#)

East Tennessee, originally. Live in metro Atlanta, Georgia now.

[1 risposta](#)

Ohio, USA

[1 risposta](#)

Washington State, USA

[1 risposta](#)

Cobleskill, NY

[1 risposta](#)

Missouri, United States

[1 risposta](#)

Canadian living in Buffalo, NY

[1 risposta](#)

Georgia, USA

[1 risposta](#)

Oklahoma USA

[1 risposta](#)

Oman

[1 risposta](#)

Singapore

[1 risposta](#)

Philly/Boston

[1 risposta](#)

Ellensburg; it's a small town in rural Washington State.

[1 risposta](#)

San Diego

[1 risposta](#)

Sweden

[1 risposta](#)

Hollywood California

[1 risposta](#)

Colorado USA

[1 resposta](#)

New York City, USA

[1 resposta](#)

Alabama

[1 resposta](#)

Massachusetts

[1 resposta](#)

Nashville, TN

[1 resposta](#)

Portugal

[1 resposta](#)

Hong Kong

[1 risposta](#)

New York

[1 risposta](#)

Michigan, USA

[1 risposta](#)

Seattle WA US

[1 risposta](#)

Mexico

[1 risposta](#)

U.S.A, Michigan

[1 risposta](#)

Florida, US

[1 resposta](#)

Yorkshire

[1 resposta](#)

I am from Calgary AB I live in Washtington DC

[1 resposta](#)

Texas

[1 resposta](#)

Ohio, United States

[1 resposta](#)

The United States

[1 resposta](#)

Usa

[1 resposta](#)

los ángeles

[1 resposta](#)

Guatemala

[1 resposta](#)

Born in Orlando, FL. Currently in Winston Salem, NC

[1 resposta](#)

Czechia

[1 resposta](#)

Alabama, USA

[1 resposta](#)

Northwest Indiana

[1 resposta](#)

California, USA

[1 resposta](#)

New zealand

[1 resposta](#)

Florida, USA

[1 resposta](#)

Switzerland

[1 resposta](#)

Delaware

[1 resposta](#)

Florida

1 risposta

United Kingdom

1 risposta

Romania

1 risposta

Scotland

1 risposta

York, Pennsylvania

1 risposta

< >

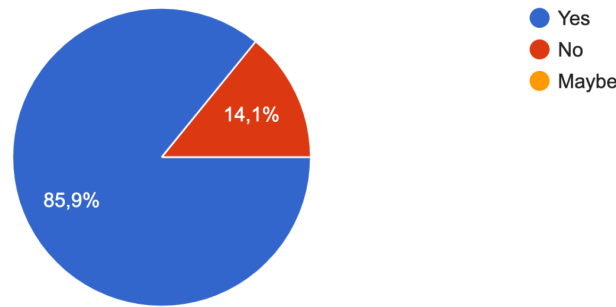
Are you familiar with the TV show "Wynonna Earp"?

93 respostas



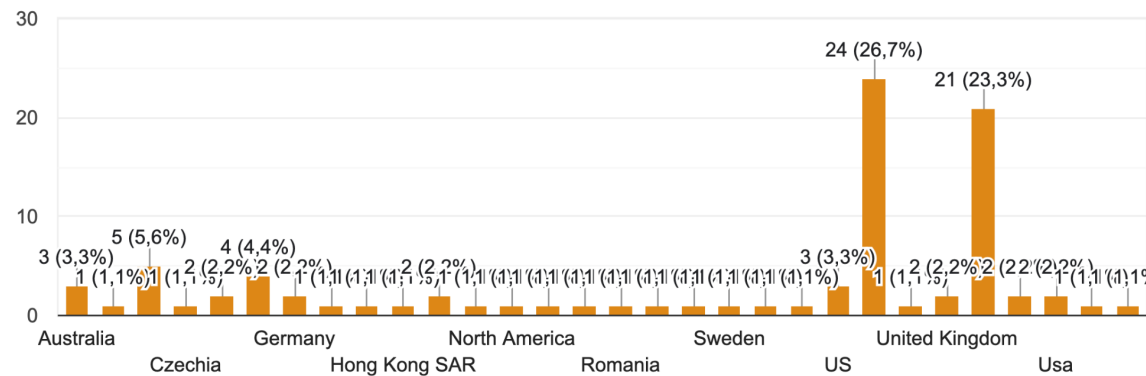
Did you follow the series at the time of its airing, between 2016 and 2021?

92 respostas



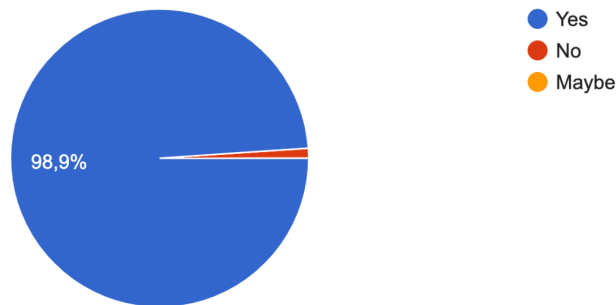
From which country did you watch it?

90 respostas



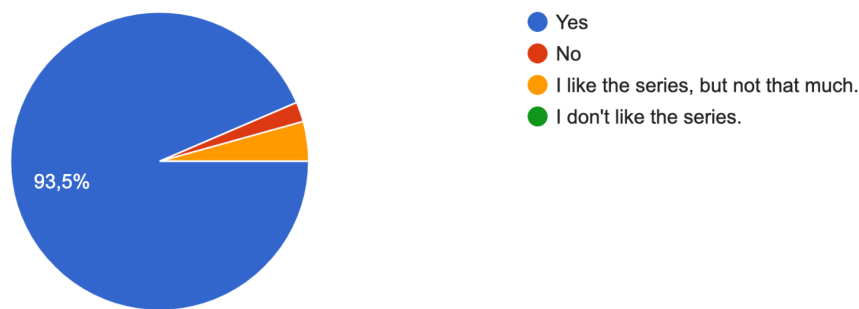
Have you ever heard the expression Earper to refer to someone who is a fan of the show?

93 respostas



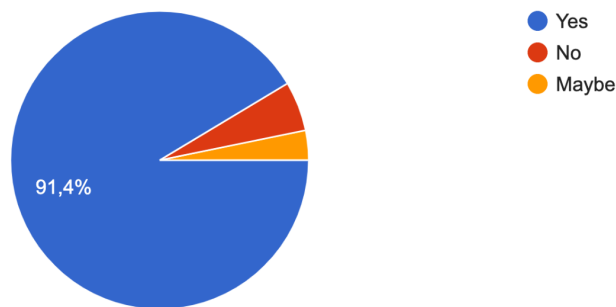
Do you consider yourself an Earper?

93 respostas



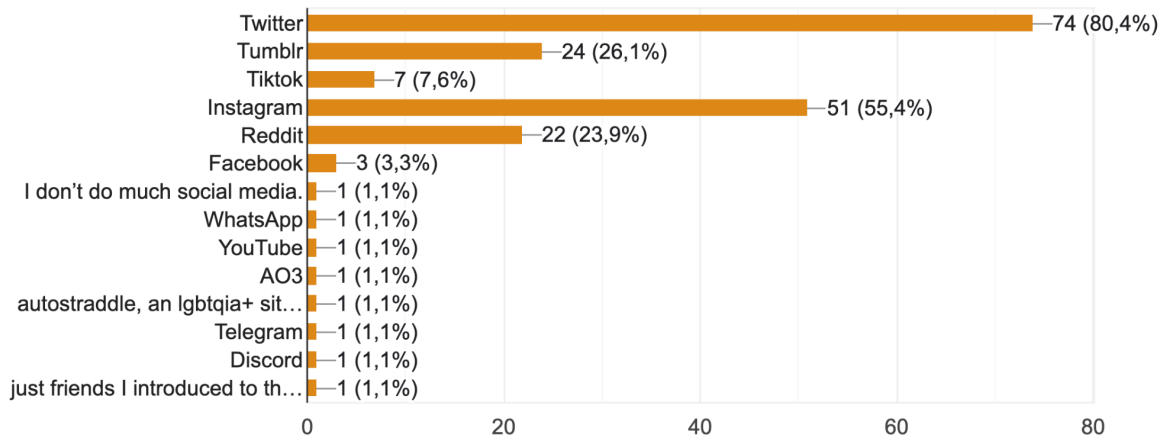
Have you ever interacted, online or offline, with other Earpers?

93 respostas



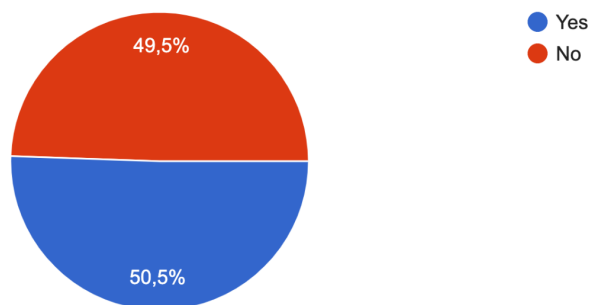
On which online platforms do you usually interact with other Earpers? You can check more than one option.

92 respostas



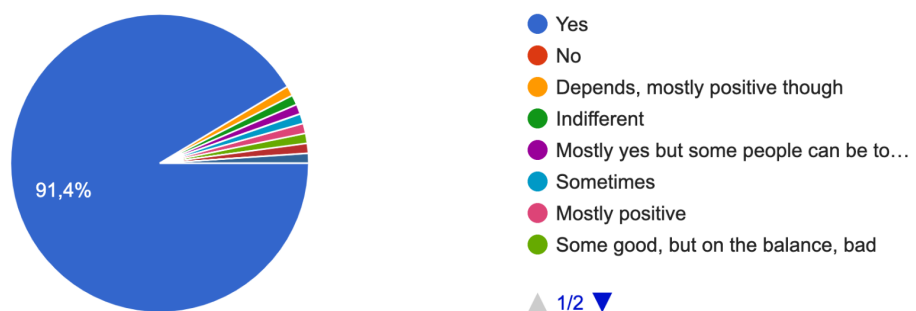
Have you gone for in-person meetings or events with other Earpers?

91 respostas



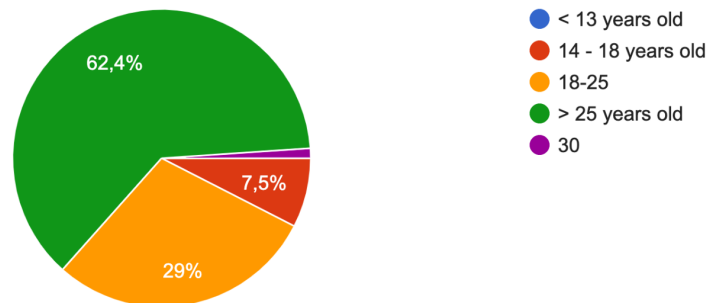
Were your experiences with this fandom positive?

93 respostas



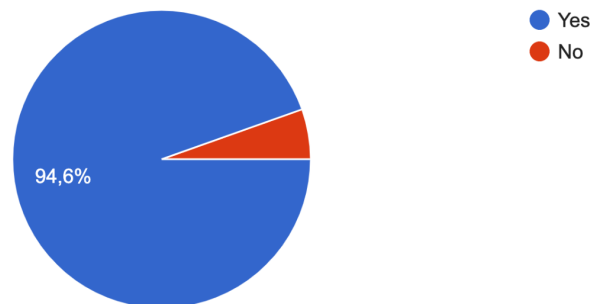
How old were you when you started being part of the fandom?

93 respostas



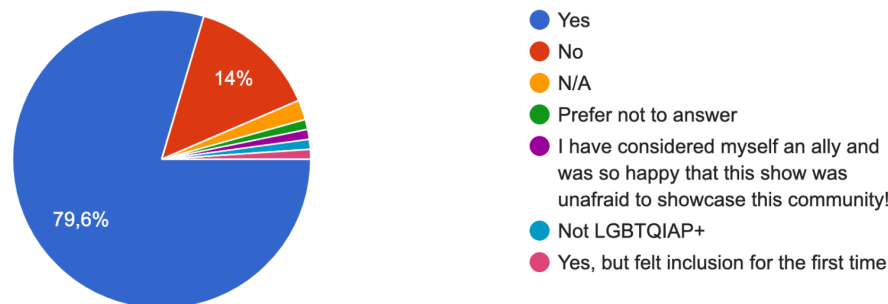
Do you still consider yourself an Earper?

92 respostas



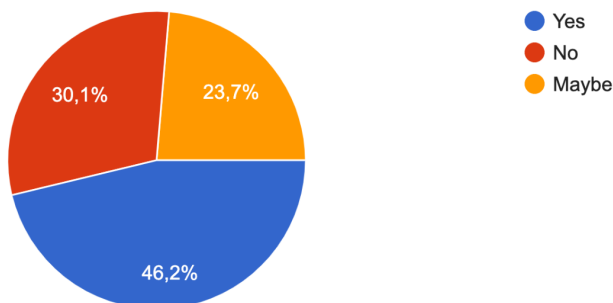
If you are LGBTQIAP+, did you already understand yourself as part of the community before you met the Earpers?

93 respostas



Did any of the experiences within the fandom help you understand anything about yourself?

93 respostas



If you answered yes to the previous question, can you tell us a bit more? What was this experience? What did it help you understand and how?

43 respostas

That it's ok to be queer and to feel more comfortable in my own skin

Understanding more about myself from being around Earpers and the visibility which came from them and the show

I realized I can like more than one gender and still be okay and it also helped me understand and discover myself

I became more confident in who I am and feel more comfortable being myself now, especially when I'm around other Earpers.

I was already queer, but gained an understanding of non binary / gender fluidity, and feel I could identify as such if I chose to. Prior to Earping, I did not know/understand the terms, and did not know how they could apply to me.

I have a lot to offer in supporting and understanding others. I can be a mentor.

It helped me see real struggles in the LGBTQIAP+ community, understand my privilege more, and further

If you answered yes to the previous question, can you tell us a bit more? What was this experience? What did it help you understand and how?

43 respostas

It helped me see real struggles in the LGBTQIAP+ community, understand my privilege more, and further define my role as an ally.

Watching WayHaught felt like I was reliving my own love story. Pretty powerful

It helped me to accept the possibility of me being queer.

I think it was just that I got to watch a show about queer people who lived in a small town. It was relatable in that way; I've never watched a show set in a rural town that centered gay people. That was very special to me. Despite being fictional, it made me feel less alone.

Helped me grow my confidence in my queer identity, connect with people who had similar experiences

Be comfortable with my sexual orientation, understand better the idea of found family, feel a sense of community around our shared interest, that I can be "weird" and still be accepted... basically to be more comfortable being myself around others

Earpers have taught me to celebrate my queer identity and have shown me the importance and power of

If you answered yes to the previous question, can you tell us a bit more? What was this experience? What did it help you understand and how?

43 respostas

Earpers have taught me to celebrate my queer identity and have shown me the importance and power of authenticity and acceptance. I don't think I would be so comfortable or confident in my identities if it weren't for their kindness and support, and I certainly wouldn't have been able to take the step to start testosterone if it weren't for them; they give me strength and a found family that I sorely needed.

It helped me accepting parts of myself that I had been brought up believing were wrong. Accepting that I'm not wrong or broken.

It made me more comfortable with my bisexuality, even if I can't really be out about it in my day-to-day life.

I'm an older sister and this helped me to realize that, like Wynonna, I'd always put family, especially my little sister, first and always accept her as she is.

The show and the fandom gave me a safe place to explore myself and be comfortable being my authentic self.

Finding the show made me more confident in myself and in my identity. It's helping me be more authentically me!

If you answered yes to the previous question, can you tell us a bit more? What was this experience? What did it help you understand and how?

43 respostas

I knew I was a part of the community but didn't feel comfortable exploring until I found a family within earpers.

It's more the matter of feeling represented and finding a community than understanding things about myself I'd say.

Even though people may have a common interest, that does not mean we have to get along or like each other. It also toughened up n skin and taught me not to care about what others think of me

A lot about accepting yourself and people who help you feel comfortable in your sexuality

I knew who I was and had come to terms with it, but seeing this representation of a bisexual (Waverly) helped me just feel more comfortable and the fact that she was unapologetic and felt she didn't need to explain to anyone -- yes, she dated a guy, now she's dating a woman, what of it? helped me also just feel like I can just be me and not have to explain it to anyone.

I finally got to feel what "normal" felt like. For once in my life, I fit in... I was in my early 60's.

If you answered yes to the previous question, can you tell us a bit more? What was this experience? What did it help you understand and how?

43 respostas

Acceptance

That people like spending time with me, I struggle making friends in my "real life" because I feel very different from most people. So many of the Earpers I've met over the years have become great friends, I've travelled across countries to hang out with them and they've done the same for me. I may not easily make friends with people geographically close to me but that does not mean I can't or that I'm not worthy of friendship, I just had to find my people.

Gender. I had never heard term non-binary. Also figured out I was neuro-divergent.

Seeing Dom being their true self and being open and honest about it helped me to realize who I am in terms of gender identity.

That being non-binary but still sometimes wanting what's considered part of the "male anatomy" at times is not odd. this conversation took place when heading to the bar with a group of Earpers that write fan fiction

The show's genuine inclusivity of queer characters, from their well-developed storylines to cast's portrayal of them, really struck a chord with me

If you answered yes to the previous question, can you tell us a bit more? What was this experience? What did it help you understand and how?

43 respostas

The show's genuine inclusivity of queer characters, from their well-developed storylines to cast's portrayal of them, really struck a chord with me.

I have always struggled with internalized homophobia and repression in one way or another, but both the series and the fandom helped me feel like maybe there's nothing wrong with me. It helped me feel normal in a way I hadn't experienced before.

I bonded with and had a queer crush on someone who shared gifsets of Nicole/Waverly. It made me recognize that I wanted to participate in fandom with other queer people.

It made me realise that I was willing to get involved in a fandom. I had given up on LGBTQIA+ presentation in mainstream media after a lot of lesbian characters were killed in shows in 2016/2017. When Wynonna Earp had their lesbian character wear a bullet proof vest, I started creating content. I listened to podcasts. I became active on twitter in order to ask Syfy to get the show renewed.

Helped me discover that gender is beautiful and complex with dom who plays as waverly now identifies as non- binary. It helped me realized I could identify as who ever I want too no matter what.

If you answered yes to the previous question, can you tell us a bit more? What was this experience? What did it help you understand and how?

43 respostas

When and where I grew up it was not okay to be who you are and I was in denial of my true self. Watching the show and interacting with others in the Earper community has helped me come to terms with who I truly am and that it's ok to be me.

I used to identify as a cis lesbian before becoming an earper. Earpers helped me understand and accept the nuances in my gender identity.

O had realised that I wasn't straight almost a year before I watched the show. I hated myself for it and couldn't talk to anyone. The show and Earpers made me comfortable with my sexuality and helped me with my insecurities. Earpers are genuinely great people and although I've never met them irl and most probably never will, im so glad to be a part.

The openness of the community and positivity helped me in understanding myself

That many other people also have mental struggles

Love knows no boundaries

If you answered yes to the previous question, can you tell us a bit more? What was this experience? What did it help you understand and how?

43 respostas

O had realised that I wasn't straight almost a year before I watched the show. I hated myself for it and couldn't talk to anyone. The show and Earpers made me comfortable with my sexuality and helped me with my insecurities. Earpers are genuinely great people and although I've never met them irl and most probably never will, im so glad to be a part.

The openness of the community and positivity helped me in understanding myself

That many other people also have mental struggles

Love knows no boundaries

I'm not sure really

I think the whole positive environment in the Fandom helps me in the journey of better accepting myself as queer

That I am good the way I am and that it really matters to find your own people.

Did any element or character from the series leave a mark on you? Can you tell us a little bit about it?

71 respostas

Waverly's coming out

Wynonna, as she's not perfect but tries hard. You don't always see that on shows

Yes, I identify a little bit with Waverly Earp. She realized she's more than a small town girl. Also, we are similar because we both love research

All the main characters are unapologetically themselves. In particular, the way Waverly learns that she doesn't need to conform or be super nice all the time, was impactful. Seeing queer representation in Wayhaught made me more comfortable in my own queerness.

Waverly Earp really resonated with me. We similar in many ways. We both love knowledge & struggle to understand ourselves. Without going into too much more detail, it was meaningful to see someone like me on TV. The overarching idea of found family really resonated with me. This show has something for everyone. It has brought so many people together.

Each character and writer did in their own way. However, the resilience of the Earp sisters, the confidence of Nicole, and the loyalty of all three, to each other, will always be something I get from the show.

Did any element or character from the series leave a mark on you? Can you tell us a little bit about it?

71 respostas

Both Waverly Earp and Nicole Haught because of how they evolve together and individually throughout the 4 seasons.

Nicole Haught. When she states "I am a lesbian" it meant more to me as a lesbian than saying I'm gay or I'm queer. It was empowering.

Wynonna, for showing us fuck-ups can be heroes; Jeremy, for showing that not fitting in to found family is OK

WayHaught reminded me of my wife and I

Watching Waverly's journey

Become a little braver

Whew. What a tough question—there's so much to say. The way straight characters accepted the queer ones. Wynonna's grit & heroism & struggle with addiction. And I went through a professional experience similar to Nicole's: I related hard to her embarrassment & anger—and that she went through it publicly, not

Did any element or character from the series leave a mark on you? Can you tell us a little bit about it?

71 respostas

Whew. What a tough question—there's so much to say. The way straight characters accepted the queer ones. Wynonna's grit & heroism & struggle with addiction. And I went through a professional experience similar to Nicole's: I related hard to her embarrassment & anger—and that she went through it publicly, not knowing if it had to do with her sexuality. I think about the show all the time; it continues to be a comfort & enriches my life. It's humbling to know Earpers had an impact on getting the show back on the air, and that Emily Andras loved the fandom so much that s4 is basically a love letter to us. And I think about Nedley's remark that some people want to live in a small town with a shitty hockey team & a view of the Rockies (or the Stuart Range, in my case) all the time! As a small town gay, the show feels like home. The characters feel like family.

I resonate with Nicole the most because I also identify as a lesbian, and like Nicole I don't necessarily fit into the stereotypes that sometimes go along with that. Waverly's journey of not changing herself to fit others' expectations is also reflective of my own life.

The WayHaught relationship was particularly refreshing in its representation of sapphic love. The sisterly relationship was great. And the ensemble, the found family elements were also very important to me.

just seeing positive representation (WayHaught) and Wynonna in terms of someone being different and still finding a place to belong to, being loved and cared for. Gives a little bit of hope

Did any element or character from the series leave a mark on you? Can you tell us a little bit about it?

71 respostas

So many parts of this show mean so much to me, from the "Everyone Welcome" ethos, the found family trope, the strong character ties, and its unashamed depictions and conversations surrounding queerness. I believe these things are clearly reflected in the fandom as well.

In terms of characters, I related most to Waverly and her journey. I see myself a lot in her, as I'm also always wanting to learn more and share that knowledge with others and struggle with people pleasing. Her experience with depression and anxiety, as depicted through Jolene, was very relatable and powerful to me. Her self-discovery (in terms of her queer identity) was also something that spoke to me because I too experienced a lot of fear, trepidation, doubt, and hesitancy when it came to coming to terms with it all and sharing it with others.

I also want to mention Jeremy and his scene with Nicole, in which he tells her that he stayed in Purgatory not because he fit in, but because they didn't expect him too. It's a powerful moment between two queer characters that know the feeling of being ostracized, and it conveys the power of community, connection, and radical acceptance.

Nicole - her loyalty is something that speaks to me

All of them in their own way....

Wynonna literally saw herself as nothing more than a fuck up but she stood in the door to protect a town that was horrible to her.

Did any element or character from the series leave a mark on you? Can you tell us a little bit about it?

71 respostas

All of them in their own way....

Wynonna literally saw herself as nothing more than a fuck up but she stood in the door to protect a town that was horrible to her.

Waverly had every expectation placed on her and found the strength to "write her own story" 🥹

John Henry Holiday is a man who learned to trust and depend on no one. He was from a time where things were different. Once meeting the Earp girl that cowboy turned into a cowman and stayed and fought for the people he loved.

Nicole Haught from the second she was on screen was herself. No matter what the town and people did she was who she needed to be. At time she was most broken and alone she still protected the things most important to her.

Xavier dolls. He was a man led by rules, but you saw him slowly learning what it meant to be a family. He took to the Earps and everything that came with it.

Jeremy chetri he could have been a knock off lab nerd character but he is so much more. When BBD left he had nothing and the Earps took him in. Jeremy took to having a found family in a way I think most Earpers do. It's a group of people who love, support, and help you.

Did any element or character from the series leave a mark on you? Can you tell us a little bit about it?

71 respostas

Jeremy chetri he could have been a knock off lab nerd character but he is so much more. When BBD left he had nothing and the Earps took him in. Jeremy took to having a found family in a way I think most Earpers do. It's a group of people who love, support, and help you.

Being an Earper changed my life and it's because of how these characters changed me.

The realistic representation of a queer relationship between Waverly and Nicole. Both are flawed characters and both made mistakes in the relationship; it felt like a fleshed out storyline, not just a side story. Plus neither died.

Waverly - I identified with her having always lived her life according to what she thought people expected of her.

The element of forgiveness, acceptance, and family first spoke to me in such a large way. I learned that forgiveness is for even those who may not deserve it, accept everyone for whoever they are/ whatever they have done.

Waverly's perseverance and Jeremy's comfortability with not fitting a perfect mold stays with me.

Did any element or character from the series leave a mark on you? Can you tell us a little bit about it?

71 respostas

The Earp sisters for sure, but also the friendship that Nicole and Wynonna have together. Also how Wynonna openly accepts Waverly's bisexuality and never questions it.

This whole series of characters all had something special to me but Nicole Haught truly left a mark on me. She was my first comfort character and then to find out that the actress who plays her is so supportive meant the world

The Wayhaught relationship felt like my first experience of actual representation

No questioning of queer characters or relationships

Yes. The courage of Waverly to come into her own truth and be unapologetic about it helped me coming out to my family.

Nicole Haught's confidence and unwavering ability to always be herself unashamedly

Wayhaught. It just made me very happy to see a couple with two women who were safe and had a happy ending. The sheer amount of scenes with them interacting romantically is huge, seemingly more than all

Did any element or character from the series leave a mark on you? Can you tell us a little bit about it?

71 respuestas

Wayhaught. It just made me very happy to see a couple with two women who were safe and had a happy ending. The sheer amount of scenes with them interacting romantically is huge, seemingly more than all other wlw couples on TV combined (minus the L word). We are usually watching for scraps of representation, but this was a show for us.

Wynonna's love and fight for the ones she love. Sisterly love is the best part of the show

Strong women supported by the men, found family and a healthy real WLW portrayal

Honestly it's just really validating and nice to see two sapphic women in a happy, loving relationship where they don't end up with men or die at the end.

Certainly Nicole because she just had this amazing confident aura about her that I appreciated as a woman working in a man's field (which she was doing and which I do) but also she just owned her gayness and that's very empowering. And, of course, Waverly, since it was Waverly who was seen realizing a little later in life that maybe they weren't as straight as they thought they were. And that also echoes my own journey.

Yes.. so many things... I was most pleased by the consent content.

Did any element or character from the series leave a mark on you? Can you tell us a little bit about it?

71 respuestas

Waverly's story very much resonated for me.

Waverly's search for her truth resonated with me a lot, because I'm adopted and her search for her father mimics my desire to know about my biological parents when I was young.

Nicole Haught, taught me to be braver

Wynonna's journey to love and take a chance on herself has left an indelible mark on me.

Nicole's confidence in herself, her sexuality, her ability to work in a male dominated field, has all left it's mark on me and inspired me to be more outgoing, know my worth and to never shy away from who I am as a person

Waverly cause her journey was around mental health and her sexuality

Wynonna and Doc. You can be a fuckup and a hero

Seeing Nicole Haught being a confident, badass, unapologetic lesbian was the first time I felt like I was

Did any element or character from the series leave a mark on you? Can you tell us a little bit about it?

71 respuestas

Seeing Nicole Haught being a confident, badass, unapologetic lesbian was the first time I felt like I was going to be okay as a queer person. And "I'm here and I stay" helped me through a very dark time.

The show made me realize just how much of a bisexual I really am.

Waverly. Because she goes through this whole journey of self-discovery, self-acceptance, love, etc and she owns who she is once she becomes confident enough to be proud of who she is

I appreciated how Nicole was made to be integral to the plot, and not to merely exist as the "out gay character", often which is what other shows would do. We've seen Nicole grow and evolve as a character throughout the seasons, and it really is just heartening to witness. Waverly's journey too, of stepping into her own identity, not only in terms of her sexuality, but also her place in the Earp family was beautifully portrayed. I guess the overarching theme that echoes throughout the show is acceptance, family and unconditional love. The whole "found family" dynamic in the show is definitely a source of comfort and hope for the audience; that there are people out there who'll wholeheartedly embrace them for who they truly are.

Wayhaught - positive representation

Did any element or character from the series leave a mark on you? Can you tell us a little bit about it?

71 respuestas

Representation helps, a lot. Also Nicole's confidence was something I really started to look up to and wanted to convey myself.

Nicole and Waverly's sex life is treated in a very loving way on-screen. It isn't shied away from how they play and tease each other, and yet it's not fetishized. It's portrayed as a perfectly normal standard relationship in the show. But I hadn't been exposed to very many other shows that placed such an emphasis and importance just on two women interacting with each other.

The portrayal of Wayhaught- especially since Nicole wasn't killed off in the season one finale after Lexa had just been killed off The 100. It was a show that felt like it was really on our side.

Nicole Haught left a mark on me. I find a lot of myself in her, as well as wishing to have a partner like her. Her bravery, loyalty, and kindness, are things I pride myself in as well as wish to find in a partner. I love all the characters truly, but Nicole Haught has left a mark on me as my favorite fictional character of all time. In part because I see myself, and in part because I wish to be more like her.

The character Nicole did. She helped me become more comfortable with being feminine while also being a masc lesbian.

Did any element or character from the series leave a mark on you? Can you tell us a little bit about it?

71 respostas

The landscape made fascinated with Canada. The music inspired me to write my own. Waverly's journey of living honestly without fear for her reputation made me strive to do the same.

Nicole and Waverly's relationship was new in how open and sweet for a wlw relationship in media. Gave me hope to see the changes in societal acceptance on what could be shown in tv shows.

Waverly. It was the first time I saw positive portrayal of someone being bisexual that had a happy ending

Nicole being a soft dominant person because that's literally who I am. She just solidified it.

Their take on Doc Holliday was interesting. In the beginning, he came off as selfish and doing things for himself. Yet, whenever he looked at Wynonna, he had a softness in his eyes. Throughout the series, his character evolved into showing more emotions and acting on more morals. He had set backs in his journey, yet, we are all human and it made him relatable.

Nicole Haught. She is confident in who she is. She was not accepted by her family but has a 'found' family that love her deeply.

Did any element or character from the series leave a mark on you? Can you tell us a little bit about it?

71 respostas

Waverly's self discovery sparked the beginning of my gender discovery journey

Nicole Haught. She was the first lesbian I saw on television. The friendships made me feel complete.

Being attracted to the idea of Wayhaut really helped me realize I am bi

How open and easy it was for Nicole and Waverly to be who they are

Wynonna, how she managed to begin to move past what she and others thought of her

No

The 2 lesbians for sure.

I don't really know

Nicole's character is written really nicely. I think almost all the queer characters in the series are portrayed in a pretty genuine way. They don't exist because the show wants to merely become more diverse. But

Did any element or character from the series leave a mark on you? Can you tell us a little bit about it?

71 respostas

Nicole's character is written really nicely. I think almost all the queer characters in the series are portrayed in a pretty genuine way. They don't exist because the show wants to merely become more diverse. But actually makes the characters glow and doesn't let it become the sole focus of the story. It portrayed LGBTQ in such a natural way that I think it makes me realize how representation done well actually has effect on audience. Even for straight characters they are also portrayed pretty nicely. Every character is just a unique and well written character regardless of who they are.

The aspect of found family gave me hope and peace.
Showing how people can still be perfect, even though they have flaws and fuck up really helped me not to be too hard on my self.

Most important for my was the fandom, the kindness of the fans and the cast and how much the show and the fandom mean to everyone.

Willie because she was so obviously troubled in ways her family did not know or understand. I do not excuse her actions but I can see how she made the decisions she did.

I loved that. Waverly & Nicole were allowed to be feminine and sexy and competent and gay together. The show didn't try to reproduce a dichotomous masculine/feminine stereotype or sexualize them at the

Did any element or character from the series leave a mark on you? Can you tell us a little bit about it?

71 respostas

LGBTQ in such a natural way that I think it makes me realize how representation done well actually has effect on audience. Even for straight characters they are also portrayed pretty nicely. Every character is just a unique and well written character regardless of who they are.

The aspect of found family gave me hope and peace.
Showing how people can still be perfect, even though they have flaws and fuck up really helped me not to be too hard on my self.

Most important for my was the fandom, the kindness of the fans and the cast and how much the show and the fandom mean to everyone.

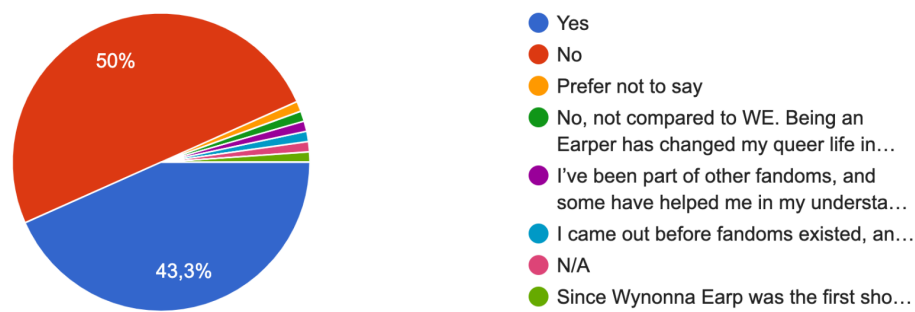
Willie because she was so obviously troubled in ways her family did not know or understand. I do not excuse her actions but I can see how she made the decisions she did.

I loved that. Waverly & Nicole were allowed to be feminine and sexy and competent and gay together. The show didn't try to reproduce a dichotomous masculine/feminine stereotype or sexualize them at the expense of their dignity.

Doc and Wynonna were the two that I identified with the most

If you are or have been part of another fandom, can you say that they have helped you understand more about your sexuality and/or gender identity?

90 respostas



Which fandoms were these?

52 respostas

Xena

Lost Girl, Buffy the vampire slayer

Womens football and Arsenal Women

Carmilla

Marvel's Runaways, The Wilds, Brooklyn 99, Arrowverse shows, and The Harley Quinn Show

Kacy (NCIS Hawai'i), Marina (Station 19)

Glee, Orphan Black, person of interest, x files, Buffy the vampire slayer

Xena WP

Buffy

Which fandoms were these?

52 respostas

Xena, Buffy the Vampire Slayer

Buffy, Stupid Wife, Luimelia

Star Trek.

Glee, specifically back when it was airing (circa 2012)

Willow, The Rise of the Pink Ladies, Dickinson, A League of their Own

none

Supergirl, Our Flag Means Death, Warrior Nun, Good Omens

Buffy the Vampire Slayer, South of Nowhere

Firefly, Buffy, chuck

Which fandoms were these?

52 respostas

Xena and Buffy

N/A

Clexa (The 100) and Korrasami (Legend of Korra)

The 100

Supergirl and Wednesday

Brittany, Avatrice, Clexa, Hollstein

Blockheads (NKOTB) and NCIS: Hawaii

Xena Warrior Princess and Buffy

I'm 35 so we're going way back to South of Nowhere and Degrassi for stuff that first made me feel seen. (Neither of which were the best representation but it was scraps then). I'm married to a woman now so I'm

Which fandoms were these?

52 respostas

I'm 35 so we're going way back to South of Nowhere and Degrassi for stuff that first made me feel seen. (Neither of which were the best representation but it was scraps then). I'm married to a woman now so I'm kind of past figuring out my sexuality but I also adore the A League of Their Own series. It is some of the best rep we've ever had. I think gender expression is something that can shift throughout our lives and it's really fantastic to see an array of gender expressions on that show.

Law & Order: SVU -- Olivia Benson made me go "wait... women" lol

Charmed, Glee, Buffy. But they didn't explicitly help me with my sexuality, as I have never had any questions about that. They did however, help in shaping my identity as a young girl, and having my own power and feeling comfortable in my one body, which I have always struggled with .

Brittana

Glee, the 100, Killing Eve

Xenites

Which fandoms were these?

52 respostas

The Xfiles, Xena

Forever Knight

NIL

Merlin, Once Upon A Time, Doctor Who

Supercorp and now Warrior Nun.

She-Ra, The Dragon Prince, Good Omens, Steven Universe, The Good Place, A League of Their Own, The Magicians, Star Trek: Voyager, Star Trek: Deep Space Nine, The Orville, What We Do In The Shadows, Our Flag Means Death, The Owl House,

Criminal Minds and Glee

Buffy the vampire slayer, Lost Girl, Warehouse 13, Legend of Korra

Which fandoms were these?

52 respostas

Final Fantasy 13, The 100, Rizzoli and Isles

BTVS, HIMYM

Warrior Nun, Atypical (im not as active as I am with Earpers)

Rookie blue

The 100, Warrior Nun, Supergirl, etc

Buffy the vampire slayer

Stargate SG1 Star Trek

i don't recall, unfortunately. but i was fully out as non-binary and bi when i came across wynonna earp, and being an earper widened my found community, but was not a personal turning point in helping me understand my gender and sexual minority identities

Which fandoms were these?

52 respostas

Rookie blue

The 100, Warrior Nun, Supergirl, etc

Buffy the vampire slayer

Stargate SG1 Star Trek

i don't recall, unfortunately. but i was fully out as non-binary and bi when i came across wynonna earp, and being an earper widened my found community, but was not a personal turning point in helping me understand my gender and sexual minority identities

Critical Role

Fruits Basket, Firefly

Supernatural

Do you see the exchange between fans as something important in your experience as a spectator?

72 respostas

Yes

Definitely

No

Yes, very much so. Many friendships are formed

Yes, because you can see who can be your allies, or you can be theirs. Some of those fans can even become your found family

I don't think I understand the question.

Without question

Yes, especially for the Wynonna Earp fandom. We had to fight to bring our show back more than once, and are still fighting now to get a fifth season. Without the kindness, support and love shared within the Earp fandom, this fight wouldn't be possible to continue over the years.

Do you see the exchange between fans as something important in your experience as a spectator?

72 respostas

Yes, especially for the Wynonna Earp fandom. We had to fight to bring our show back more than once, and are still fighting now to get a fifth season. Without the kindness, support and love shared within the Earp fandom, this fight wouldn't be possible to continue over the years.

Also important, the #EarperSupport on Twitter, that anyone in the fandom can use to request help/support for anything that troubles them in their lives.

Earpers are a found family, I can't imagine (and don't want to!) my life without chatting to other Earpers. This community has changed the lives of thousands of people, and it makes me happy to see new Earpers joining it even now that the show is technically cancelled.

Yes, it's community building

Absolutely

It enhances the experience and draws it into real life

Yes, meeting other fans in an amazing experience

Do you see the exchange between fans as something important in your experience as a spectator?

72 respostas

It's not necessary, but it is nice when you can share your feelings about something you love with other people who love it.

Absolutely, discussing the show with others who also enjoy it is one of my favorite parts of consuming media.

Totally. It adds layers to the source material, it permits to add on it through different lenses and different experiences. It heightens the experience for me to be able to share my feelings about a show with other passionate people. It makes me feel less alone

partly yes. Sharing fun is always more fun.

Absolutely. It helps you grow your understanding of the piece of media you're collectively enjoying, and in some cases, helps you work through the frustrations of queerbaiting or mistreatment of queer characters (namely Supergirl), often through humor or other fan works, like fan fiction or art. It also provides a safe space for fans like me that don't have supportive family, as I'm able to enjoy and rejoice in queer representation without judgement and within community.

Do you see the exchange between fans as something important in your experience as a spectator?

72 respostas

No... I think the other shows I'm fans of are still special but being an Earper... that changes your experience of life.

Yes, it is great seeing how kind people can be

Yes, I have never seen another Fandom that has been so accepting and loving as Earpers. It makes me wish to be able to be more active than I am.

Absolutely. It adds an engagement element that I think is important to building community and prolonging the meaningfulness of shows.

Yes

Sure

Yes. It helps with acceptance

I do not understand this question

Do you see the exchange between fans as something important in your experience as a spectator?

72 respostas

Sure, I am a more passive/ quiet fan than many (I think) but being able to fangirl about gay shows online makes me feel like I'm part of a community even if we don't see or talk to each other in person. Just knowing that there is a group of people out there who are happy about the gay stuff that makes me happy is satisfying.

yes

Common ground is always important.

Yes, I think interacting with fans is incredibly important. It reinforces the relationships that have already be built as spectators.

Yes, create a group of found family

Yes, absolutely

Yes, very much so

Do you see the exchange between fans as something important in your experience as a spectator?

72 respostas

Absolutely. If the fans are amazing then it makes you even prouder to be a fan and it makes the entire experience incredible

Very. We did save Wynonna Earp and now Warrior Nun. Fanfics are also very important to me and have been for some years now.

I think talking about the media we consume can lead to a deeper understanding of the subject and is the way you truly interact with a work of art. I love the analysis, I love seeing ot her people's passions and being informed by them, I love the deconstruction and the discussion of things I might not have noticed on my own.

In my experience, not having access to fandom as a meta-commentary space allows for only a surface-reading of the material and not the true interaction with it that I want as a consumer.

At times I enjoy having and seeing fan interaction, but I think there is something to say about how each individual experiences the fandom and how the fandom impacts them uniquely.

Never before but engaging with other Earpers was an amazing experience. I could not wait to read love tweets each week.

Do you see the exchange between fans as something important in your experience as a spectator?

72 respostas

Yes, I think it brings a whole new level to the show

Definitely. Being in the filter bubble makes you aware of elements you've missed before and can inspire creative output (fanfiction, fanart, music ...).

Yes, though I don't directly engage with online discourse I see how important and impactful they are. I enjoy a lot of the discussions and fan made material.

Not always, but it's great to talk with other fans when they are nice and open to converse.

It's very important because it brings a sense of community between people with common interests.

definitely. live tweeting, rewatches and just general interactions make me happy that I have something to look forward to everyday.

Extremely!

absolutely. earpers have been by far the most respectful, accepting, generous, and earnest folk I've had the

Do you see the exchange between fans as something important in your experience as a spectator?

72 respostas

look forward to everyday.

Extremely!

absolutely. earpers have been by far the most respectful, accepting, generous, and earnest folk I've had the good luck to know and be a part of

Of course

Yes I think so

Yes absolutly, I think its one of the most beautiful things about fandoms.

not really

Sometimes.

Dean helped me come out

Apêndice 3 - Glossário

Aqui está uma lista dos termos relacionados ao fandom e seus significados que usarei ao longo deste trabalho.

Archive of Our Own (AO3): Um site dedicado à promoção e preservação de fanfictions.

Parte da Organization of Transformative Works (Organização de Trabalhos Transformadores).

Cânone ou Canon: Conforme declarado explicitamente no material de origem. Ex: Spock, canonicamente, não é humano. Veja também: Não-canônico.

Fanart: Peças de arte criadas por fãs que representam os personagens, cenários ou enredos de uma mídia.

Fandom: 1) (plural) O grupo geral de pessoas que participam do comportamento fannish (ou seja, fandom de mídia, fandom de esportes, etc.). 2) (singular) Referência a uma área específica de fãs (fandom de futebol, fandom do Universo Cinematográfico da Marvel, fandom de Buffy, etc.).

Fanfiction: Peças de ficção escritas por fãs sobre uma mídia específica (ou várias mídias). Essas peças são de qualquer tamanho, usando os personagens, o cenário ou ambos do original.

Fanfiction.net: Um site para escritores de fanfictions postarem suas obras e lerem os trabalhos uns dos outros.

Fãs: pessoas que são fãs de uma determinada entidade. Pode se referir a qualquer coisa, mas, para os fins deste estudo, é uma abreviação de fandom de mídia.

Fanworks: Um termo coletivo para os vários tipos de mídia produzida por fãs (fanfiction, fanart, etc.).

FanCam: vídeos curtos feitos por fãs de uma determinada mídia; utiliza clipes do original para criar videoclipes, novas cenas ou novos enredos no programa/filme.

Fanzines: Revistas de fãs. A maneira original pela qual a fanfiction (e às vezes a fanart) era compartilhada entre os fãs.

Finale: É o último episódio de uma temporada de série de tv ou o último episódio da série.

HeadCanon: Um aspecto de uma série/filme/livro, ou de seus personagens, que os fãs decidiram coletivamente como fato, mas que não está explicitamente declarado na fonte. Ex: Em Teen Wolf, o nome do xerife nunca é informado, mas a maioria dos fãs decidiu que seu nome é John.

Não-cânone: ideias sobre personagens inferidas do material de origem ou

puramente imaginadas pelos fãs.

Organização de Obras Transformadoras (OTW): Uma organização dedicada à preservação de fanworks, à desestigmatização do fandom de mídia e à segurança jurídica dos fãs que produzem trabalhos de fãs.

Pink Money: É a ideia de um lucro advindo da mercantilização de símbolos e pautas LGBTQIAPN+ sem que a empresa tenha de fato um compromisso de alterar a realidade social em relação a essa causa.

Ships/shipping: Extraído da palavra relacionamento em inglês. O emparelhamento de dois ou mais personagens juntos de forma romântica/sexual. Pode ser canônico ou não canônico. Geralmente assume uma das três formas: Masculino/Masculino (M/M), Masculino/Feminino (M/F) ou Feminino/Feminino (F/F).

Shippar: É torcer por um ship. Muitas vezes os fãs geram conteúdo dos seus ships.

Shipper: É o indivíduo de shippa.

Slash: Ship de personagens gays ou lésbicas. Geralmente entendido como sendo sexualmente explícito, embora nem sempre seja. O nome deriva da "/" no emparelhamento - Kirk/Spock, John/Sherlock, Hermione/Ginny, etc, que em inglês tem esse nome.

Slow-Burn: Uma fanfic em que a parte sexual de um relacionamento não acontece até bem depois que o relacionamento é estabelecido.

Apêndice 4 - Glossário de Séries de Tv

Aqui você vai encontrar um pouco mais sobre as séries de tv mencionadas neste trabalho em ordem alfabética.

"A Sete Palmos" (Título original: Six Feet Under, 2001 - 2005)

Temporadas: 5

Sinopse: A crônica das vidas de uma família disfuncional que tem uma funerária em Los Angeles.

"Anjos na América" (Título original: Angels in America, 2003)

Temporadas: 1

Sinopse: À medida que a crise da AIDS explode na América dos anos 80, dois pacientes enfrentam desafios diferentes. Além disso, uma olhada nas implicações sociais, sexuais e religiosas da doença mortal.

"Belas Maldições" (Título original: Good Omens, 2019 -)

Temporadas: 2

Sinopse: O anjo Aziraphale e o demônio Crowley, acostumados com a vida na Terra, procuram impedir a vinda do anticristo e com ele a batalha final entre o Céu e o Inferno.

"Buffy, a Caça-Vampiros" (Título original: Buffy the Vampire Slayer, 1997 - 2003)

Temporadas: 7

Sinopse: Buffy é uma jovem que faz parte de uma longa linhagem de guerreiras escolhidas para caçar e destruir vampiros, demônios e outras forças do mal, para isso ela conta com ajuda de seus amigos.

"Doctor Who" - Série Clássica (Título original: Doctor Who, 1963 - 1989)

Temporadas: 26

Sinopse: A série acompanha Doctor, um extraterrestre que viaja no tempo e espaço a bordo da TARDIS, uma nave com a forma de uma cabine policial, que é muito maior por dentro. O Doctor também é capaz de alterar sua própria aparência, o senhor do tempo viaja com seus companheiros, vivendo aventuras incríveis e enfrentando inimigos perigosos.

"Doctor Who" - Série Moderna (Título original: Doctor Who, 2005 - 2022)

Temporadas: 13

Sinopse: A série acompanha Doctor, um extraterrestre que viaja no tempo e espaço a bordo da TARDIS, uma nave com a forma de uma cabine policial, que é muito maior por dentro. O Doctor também é capaz de alterar sua própria aparência, o senhor do tempo viaja com seus companheiros, vivendo aventuras incríveis e enfrentando inimigos perigosos.

"Doctor Who" (Título original: Doctor Who, 2023 -)

Temporadas: 1

Sinopse: A série acompanha Doctor, um extraterrestre que viaja no tempo e espaço a bordo da TARDIS, uma nave com a forma de uma cabine policial, que é muito maior por dentro. O Doctor também é capaz de alterar sua própria aparência, o senhor do tempo viaja com seus companheiros, vivendo aventuras incríveis e enfrentando inimigos perigosos.

"Ellen" (Título original: Ellen, 1994 - 1998)

Temporadas: 5

Sinopse: Ellen Morgan é uma proprietária de livraria que lida com a vida através da comédia e de extensas divagações.

"Glee" (Título original: Glee, 2009 - 2015)

Temporadas: 6

Sinopse: Com otimismo, o professor Will Schuester tenta inspirar um grupo de estudantes a reformar o antigo e bem sucedido Clube Glee, o coral da escola McKinley. Schuester está determinado a fazer o que for preciso para provar que o grupo pode voltar ao sucesso.

"A Guerra dos Tronos" (Game of Thrones, 2011 - 2019)

Temporadas: 8

Sinopse: A série se passa em Westeros, uma terra remanescente da Europa Medieval, onde as estações duram por anos ou até mesmo décadas. A história gira em torno de uma batalha entre os Sete Reinos, onde famílias dominantes estão lutando pelo controle do Trono de Ferro, cuja posse possivelmente assegurará a sobrevivência durante o inverno que está por vir. Baseado na série de livros homônima.

"He-Man e os Defensores do Universo" (Título original: He-Man and the Masters of the Universe, 1983 - 1985)

Temporadas: 2

Sinopse: O homem mais poderoso do universo, He-Man, vai contra as forças do mal de Esqueleto para salvar o planeta Eternia e proteger os segredos do Castelo de Grayskull.

"Hora de Aventura" (Título original: Adventure Time, 2010 - 2018)

Temporadas: 10

Sinopse: Um garoto chamado Finn e seu melhor amigo Jake, um cão mágico com a capacidade de se esticar em qualquer forma que você quiser, vivem as aventuras mais loucas juntos e conhecem muitos amigos e inimigos ao longo do caminho.

"Jornada nas Estrelas" (Título original: Star Trek: The Original Series, 1966 - 1969)

Temporadas: 3

Sinopse: No século XXIII, a humanidade já desenvolveu a tecnologia para viajar pelo espaço. Na série de ficção científica "Jornada nas Estrelas", os seres humanos se associam a espécies

alienígenas de várias partes da galáxia e, juntos, formam a Federação Unida de Planetas com o objetivo de desbravar o Cosmos. O Capitão James T. Kirk, o Dr. Spock, Primeiro Oficial de Ciências, e a tripulação estão a bordo da nave estelar USS Enterprise, numa missão exploratória pelos quatro cantos do Universo, em busca de novos mundos e civilizações.

"Lendas do Amanhã" (Título original: Legends of Tomorrow, 2016 - 2022)

Temporadas: 7

Sinopse: Após ter visto o futuro, o viajante do tempo Rip Hunter recebe a missão de montar um grupo eclético de heróis e vilões para enfrentar uma ameaça invencível - uma que não somente põe em risco o planeta, mas também o tempo.

"O.C.: Um Estranho no Paraíso" (Título original: The O.C., 2003 - 2007)

Temporadas: 4

Sinopse: Unindo comédia e drama, a série gira em torno das histórias de um grupo de adolescentes e de suas famílias quando os problemas chegam a suas vidas, no rico bairro de Newport Beach em Orange County, California.

"Orange is the New Black" (Título original: Orange is the New Black, 2013 - 2019)

Temporadas: 7

Sinopse: Piper Chapman, uma garota privilegiada que mora em Nova York, é condenada a cumprir sentença numa prisão feminina federal por ter participado no passado do tráfico de drogas. Para pagar por seus crimes, Piper resolve se entregar e troca uma vida confortável pela prisão. Tragada por um universo laranja completamente distinto do seu, acaba encontrando tensão e companheirismo num grupo de detentas desbocadas, em um local em que é impossível fugir, até de si mesma.

"Os 100" (Título original: The 100, 2014 - 2020)

Temporadas: 7

Sinopse: Após noventa e sete anos de uma guerra nuclear ter destruído a civilização, uma nave espacial que abriga os sobreviventes solitários da humanidade envia cem delinquentes juvenis de volta à Terra, na esperança de possivelmente repovoar o planeta.

"Os Assumidos" (Título original: Queer As Folk - British, 1999 - 2000)

Temporadas: 2

Sinopse: Três homens homossexuais vivem na comunidade gay em Manchester, próximo a Canal Street: Stuart, Vince e Nathan.

"Os Assumidos" (Título original: Queer As Folk - American, 2000 - 2005)

Temporadas: 5

Sinopse: Segue a vida e os amores de um grupo de amigos gays que vivem em Pittsburgh, Pensilvânia.

"Skins: Juventude à Flor da Pele" (Título original: Skins, 2007 - 2013)

Temporadas: 7

Sinopse: A história de um grupo de jovens britânicos que tentam crescer e encontrar o amor e a felicidade.

"Steven Universo" (Título original: Steven Universe, 2013 - 2019)

Temporadas: 5

Sinopse: Na cidade de Beach City, Steven e as Crystal Gems vivem em um antigo templo à beira-mar. As Gems são guerreiras alienígenas com pedras preciosas mágicas no centro de seu ser. Steven é um jovem, meio humano e meio Gem, que herdou sua pedra preciosa de sua mãe, a ex-líder das Crystal Gems. Enquanto Steven tenta entender seus poderes, ele e as Gems protegem a humanidade de monstros e diversos tipos de ameaças.

"Super Gatas" (Título original: The Golden Girls, 1985 - 1992)

Temporadas: 7

Sinopse: Quatro mulheres, divorciadas ou viúvas, estão morando juntas em Miami, compartilhando suas diversas experiências juntas e se divertindo apesar dos momentos difíceis.

"Supergirl" (Título original: Supergirl, 2015 - 2021),

Temporadas: 6

Sinopse: Kara Zor-El escapou de seu planeta quando tinha 12 anos de idade. Desde que chegou à Terra, compartilha os mesmos poderes que seu primo, o Super-Homem. Por anos ela conseguiu esconder seus poderes, mas agora, ela ajuda a proteger os cidadãos de National City.

"The Bold Type" (Título original: The Bold Type, 2017 - 2021)

Temporadas: 5

Sinopse: Três amigas se unem para conquistar o sucesso em Nova York, batalhando para fazer seus sonhos resistirem às realidades da vida, e, quando têm um tempo livre, procurando o amor verdadeiro.

"The L Word" (Título original: The L Word, 2004 - 2009)

Temporadas: 6

Sinopse: Siga as vidas e os amores de um pequeno e unido grupo de lésbicas que vivem em Los Angeles, assim como amigos e familiares que os apóiam ou os odeiam.

"Will & Grace" (Título original: Will & Grace, 1998 - 2020)

Temporadas: 11

Sinopse: O Will e a Grace moram juntos num apartamento em Nova Iorque, ele é um advogado gay e ela é uma designer de interiores. Amigos da faculdade, eles dividem um apartamento e acabam constantemente se intrometendo nos problemas pessoais um do outro.

"Warrior Nun" (Título original: Warrior Nun, 2020 - 2022)

Temporadas: 2

Sinopse: Uma jovem acorda no necrotério com super poderes e descobre que faz parte de uma seita secreta de freiras caçadoras de demônios.

"Wynonna Earp" (Título original: Wynonna Earp, 2016 - 2021)

Temporadas: 4

Sinopse: Wynonna Earp retorna à cidade natal de Purgatório para lutar contra os demônios que assolam o local. Para isso, ela deve destruir as almas ressuscitadas e conquistar aliados. Wynonna luta contra demônios e outros seres, com suas capacidades e com ajuda de outros é a única que pode combater contra o paranormal.

"Xena: A Princesa Guerreira" (Título original: Xena: Warrior Princess, 1995 - 2001)

Temporadas: 6

Sinopse: Na Grécia Antiga, a ex-mercenária Xena busca levar uma vida que a redima de seu passado turbulento, no qual agiu de forma duvidosa. Para isso, viaja por toda a Grécia tentando fazer justiça. Ao seu lado, a amiga Gabrielle, que a ajuda a manter-se centrada e

focada em sua missão. De vilarejo em vilarejo, Xena e Gabrielle buscam aventuras e causas que precisem de sua ajuda, amparando àqueles que estão em dificuldades e combatendo as forças do mal.

"X-Men" (Título original: X-Men: The Animated Series, 1992 - 1997)

Temporadas: 5

Sinopse: Mutantes, chamados de "X-Men", que usam seus poderes para o bem e recrutam outros mutantes para sua equipe, resgatam uma jovem mutante chamada Jubileu, e travam uma batalha com os Sentinelas, robôs criados para capturar mutantes.

Apêndice 5 - Glossário de Filmes

Aqui você vai encontrar um pouco mais sobre filmes mencionados neste trabalho em ordem alfabética.

"Harry Potter" (2001 - 2011. Franquia)

Sinopse: Uma série de filmes britânico-americana baseada na série de livros homônima da escritora J. K. Rowling. Contam a história de Harry Potter, um menino bruxo que sobreviveu ao ataque do maior bruxo das trevas que já viveu. Ao longo dos anos acompanhamos Harry e seus amigos, Hermione e Rony, em aventuras e lutando contra o mal. Títulos da franquia principal de filmes: Harry Potter e a Pedra Filosofal (2001), Harry Potter e a Câmara Secreta (2002), Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban (2004), Harry Potter e o Cálice de Fogo (2005), Harry Potter e a Ordem da Fênix (2007), Harry Potter e o Enigma do Príncipe (2009), Harry Potter e as Relíquias da Morte: Parte 1 (2010), Harry Potter e as Relíquias da Morte: Parte 2 (2011).

"O Mágico de Oz" (Título original: The Wizard of Oz, 1939)

Sinopse: Dorothy e seu cachorro Totó são levados para a terra mágica de Oz quando um ciclone passa pela fazenda de seus avós no Kansas. Eles viajam em direção à Cidade Esmeralda para encontrar o Mago Oz e no caminho encontram um Espantalho, que precisa de um cérebro, um Homem de Lata sem um coração e um Leão Covarde que quer coragem. O Mago pede ao grupo que tragam a vassoura da Bruxa Malvada do Oeste a fim de ganharem sua janda.

"Senhor dos Anéis" (2001 - 2003. Franquia)

Sinopse: É uma trilogia cinematográfica com base na obra-prima homônima de J. R. R. Tolkien. No mundo ficcional na Terra Média, seguimos o jovem hobbit Frodo Bolseiro em sua missão de destruir o "Um Anel", assegurando assim também a destruição de seu criador, o Senhor das Trevas Sauron. Para auxiliá-lo em sua tarefa, forma-se uma sociedade, composta por representantes dos humanos, hobbits, elfos e anões, encarregados de sua segurança pelos estranhos caminhos que terá que seguir. A franquia também deu origem a spin-offs como: O Hobbit (2012 - 2014, a trilogia: Uma Jornada Inesperada, A Desolação de Smaug e A Batalha dos Cinco Exércitos).

"Star Trek" (1966 - atualmente. Franquia.)

Sinopse: As histórias de Star Trek normalmente mostram as aventuras de humanos e alienígenas que servem a Frota Estelar, uma armada pacífica que serve a Federação Unida dos Planetas. Os conflitos apresentados em Star Trek às vezes representam uma alegoria para conflitos contemporâneos. É uma franquia tipo space opera norte-americana, iniciou-se como uma série de televisão em 1966, originalmente chamada Star Trek e deu origem a diversas histórias derivadas, entre filmes, séries, quadrinhos e universo expandido. Algumas das séries derivadas: Star Trek: The Animated Series, Star Trek: The Next Generation, Star Trek: Deep Space Nine, Star Trek: Voyager, Star Trek: Enterprise, Star Trek: Discovery, Star Trek: Short Treks, Star Trek: Picard, Star Trek: Lower Decks, Star Trek: Prodigy, Star Trek: Strange New Worlds

"Star Wars" (1999 - 2019. Franquia)

Sinopse: Ambientada em uma galáxia distante, onde a luta entre o bem e o mal é o cerne da narrativa. A Aliança Rebelde é formada por um grupo de planetas que se unem para lutar contra o Império Galáctico, liderado pelo temido Darth Vader e pelo Imperador Palpatine. Títulos da franquia principal de filmes: Star Wars: Episódio I - A Ameaça Fantasma (1999), Star Wars: Episódio II - Ataque dos Clones (2002), Star Wars: Episódio III - A Vingança dos Sith (2005), Star Wars: Episódio IV - Uma nova esperança (1977), Star Wars: Episódio V - O Império Contra-Ataca (1980), Star Wars: Episódio VI - O Retorno de Jedi (1983), Star Wars: Episódio VII - O Despertar da Força (2015), Star Wars: Episódio VIII - Os Últimos Jedi (2017), Star Wars: Episódio IX - The Rise of Skywalker (2019), Solo: Uma História Star Wars (2018), Rogue One: Uma História Star Wars (2016).